

UNIVERSITY OF TORONTO



3 1761 00996945 2

& GUEDES, LTD.

DE ENCADERNAÇÃO

irante Reis, 15 E, 15-F

ef. 1841-N.

o

1177/Hho

DELFIN GUIMARÃES

Bernardim Ribeiro

(O Poeta Crisfal)

Subsídios para a História
da literatura portuguesa



1908

Livraria Editora

GUIMARÃES & C.ª

68, Rua de S. Roque, 70

LISBOA

Bernardim Ribeiro

(O POETA CRISFAL)

Obras de Delfim Guimarães

PROSA :

Alma dorida , com prefácio de Teixeira Bastos, 1 vol. broch.	500 réis
A Viagem por terra do sr. João Penha , (crítica literária) 1 fol.	100 »
O Rosquedo , (Scenas da vida de provincia)..	Esgot.º
Ares do Minho , 1 vol. broch.	200 réis

VERSO :

Lisboa Negra , 1 fol.	200 »
Confidências , 1 vol. broch.	400 »
Evangelho , 1 vol. broch.	400 »
Não! Mil vezes não! 1 fol.	200 »
Sim! Mil vezes sim! 1 fol.	100 »
Sonho Garretteano	Esgot.º
A Virgem do Castelo (2. ^a edição) 1 fol.	100 réis
Outonaes , 1 vol broch.	500 »

A PUBLICAR :

Flôres do Mal, (interpretação em versos portuguezes de poesias de Carlos Baudelaire)

TEATRO :

Aldeia na Côrte , drama em 3 actos, de colaboração com D. João da Camara, representado no Teatro D. Amelia, 1 vol. broch.	500 »
Juramento sagrado , comédia n'um acto, em verso, representada no Teatro D. Maria II, 1 fol.	200 »

A PUBLICAR :

Domingo de Páscoa, peça em 4 actos.

OUTROS TRABALHOS :

A Dama das Camélias , de <i>Dumas, filho</i> (tradução), 1 vol. broch.	200 »
Saudades , (Historia de Menina e moça) de <i>Bernardim Ribeiro</i> , edição revista (vol. 29 da Colecção Horas de Leitura)	200 »
Trovas de Crisfal , de <i>Bernardim Ribêiro</i> , edição revista (vol. I da Biblioteca Clássica Popular)	300 »

DELFIN GUIMARÃES

Bernardim Ribeiro

(O Poeta Crisfal)

Subsídios para a Historia
da literatura portugêsa



1908

Livraria Editora

GUIMARÃES & C.^a

68, Rua de S. Roque, 70

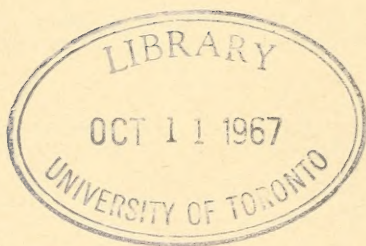
LISBOA

C

PQ

9231

R46Z65



PREFÁCIO

Desde os primeiros anos da mocidade, em que fizemos leitura da *Menina e moça*, o precioso livrinho de prosa de Bernardim Ribeiro, ficámos votando á obra do enternecido bucolista uma grande admiração, ou antes, porque assim definimos melhor o nosso sentir, um carinhoso amor.

Foi este sentimento que nos levou, ha alguns anos, a contribuir com o nosso esforço para dotar o mercado com uma edição popular das *Saudades*, estampada em 1905, e o éxito extremamente lisongeiro alcançado por essa publicação, em que o mérito real da novela conseguiu atenuar os senões resultantes da imperícia do revisor, animou-nos a traçar um plano de trabalhos similares, na convicção em que laborámos de que é um bom serviço prestado ás letras portuguezas o tornar accessíveis ao grande público, por meio de edições modernizadas e económicas, alguns dos melhores livros da nossa literatura quinhentista.

Com esse empenho, fomos levados, naturalmente, a estudar as obras dos escritores que eram apontados como amigos e companheiros de Bernardim, isto é: Sá de Miranda e Cris-

tovam Falcão, acompanhando esse estudo com a leitura dos trabalhos firmados pelos nomes prestigiosos da snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos e dos snrs. dr. Theóphilo Braga e Epiphânio Dias.

Conhecíamos bem a *História de Menina e moça*, como conhecíamos suficientemente as éclogas e as poesias de Bernardim Ribeiro, — as cinco éclogas e as raras composições cuja paternidade nunca fôra contestada ao poeta alentejano.

Será facil, por isto, avaliar da nossa surprêsa quando, pela leitura da obra poética atribuida a Cristovam Falcão, o nosso espírito foi levado a formular com mágoa este raciocínio :

«Muito embora o temperamento dos dois poetas fosse semelhante, mesmo muito semelhante, e eguaes as influências e educações literárias que houvessem recebido; embora fossem eguaes os episódios dos seus infortunados amores, é estranho que por fórma tam absolutamente semelhante traduzissem o seu sentir, revelassem o seu temperamento artístico, chegando a empregar versos absolutamente eguaes! Evidentemente, dizíamos, um dos dois poetas terá sido um simples imitador. Mas qual d'êles?»

Seria infundado o nosso raciocínio? Não estaria no affecto que dispensávamos á obra de Bernardim o motivo que nos levava a não ver claro, não conseguindo estabelecer destrições entre

as obras de Falcão e as de Bernardim Ribeiro?

Não, não estávamos laborando n'um falso critério. E muito antes de nós já um professor e literato illustre, cujo nome evocâmos com viva saudade, Simões Dias, havia notado judiciosamente *que as obras de um podiam ter passado como tendo sido feitas pelo outro.* (1)

A distinta romanista, snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, chegara mesmo a aventar que Cristovam Falcão houvesse sido *o creador do genero bucolico* e Bernardim *o seu primeiro successor e imitador.* (2)

O imitador, a nosso ver, teria sido o mais moço dos poetas.

B. Ribeiro, conforme reza um documento histórico, nascera em 1482. O nascimento de Falcão era fixado pelo snr. dr. Th. Braga em 1497, e pelo sur. Epiphânio Dias em 1521.

Dada a diferença de edades, concluimos que não era natural que Bernardim houvesse sido o imitador de um poeta mais moço do que elle quinze anos, pelo menos: nem se nos afigurava

(1) Curso Elementar da Litteratura Portugueza, por José Simões Dias. Lisboa, 1892, pag. 178.

(2) Poesias de Francisco de Sá de Miranda. Edição de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos — Halle, 1885 pag. 770.

racional que o douto Francisco de Sá celebrasse o engenho e a amizade de Ribeiro se este fosse um imitador servil de outro poeta.

O Cancioneiro Geral de Garcia de Rêzende, publicado em 1516, inserira produções de Bernardim, prova de que este já a essa data era poeta. se não consagrado, pelo menos conhecido e estimado, a par de Francisco de Sá. De Cristovam Falcão, não reproduzia Rêzende qualquer poesia, nem no volumoso Cancioneiro se encontra a mais leve referência ao seu nome; mas esse facto podia ser devido a ter escapado o poeta ao faro investigador de Garcia de Rêzende, ou a este ter atribuído erradamente a Bernardim Ribeiro versos de Cristovam Falcão, como o snr. dr. Theóphilo Braga chegou a admitir. ⁽¹⁾

Estariam em erro os escritores que faziam Cristovam Falcão mais moço do que Bernardim?

Não seria Falcão mais velho do que os seus amigos Sá de Miranda e Ribeiro?

Antes de irmos rebuscar nos arquivos a solução do problema que nos interessava, occorre-nos estudar, profundando quanto possível, as alusões que os poetas se faziam nas suas obras,

(1) Vide: Bernardim Ribeiro e os Bucolistas, por Theóphilo Braga. Porto, 1872, pag. 140 e 141.

a ver se assim conseguíamos apurar um fio condutor.

Nas obras de Sá de Miranda encontrámos grande numero de alusões a Bernardim Ribeiro, como na obra de este poeta as alusões ao seu amigo e confidente Francisco de Sá eram manifestas e ameudadas. Em Sá de Miranda e Bernardim não transparecia a menor referência a C. Falcão, e na obra attribuida a este uma alusão apenas a um pastor designado pelo nome de *Antonio*.

Sucedia que *Anton* era um dos crismas pastoris com que Miranda se disfarçava nas suas éclogas, e assim não tivemos dúvida em deduzir que Cristovam Falcão se referia ao seu amigo filósofo.

Mas o que se nos afigurava muitíssimo estranho era que nem Francisco de Sá nem Bernardim aludissem ao seu amigo e companheiro!

Cotejámos então as referências de Bernardim a Francisco de Sá com a alusão que na écloga de *Crisfal* havíamos interpretado como visando esse poeta, e qual não foi a nossa alegria, a nossa viva satisfação, ao reconhecer que os versos de *Crisfal* que alvejavam Miranda condiziam perfeitamente com as referências das éclogas de Bernardim ao seu grande amigo e confidente! Não condiziam apenas: completavam, aclaravam, a nosso ver, essas alusões.

Fez-se então uma grande luz no nosso espírito. Não se tratava de dois poetas muito parecidos, de um creador e de um imitador. Bernardim Ribeiro e *Crisfal* eram um único poeta. O trovador Cristovam Falcão era o produto de uma lenda nascida da interpretação dada pelo vulgo ao anagrama *Crisfal*.

E, para que o nosso convencimento mais se robustecesse, lá estavam os dizeres alusivos á écloga de *Crisfal* da edição de Colónia, revelada pelo snr. dr. Th. Braga, e estudada pelo snr. Epiphânio Dias: «*que dizem ser de Cristovam Falcão, ao que parece aludir o nome da mesma écloga.*»

Que dizem ser... ao que parece aludir...

Isto, a nossos olhos, era decisivo.

Os editores de 1559 das obras de Bernardim Ribeiro, e antes de elles os de 1554, como depois viemos a apurar, tinham registado com relação á écloga uma fábula que devia datar da primeira edição das *Trovas de Crisfal*, que, não obstante ser dada á estampa sem designação de ano, se reconhece, pelo confronto com outros *pliegos-sueltos* da época, ser de 1536, como criteriosamente concluiu o snr. dr. Th. Braga.

Alcançada a convicção de que *Crisfal* era um anagrama de Bernardim Ribeiro, e norteados pelo conhecimento de que nas suas produções o poeta mudava constantemente os seus nomes

pastoris, com um pequeno trabalho de raciocínio não nos foi difficil deduzir a constituição do cryptograma, que era formado pelas primeiras sílabas das palavras *Crisma* e *Falso*.

Chegados a esta altura, mais por descargo de consciência do que receosos de laborar em erro ou de sermos vítimas de uma miragem, fomos analisar todas as fontes de informação que eram apontadas nos trabalhos dos snrs. dr. Theóphilo Braga e Epiphânio Dias.

E a conclusão a que chegámos, após esse exame, foi a de que, desde Diogo de Couto ao preclaro fabulista Faria e Souza, desde o fantasioso Alão de Moraes ao *insigne patranheiro* de fr. Bernardo de Brito, todos os plumitivos citados não haviam feito outra cousa mais do que aceitar como ouro de lei o pechisbeque de uma lenda estúpida tecida pelo vulgo ignorante, e posta a correr mundo graças á inépcia dos editores dos escritos legados por esse grande e infortunado poeta que foi Bernardim Ribeiro!

Seguros do nosso juizo, dando por bem empregados os meses de labor consagrados ao estudo dos poetas quinhentistas, e cônscios de que íamos elevar a um pedestal ainda mais subido o nome de Bernardim Ribeiro, entendemos não dever vir a público com a descoberta sem estarmos habilitados a comprová-la com outros argumentos mais, além dos que haviam motivado a

nossa convicção, para assim podermos demolir, a uma por uma, as pedras basilares com que o nome consagrado do snr. dr. Theóphilo Braga ergueu o monumento, aparentemente sólido, que ofertou ás letras pátrias, fazendo quase real, palpável, uma miragem secular...

Conhecíamos a responsabilidade em que incorriamos ousando contraditar o venerado professor do Curso Superior de Letras, tanto mais que nem a importância que ligávamos á nossa descoberta nos fazia crear ilusões sobre o valor do nosso obscuro nome em relação ao do operoso escritor da *Historia da Litteratura Portuguesa*.

Precisavamos, pois, de nos munirmos com o maior numero possível de elementos e argumentos em apoio da nossa descoberta, prosseguindo afanosamente os nossos estudos, e acompanhando-os com as indispensáveis pesquisas nos arquivos públicos.

Metemos hombros á tarefa, e, após alguns meses de aturado labor, conseguíamos ter reunidos em Abril de este ano elementos mais que bastantes para nos permitirmos tornar conhecida, com todo o desassombro, a descoberta que havíamos feito, e que, sem falsa modéstia, reputavamos de alta importância para a Historia das letras portugêsas.

Nos primeiros dias de maio tivemos ensejo de procurar o nosso bom amigo snr. dr. Alfredo

da Cunha, director do *Diario de Noticias*, tam primoroso poeta como conceituado jornalista, e expusemos-lhe o resultado dos nossos trabalhos, comunicando-lhe alguns pormenores dos estudos realizados, e deixando no espirito do nosso illustre confrade, quis-nos parecer, a impressão de que havíamos resolvido um problema deveras interessante, pelo que nos felicitou com a gentileza que lhe é própria.

Prometeu-nos o snr. dr. Alfredo da Cunha dar notícia no seu jornal do livro que preparávamos sobre o assunto, e com effeito, poucos dias depois, em 7 de maio, o *Diario de Noticias* dava á publicidade esta local, excessivamente gentil :

Noticia litteraria de sensação

Consta-nos que, depois de aturado estudo, e minuciosa investigação, conseguiu o illustre escriptor e distincto poeta Delfim Guimarães apurar que a figura do poeta Christovam Falcão pertence exclusivamente ao dominio da lenda, por isso que tal poeta só existiu na imaginação daquelles que viram num «anagrama cabalistico» de Bernardim Ribeiro a encarnação de outra individualidade.

A obra attribuida a Christovam Falcão, desde a Carta e Trovas de Chrisfal ás Cantigas e Esparsas da edição de Colonia, pertence exclusivamente a Bernardim Ribeiro, como nos dizem que será demonstrado no trabalho que Delfim Guimarães tem entre mãos, e que em breve será dado á estampa.

Se assim é realmente, e se aquelle consciencioso escriptor conseguiu fazer luz clara sobre tão importante ponto da nossa historia litteraria, o nome de Delfim Guimarães ficará vinculado perduravelmente a um trabalho de altissimo valor, que causará sensação a todos quantos se interessam pelos assumptos da litteratura patria, e que por isso ficamos aguardando com verdadeira curiosidade.

A noticia divulgada pelo popular diário fez certa sensação nos centros literários, conforme nos informaram pessoas amigas.

E o interesse dispensado á questão literária, que o *Noticias* referiu, mais se avolumou quando, em 9 do mesmo mês, o *Diario da Tarde*, do Porto, em editorial não firmado, mas devido á pena aprimorada do brilhante cronista João Grave, estampou o seguinte artigo :

Christovam Falcão é Bernardim Ribeiro

O *Diario de Noticias*, illustre e brilhante jornal de Lisboa, publicou esta semana uma noticia do mais alto interesse historico e que vae, de certo, produzir uma sensação profunda nos nossos meios eruditos e litterarios. Affirmava-se n'essa noticia, em resumo, que Delfim Guimarães, escriptor e poeta de raro merito, depois de longos e pacientes tempos de investigação e d'estudo, concluirá que Christovam Falcão, o doce e immortal auctor de *Crisfal* e das suaves trovas d'um bucolismo tão meigo — nunca existira! Essa revelação não nos surprehendeu, porque não foi inesperada para nós. Christovam Falcão era uma personalidade artis-

tica muito nebulosa, á volta da qual a historia e a critica nunca fizeram uma viva claridade. O pouco que do poeta se sabia, dizia-o Innocencio no seu «Diccionario Bibliographico», por uma forma que deixava prevalecer toda a duvida. Innocencio apontava-o como governador antigo da Ilha da Madeira, chamava-lhe commendador de Christo, dava-o vagamente nascido em Portalegre, florescendo, pelo seu talento e pela sua inspiração poetica, no reinado de D. João III; mas, na rapida nota que consagra a Christovam Falcão, indica de relance que a sua biographia é quasi desconhecida e que o que Barbosa d'elle afirma é cheio de incoherencias e de absurdos, sendo impossivel chegar a conclusões nitidas. Para elucidar este ponto obscuro, dirigiu-se Innocencio em carta ao dr. Rodrigues Gusmão, de Portalegre, pedindo-lhe esclarecimentos precisos e noções exactas sobre a vida e obras do immortal auctor de *Crisfal*, em cujas paginas, d'um lirismo candido e d'uma limpida e forte emoção, se espelham toda a saudade intensa e todo o sentimento elegiaco e doloroso da alma lusitana; a resposta, porem, foi desalentadora. O dr. Rodrigues Gusmão confessou que na sua terra «ninguem se lembrava de Christovam Falcão, nem da sua ecloga, apesar de tam nomeada». O investigador esmoreceu e não levou mais longe as suas buscas; mas a individualidade litteraria de Christovam Falcão obscureceu-se ainda mais.

Nós, os que apenas conheciamos o poeta pelo seu meigo e ingenuo trovar, não nos preocupavamos impacientemente com esse facto. Bastava-nos a certeza de que um grande poeta com esse nome ou com outro, compozera, nos seculos distantes em que a intelligencia portugueza balbuciava, versos d'um indizivel encanto, accentuando já a tristeza espontanea e natural, o profundo subjectivismo da raça. Era um bardo amoroso e namorado, contemplativo e sonhador, que na sua linguagem d'ouro encontrara formulas maravilhosas e

d'uma admiravel pureza plastica, para exprimir as suas aspirações e as dores e as maguas da sua angustiada paixão. O resto, pouco nos importava.

Reconheciamos, no entanto, que para a critica e para a historia, esse ponto era d'uma elevação essencial, e pensavamos que os nossos criticos e os nossos historiadores um dia derramariam alguma luz sobre o mysterio que envolvia um homem — que foi dos primeiros e directos representantes do genio do seu povo, como o foram Camões e Bocage, e João de Deus e Camillo Castello Branco recentemente. E, com effeito, alguém se entregava a esse problema, julgando tel-o resolvido d'um modo incontestavel, e documentando-o abundantemente, para que toda a verdade refulgisse.

Foi justamente n'esta altura que Delfim Guimarães, um poeta e um romancista de talento, veio trazer á imprensa a sua extraordinaria revelação, negando que Christovam Falcão existisse, o que, se não nos surpreendeu pelo tom peremptorio em que era feita, nos impressionou por um episodio em que fomos apenas meros comparsas.

*

* *

E porque nos não surpreendeu a revelação de Delfim Guimarães, camarada illustre que muito admiramos? Não era ella esplendida e não vinha rasgar aos criticos da obra de Christovam Falcão horisontes inteiramente novos e luminosos? Certamente. Mas nós já sabiamos que Christovam Falcão era apenas um pseudonymo, não porque sobre isso tivéssemos feito minuciosos estudos, mas por este simples facto: — Ha um anno, pouco mais ou menos, o insigne publicista portuense José Pereira de Sampaio (Bruno), assiduo frequentador, n'essa epoca, da Biblioteca Municipal, de que hoje é conservador, passava os seus dias n'esse admiravel

estabelecimento, lendo incessantemente as obras de Bernardim Ribeiro e de Christovam Falcão, tomava notas, confrontava textos, tendo por vezes um ar de satisfação e d'alegria que attrahiu a nossa attenção: e com a nossa curiosidade de novellistas, perguntamos-lhe certa tarde, quando elle mais absorvido estava no seu estudo:

— Que novidade encontra você em livros que conhecia até á saciedade? Reaccendeu-se no seu espirito o amor por «Crisfal» e pela «Menina e Moça»?

— Não! É cá uma coisa! — respondeu Bruno indolentemente, como quem quizesse fugir a mais demoradas explicações.

— Perdão! — atalhamos nós risonhamente. Não é nosso intento arrombar uma gaveta fechada! Sufa! Fomos indiscretos até á brutalidade?

E despedimo-nos do escriptor, que remergulhou na leitura de Christovam Falcão e de Bernardim Ribeiro. A' sahida da Bibliotheca, porém, José Sampaio, com o seu ar immensamente affavel (que torna tão grata a sua camaradagem) approximando-se de nós, explicou aberrantemente:

— Ouça! Sempre lhe quero dizer o motivo da minha demorada leitura d'estes dias. É um segredo, mas confio na sua lealdade e na sua discreção. Christovam Falcão nunca existiu, e não é mais do que o pseudonymo de Bernardim Ribeiro! Prova-lo-ei n'um livro que heide escrever mais tarde.

— Mas como pôde subsistir por tanto tempo um erro d'essa ordem? E como se não encontraram documentos bibliographicos que o elucidassem?

— A questão provem d'uma má interpretação dos documentos. O erro subsistiu por uma falta dos criticos. *Crisfal* é bem o anagrama de Cristovam Falcão. Até aqui, muito bem. Mas ninguem se lembrou de que Christovam é em grego *Cristoforos*, isto é, *porta-Christo*.

Por este caminho, se a nossa critica possuisse dons d'imaginação essenciaes á sua actividade, seria facil entender o erro, e encontrar a verdade. Eis tudo!

Bruno, ao terminar esta curiosa e para nós impre- vista exposição, resplandecia de contentamento—d'esse contentamento que deve encher a alma do mineiro, quando de subito encontra um filão d'ouro! E recordá- mos então que o proprio Innocencio, no seu Dicionario Bibliographico, estivera a dois passos da verdade, que teimosamente se recusara a reconhecer. Effectivamente alludindo a J. M. da Costa e Silva, assevera que elle faz romances quando escreve «que as poesias que nos res- tam de Christovam Falcão, não foram impressas em separado, mas sim juntas com a *Menina e Moça*».

Não era este facto decisivo ponto de partida para se colher alguma certeza acerca da personalidade littera- ria do auctor do Crisfal? Evidentemente!

Não existem, pois, duvidas. Christovam Falcão é o amoravel, o terno, o doce. o idyllico bucolista Bernar- dim Ribeiro, cabendo a Delfim Guimarães a gloria de fazer esta affirmação, pela primeira vez na imprensa, antes de a fixar definitivamente em livro. Cremos que a opinião de José Sampaio lhe será grata, e por isso mesmo aqui a reproduzimos.

A publicação do interessantíssimo artigo de João Grave motivou a seguinte carta do erudito escritor, snr. José Pereira de Sampaio, dada á publicidade no numero do *Diario da Tarde* de 11 de Maio:

Meu caro João Grave

Eu não tenho — como se diz vulgarmente — sorte ne- nhuma. Nem nas coisas pequenas nem nas grandes.

Esta do caso de Christovão Falcão é grandissima. Mas releve-me que lhe conte uma das pequenas, porque, sendo typica, tem até uma nota tragica.

Uma certa tarde, aqui ha annos, o meu amigo Arthur de Seabra, homem intelligente, sabedor e de complexa curiosidade de espirito, fallou-me com louvor de determinado artigo que apparecera no ultimo fasciculo publicado da *Revue*, de Paris, da qual elle era assignante. Provocou-me o appetite de ler o artigo e pedi-lhe emprestado esse fasciculo.

Ora, devolvendo-lh'o, a Seabra lhe communiquei que, havendo folheado a caderneta, encontrara outro escripto sobre assumpto inteiramente diverso e que se me figurara mui interessante. Lêra-o egualmente Seabra e com o meu parecer concordou.

Eu, porém, observei-lhe que, sendo ess'outro artigo, na verdade, notavel, elle, a meu juizo, estava incompleto, e, insufficiente, não esgotava o assumpto.

Vou precisar.

O artigo a que me estou referindo era escripto pelo astronomo-poeta Camillo Flammarion, intitulava-se *Projecto de reforma do calendário* e sahio no n.º respeitante ao 1.º de Maio de 1901, em *La Revue*. Apresentava a tabella de um «Calendario racional e perpetuo», 4 trimestres eguaes. Fiz notar a Seabra que o trabalho de Flammarion estava imperfeito e que ficaria completamente perfeito, se elle fizesse o anno de treze mezes, de 28 dias cada

Seabra, porém, não me entendeu e sorriu-se com piedoso desdem do meu desplante de, portuguez e obscuro, tentar corrigir um francez e illustre como Flammarion.

Este desdem compassivo excitou-me e, retirado Seabra, dei-me a fazer a tabella de um Calendario racional, perpetuo e universal, cujo dia de festa annual (o antigo 20 de março), novo dia do anno, ficaria numerado 0, e

que seria composto de 13 mezes, de 28 dias cada um. Então o dia 1 de cada mez seria uma segunda-feira, o dia 2 uma terça e assim successivamente. Domingos, os dias 7, 14, 21 e 28. Quer dizer, o mesmo mez serviria para todo o anno e indefinidamente. No caso de Flammarion, a numeração dos dias do anno simplificava-se na de um trimestre; no caso que eu propuz a Seabra, simplificava-se ainda mais, na de um unico mez, renovando-se sem fim.

Ultimado o trabalho, elementarissimo, quando impatientemente esperava a visita quasi quotidiana de Seabra, uma pessoa de minha casa entrou alarmada no meu quarto, a participar-me que de casa de Seabra acabavam de mandar dizer que elle, n'aquella manhã, tivera um ataque e se encontrava agonizante. Com effeito, morreu ao cahir da noite.

Presume, meu caro Grave, o effeito d'essa terrivel surpresa. Com um desgosto de superstição, arremessei a tabella feita para o fundo d'uma gaveta e não quiz cuidar mais em objecto tal.

Quando, tempo decorrido, vem-me ter ás mãos uma separata do *Boletim da Sociedade Astronomica de França*, referente a julho d'esse anno, 1901, e intitulada «*As imperfeições do Calendario, Projecto de reforma*», por Camillo Flammarion.»

Folheio o opusculo, editado pela bem conhecida livraria especial mathematica de Gauthier-Villars, e que vejo? Vejo que Camillo Flammarion dera em Julho no *Bulletin*, pelo que lhe escapara, em maio, na *Revue*. Elle apresentava agora, a seguir ao seu antigo Calendario de quatro trimestres eguaes de 91 dias, já levemente modificado, aquell'outro que eu suggeria ao Seabra e que Flammarion (pag. 16 da separada) denomina «2.^o type».

Hoje, Grave amigo, no respeitante ao caso occorrente de Christovão Falcão, o meu desgosto é com far-

tura compensado, porque quem primeiro deu a publico a noticia de que Christovão Falcão é Bernardim Ribeiro (como indubitavel e incontrovertivel seja) encontra-se ser um moço excellente, estudioso e cheio de merito. Mais: meu conterraneo e amigo, como já meu pae fôra amigo do pae d'elle. E até do mesmo nosso Bomjardim, meu visinho, da casa fronteira, onde na varanda o vi menino, correndo de babeirinho.

E', pois, não só com a anciedade mais viva, mas nas mais affectuosas disposições que fico aguardando o livro de Delfim Guimarães.

No meu, se bem que esse fosse o thema mais importante, contudo não era só de Christovão Falcão que eu me occuparia e não só ahi pretendia promover claridade e fazer voar o capirote, como ousava imaginar que o realisaria. Agora, no ponto, de outrem conto a suspirada claridade recebel-a. *Post tenebras spero lucem.*

Mas, como disse, não só de Christovão Falcão (isto é Bernardim Ribeiro) eu me occuparia, porém sim de varias personalidades eminentes da nossa litteratura portugueza, inclusa a maior de todas, Luiz de Camões. e ainda de varias personalidades eminentes da litteratura dos nossos irmãos hespanhoes, inclusa a maior de todas, Miguel de Cervantes.

Já agora, prezado e distinctissimo confrade, duas vezes collega (sabe, porque me tem aturado, que eu sou tagarella, quando não sou soturno), — pois que venha ao lance, deixe-me caturrar.

Na collecção das «Historias das litteraturas» editada recentemente pelo livreiro de Paris Armand Colin, em o volume da «Litteratura hespanhola», traduzido por Henry D. Davray, — seu auctor James Fitsmaurice — Kelly, com motivo da polemica suscitada em torno do «Quichote» de Avellaneda, no fito de apurar quem seria d'elle o verdadeiro auctor, depois de mencionar as

varias supposições até ás modernas de Menendez Pelayo e P. Groussac, exclama, com sobranceiro escarneo: «Finalmente, cumulo do absurdo, emittiu-se a hypothese de que Avellaneda era o pseudonymo do proprio Cervantes!» (pag. 248).

Pois esse «cumulo do absurdo» é que é a simples verdade. E Avellaneda é, com effeito, o proprio Cervantes.

O que no meu planeado livro outro-sim supponho que desenvolverei, como me parece que revelo quem é o verdadeiro auctor da «Arte de Furtar» (que, não sendo o Padre Antonio Vieira, não é tal, Thomé Pinheiro da Veiga, consoante está correndo aliás em nossas historias litterarias). Esta revelação a faço no estudo de que, para o primeiro tomo, a apparecer proximamente, das «Memorias» da Academia de Sciencias de Lisboa, ha pouco installada, ao snr. Antonio Cabreira enviei já os primeiros capitulos.

Santo Deus! Quam pedantesca e pretenciosa me sahe esta exposição! Mas que lhe fazer e como esquivar a pecha? E' impossivel, porque reside no trama do proposito.

Desde que, de resto, minha consciencia está tranquilla, pois que não invento nem minto, porque amofinar-me? E' possivel que esteja em erro, mas estou-o de boa fé.

Quem não está em erro é o nosso amigo Delfim Guimarães, quando affirma que Christovão Falcão é Bernardim Ribeiro. N'isso é que não póde quedar sombra de duvida. Christovão Falcão é, com effeito, Bernardim Ribeiro.

A elle, Delfim Guimarães, o felicito pela sua descoberta. Mas a si, meu caro João Grave, como agradecer-lhe devidamente a magnanimidade de sua intenção e ainda as generosas e amaveis palavras com que me penhora? Se o admirava pelo seu talento, se o prezava

por seu coração, novamente v. me captiva pelo reconhecimento.

Porto, 10 de maio de 1908.

Todo seu,

JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO (BRUNO).

Reproduzindo integralmente o artigo do nosso prezado camarada João Grave, e a carta do ilustre escritor snr. José Pereira de Sampaio, entendemos cumprir um dever, que só é grato para nós, qual é o de associarmos ao trabalho que apresentamos ao público o nome consagrado de *Bruno*, que veio valorizar a nossa descoberta com o apoio da sua opinião autorizada, e que, a quantos prezam a figura literária de Bernardim Ribeiro, garante a certeza de que, embora nós não consigamos, por deficiência, fazer vingar uma obra de justiça, essa tarefa não deixará de ser levada a cabo, com o maior brilhantismo, pelo insigne pensador nosso conterrâneo.

O que nos será extremamente agradável é vir a saber que *Bruno*, que talvez primeiro do que nós decifrou um enigma de séculos, conseguiu encontrar nas páginas desluzidas do nosso trabalho quaesquer elementos de alguma utilidade ou interesse para o livro que tem entre mãos.

Além da sua vasta erudição, esclarecido cri-

tério e adestrada pena, possui José Pereira de Sampaio um método verdadeiramente científico de análise e crítica, qualidades que nos faltam em absoluto, e de que se ha de ressentir evidentemente o nosso modesto estudo.

A convicção que temos é de que, muito embora defeituoso e monótono, o livro que apresentamos no mercado terá o acolhimento benévolo que é devido a todo o trabalho consciencioso; e este, dizêmo-lo com legítimo orgulho, de tudo poderá ser apodado menos de representar o que quer que seja de improbo.

Procuramos contribuir, na medida das nossas faculdades, para uma obra de justiça, sendo de esperar que nos reconheçam o trabalho paciente e demorado a que nos entregámos e as intenções que nos animam.

Embora, em resultado da nossa descoberta, o snr. dr. Teóphilo Braga tenha de refundir mais uma vez os seus trabalhos sobre Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda, estamos plenamente convencidos de que ninguém estimará mais do que o incansavel professor do Curso Superior de Letras a luz derramada sobre a figura do grande poeta bucolista, amigo de Francisco de Sá.

Finalizando a despretenciosa apresentação do livro, cabe-nos aqui consignar o nosso reconhecimento muito vivo para com as pessoas que

no decorrer do nosso trabalho tivemos de importunar, e que sempre encontramos dispostas a prestar-nos o auxílio de suas luzes, e que nos facultaram livros, esclarecimentos e obsequiosos serviços, que não podemos deixar em silêncio.

É-nos grato, pois, mencionar os nomes dos distintos escritores: snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vanconcellos, snr.^s Anselmo Braamcamp Freire, Annibal Fernandes Thomaz, Henrique Marques e João Grave, e os dos nossos bons amigos snr.^s José Antonio Moniz e Vasco Valdez, conservadores da Biblioteca Nacional de Lisboa e da Torre do Tombo, que tanto nos penhoraram com a sua inteligente e prestante coadjuvação.

Lisboa. 4 de agosto de 1908.

DELFIN GUIMARÃES.

BERNARDIM RIBEIRO

(O Poeta Crisfal)

I

A vida do poeta em face dos documentos históricos

Aquel noble donzel que aqui cercano
Con tal nuestra esperanza se crió,
Quando el la voz divina con la mano
Tambien divina tañiendo acordó,
Luego a vozes lo dijo un viejo cano
(Ai de lo porvenir quanto que vió!);
Quan presto te arrepientes, cruel hado,
Quanto das tanto bien, de havel-o dado!

Sá de Miranda

O documento mais valioso, até hoje conhecido, referindo pormenores concernentes á vida do reformador do lirismo portuguez foi encontrado ha alguns anos pelo escritor snr. Antonio Maria de Freitas, que o ofertou ao snr. visconde de Sanches de Baena, e que este titular deu á estampa no opúsculo que publicou em 1895. Foi extratado pelo snr. dr. Theophilo Braga no volume consagrado a Bernardim Ribeiro, dado á publicidade em 1897, fazendo parte da collecção de trabalhos que o incansavel professor subordinou ao titulo de *Historia da Litteratura Portugueza*.

E' esse documento a peça jurídica que em seguida reproduzimos na íntegra:

— «Senhor. Em obediencia ao despacho lançado por Vossa Magestade no requerimento do tenente de infantaria Francisco Ribeiro e remetido a esta Junta, cumpre informar que, das diligencias a que procedi e a que mandei proceder para verificar a verdade das allegações n'elle apresentadas sobre ser bisneto do doutor Bernardim Ribeiro e da justiça que lhe assiste de ser empossado nos bens que d'este foram e passaram a esta Serenissima Casa, se conclue que Bernardim Ribeiro nasceu em 1482 e hera filho de Damiam Ribeiro, criado dos Duques de Vizeu que cahido em desgraça por causa das desavenças de seu amo com El Rei D. João 2.^o teve de se refugiar em Castella e lá morreu pouco depois com suspeitas de morte violenta.

— Bernardim Ribeiro com sua mãe e humã irmã se socorreram do amparo de seu parente o desembargador da casa da supplicação Antonio Zagalo e de sua irmã D. Ines a qual os levou para a Villa de Cintra e os trouxe recolhidos em segredo por algum tempo na Quinta denominada dos Lobos té que sendo fallecido El-Rei D. João e succedendo-lhe El-Rei D. Manoel por mercê a D. Ines que depois foi ama da Senhora infanta D. Brites Duqueza de Saboya lhe fez muitos favores e accrescentamentos de fortuna e tomou o referido Bernardim sob sua Real Guarda e o mandou cursar os estudos na Universidade donde sahio com o grão de Bacharel em leys.

A doação que de Sua Alteza recebeo por essa occasião das Terras e Azenha dos Ferreiros com seus termos e que agora he requerida na petição que veio a informar a esta Junta, já tão bem fôra pleiteada por Gonçalo Ribeiro, primo germano do dito Bernardim e por outros lateraes, depois da morte d'elle succedida no anno de 552, e visto que elle, como he provado no processo que então correu e que existe no archivo d'esta Serenissima Casa, não tinha herdeiros legitimos obrigados. E como o termo da dita doação feita no anno de 505, o qual vac junto por copia, declara mui formalmente que, no caso do amerariado não haver filhos legitimos que os bens passem a esta Serenissima Casa; em virtude de tal clausula já o Senhor Rey D. Sebastião indeferiu as petições citadas.

Allega o requerente agora ser bisneto de Bernardim Ribeiro, allegação esta que he inteiramente estranha e nova, porque nem mesmo por via illegitima se pode fun-

damentar, referida a Bernardim Ribeiro escrivão privado do Senhor Rey D. João 3.^o, o qual nunca foi casado nem consta de boas memorias haver tido descendencia bastardã de huma sua prima, como allega o requerente. E quando assim fosse, que se provasse ser essa a descendencia do requerente Francisco Ribeiro e por elle apresentada, nem isso lhe daria direito á emposse dos bens doados a seu presuposto bisavô, porquanto desse direito ficou excluida a descendencia não legitima.

Esta nova allegação torna-se tanto menos acceitavel, apesar dos certificados que a acompanham, quanto é certo que se o Doutor Bernardim houvesse filho ou filha, o Senhor D. João 3.^o, que tanto o protegia e nem o desamparou da sua grande caridade nos ultimos annos da sua vida em que a luz do entendimento já fraca desde muito o veio a desamparar de todó n'uma cella do hospital de Todos os Santos onde acabou, não tivesse remediado qualquer falta da sua mocidade, e fizesse algum bem aos que d'elle ficassem.

Ora mandando Sua Alteza que se dessem por vagos os bens pretendidos e julgada a sua incorporação n'esta Serenissima Casa, he porque de certo ao tempo não se conhecia nenhuma das circumstancias apresentadas agora pelo requerente sobre a descendencia de Bernardim Ribeiro, a qual pezasse no animo de Sua Alteza para dispôr dos bens a favor de seus filhos em justiça de herança ou em acto de caridade.

No entretanto, Vossa Magestade fará o que muito bem Lhe aprouver para galardoar os serviços de Francisco Ribeiro á causa da sua aclamação.

Deos Guarde e Conserve a preciosa Vida de Vossa Magestade por dilatados annos.

O dez.^o RODRIGO RODRIGUES DE LEMOS,

Lisboa, 6 de maio de 642.» (1)

Faz este documento referência a um pleito instaurado depois de 1552 por *Gonçalo Ribeiro, primo germano de Bernardim e por outros lateraes.*

Corroborando estes dizeres, temos o que Ca-

(1) *Bernardim Ribeiro*, pelo Visconde de Sanches de Baena. Lisboa, 1895, pag. 40 e 41.

millo Castello Branco escreveu nas *Noites de insomnia*:

«No principio do seculo XVIII ventilava-se uma questão de vinculos entre familias do Torrão que se assignavam *Ribeiros* e *Mascarenhas*, e appenso aos autos andava um instrumento antigo em que João Ribeiro, filho de Gonçalo Ribeiro, senhor de Aguiar de Neiva e Couto de Carvoeiro no almoxarifado de Ponte do Lima, provava ser *primo co-irmão de Bernardim Ribeiro, fidalgo principal e muito conhecido pelos seus versos intitulados Menina e Moça*. O referido instrumento era passado em 1552, sendo já fallecido Bernardim Ribeiro⁽¹⁾.»

O documento historico atrás reproduzido não cita a terra do Alentejo em que o poeta veio á luz, mas todos os escritores teem sido unánimes em designar a vila do Torrão como seu berço, e é lícito deduzir que Bernardim se referia ao torrão natal na sua écloga II, que réza:

Dizem que havia um pastor
antre Tejo e Odiana,
que era perdido de amor
per ãa moça Joana.
Joana patas goardava
pela ribeira do Tejo,
seu pai acerca morava,
e o pastor do Alentejo
era, e Jano se chamava.

Quando as fomes grandes foram,
que Alentejo foi perdido,
da aldêa que chamam Torrão
foi este pastor fogido.

(1) Noites de insomnia, por Camillo Castello Branco, Porto, 1874-Outubro-tomo n.º 10, pag 34.

De uma das redacções da écloga *Basto*, de Sá de Miranda, amigo e confidente de Bernardim Ribeiro, em que se encontram os seguintes versos:

Trouxeste-me ora á lembrança
Um amigo do Torraão ⁽¹⁾

concluiu o sr. dr. Theóphilo Braga⁽²⁾ que Miranda aludia ao próprio Bernardim, por este ser natural d'aquella vila alentejana. Francisco de Sá alude a um amigo comum dos dois poetas, como demonstraremos no seguimento d'este trabalho.

Sobre os primeiros anos da vida de B. Ribeiro não se encontra outra documentação que não seja a que dimana do instrumento jurídico de 1642.

A mãe do poeta, segundo as notícias genealógicas trazidas a público pelo snr. visconde de Sanches de Baena teria sido D. Joana Dias Zagalo, tia do desembargador Zagalo.

Sobre uma irman de Bernardim Ribeiro, a que alude o documento, e de que também faz menção o trabalho do snr. visconde de Sanches de Baena, nada se averiguou até hoje.

Na écloga *Alejo*, de Sá de Miranda, o pastor Alejo (Bernardim) refere-se a uma *hermana*, mas é possível que n'essa poesia de Miranda, sob o tratamento de *irman*, se faça alusão a uma dama a quem o poeta das *Saudades* votava uma afeição fraterna, ou inclusivamente á própria namorada de Bernardim.

(1) Poesias de Francisco Sá de Miranda. Edição de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Halle, 1885, pag. 553.

(2) Bernardim Ribeiro e o Bucolismo, por Theophilo Braga, Porto, 1897 --- pag. 18.

Pelo casamento de Inês Alvares com Sancho Tavares, de Extremoz, e talvez em virtude do falecimento da mãe do poeta, é possível que Bernardim Ribeiro passasse de Cintra a Extremoz, e que ali residisse algum tempo, ou até largo período de anos.

Não é conhecida a data do falecimento da mãe de Bernardim.

Na égloga *Alejo*, de Miranda, o pastor Sancho, refere-se á creança que adoptara ha *dezisiete* *anos*, ⁽¹⁾ e que é o zagal *Alejo*, nome pastoril que Bernardim Ribeiro tem n'essa composição do seu amigo. Como o reconheceu o snr. dr. Th. Braga, no pastor Sancho está personificado o marido de Inês Alvares.

O snr. dr. Theophilo Braga, a pag. 31 de seu livro *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo* fixa a permanência de Bernardim no Torrão dos quatorze aos vinte e um anos, ou seja desde 1496 a 1503 ou 1504. Certamente por lapso de memória, esqueceu-se o ilustre professor de que a páginas 27 da mesma obra escrevera o seguinte: «E' pois *Lucrecia Gonçalves* a dama, que nos anos de adolescência passados em Cintra se namorou do poeta, etc »

Em 1505 era feita a Bernardim Ribeiro doação das «Terras e Azenhas dos Ferreiros com seus termos» no concelho de Extremoz, mercê régia solicitada por certo, e destinada a aumentar os rendimentos do poeta, permitindo-lhe a permanência na capital, onde o deviam prender os estudos preparatórios do curso universitário.

(1) Poesias de Sá de Miranda, Edição de 1614 f.^o, 80 v.

O snr. D. José Pessanha, na sua edição da *Menina e moça* publicada em 1891, trouxe a público uma informação muito valiosa: — por apontamentos que lhe foram fornecidos pelos snrs. Gabriel Pereira e dr. Augusto Mendes Simões de Castro, ficou-se conhecendo que nos anos de 1507 a 1511 ou 1512 frequentava a Universidade, a esse tempo em Lisboa, um estudante com o nome de *Bernardim Ribeiro*, como consta do *Livro primeiro da Universidade de Lisboa*, a fls. 28, 53, 79, 92, 107 v, 108 v. e 111 v.

Da Universidade devem ter datado as relações de funda amizade que uniram por largos anos os poetas Sá de Miranda e Bernardim Ribeiro.

Evocando a época da frequência universitária, dirá Bernardim na sua écloga II, referindo-se á afeição que o prendia a Francisco de Sá:

D'outro tempo conhecidos
estes dous pastores eram,
de estranhas terras nascidos,
não no bem que se quizeram.

N'esta altura, consignaremos a opinião em que laborámos de não ser Sá de Miranda mais novo do que Bernardim, custando-nos a admitir a data de 1485 em que o snr. dr. Théophilo Braga fixa o nascimento de Francisco de Sá. ⁽¹⁾ Pela leitura aturada e atenta das referências que os poetas se fazem nas obras que nos legaram, adquirimos a convicção de que Sá de

(1) *Sá de Miranda e a Eschola Italiana* por Theophilo Braga. Porto 1896, pag. 19.

Miranda era, senão mais velho, pelo menos da mesma idade do seu amigo e companheiro.

Na sua apreciada edição da *Menina e moça* publicou o snr. D. José Pessanha a carta régia, de 23 de setembro de 1524, nomeando Bernardim Ribeiro escrivão da camara de D. João III, documento de que vamos reproduzir a parte capital:

«D. João, etc. A quantos esta minha carta virem, faço saber que, confiando eu na bondade, saber e discrição do dr. Bernaldim Ribeiro, que pela pratica e ensino que tem, me servirá com aquelle segredo e boa diligencia que se em tal caso requiere, e a meu serviço cumpre, querendo lhe fraça (sic) e mercê, tenho por bem, e o dou ora novamente, d'aqui em deante, por meu escrivão da camara, assi e pela maneira que o elle deve ser, e o são os meus escrivães da camara. Etc.» (1)

Das palavras *e o dou ora novamente* concluiu o snr. dr. Theóphilo Braga que tal despacho «foi simples reintegração em um lugar que (o poeta) perdera ou de que fora despedido.»

Não concordamos com a opinião do conceituado professor.

O snr. dr. Theóphilo Braga reproduz no seu volume o apontamento que encontrou no *Livro dos Offícios, Doações, e Padrões d'El-Rei D. João 3.º*, no ano de 1524, a f.º 168, (Ms. da Colecção Pombalina, n.º 265):

«Ao Dr. Bernardim Ribeiro fez mercê do officio de seu Escrivão da Camara, por sua bondade, saber e descreçam, Evora, 23 de *fevereiro*.»

(1) Torre do Tombo, Livro 37.º de D. João III, fl. 164. Foi reproduzida integralmente por D. José Pessanha a pag. 254 da sua edição da *Menina e moça*.

O distinto professor equivocou-se na leitura da palavra *fevereiro*. O que está no manuscrito é a abreviatura de *setembro*, condizendo assim a nota perfeitamente com a carta régia passada n'esse mesmo dia a favor do agraciado.

Das palavras da carta régia *pela prática e ensino que tem* inferiu igualmente o abalisado escritor tratar-se de uma «reintegração», vendo em semelhantes termos uma referência ao exercício do lugar de escrivão do paço. A nosso ver, a carta régia aludia simplesmente á prática da vida jurídica, aos conhecimentos que o bacharel em leis possuía para bem desempenhar o cargo de que o rei lhe fazia mercê, tendo em atenção as suas qualidades de character: *bondade e discreção*.

Em Livros da Chancelaria da Ordem de Sant' Iago encontrou o snr. dr. Teóphilo Braga registada uma tença de 12\$000 réis, e mais dous moios de trigo, a favor de um *Bernaldim Ribeiro*, padrão feito em 9 de outubro de 49. ⁽¹⁾ Mas por um alvará e uma carta de confirmação de aforamento, que o distinto professor cita, referentes a Bernardim Ribeiro Pacheco, que constam dos Livros da mesma Ordem, poderá concluir-se que a tença dissesse também respeito a Bernardim Ribeiro Pacheco, e não ao poeta. No alvará de aforamento, de maio de 1588, o foreiro é designado pelo nome de Bernardim Ribeiro.

Quer o snr. dr. Theóphilo Braga que a tença concedida em 9 de outubro de 49 fosse *uma compensação dos honorarios do lugar que* (o poeta)

(1) T. Braga: *B. Ribeiro e o Bucolismo*, pag. 173.

deixara, e um recurso para o seu tratamento no Hospital de Todos os Santos.

Se a tença dissesse respeito ao poeta, não será razoavel conjecturar que o registo mencionaria o seu grau scientifico: *doutor* ou *bacharel*, como se observa a respeito de outros agraciados?

Dos documentos históricos, tiram-se pois as seguintes conclusões:

1.^a Que Bernardim Ribeiro, filho de Damião Ribeiro, nasceu no Alentejo no anno de 1482.

2.^a Que após a tragédia que custou a vida ao Duque de Vizeu, e que levou Damião Ribeiro a refugiar-se em Castela (agosto de 1484), Bernardim Ribeiro, sua mãe e uma irman, foram socorridos e recolhidos pelos seus parentes Zagalos, que viviam em Sintra, na quinta dos Lobos.

3.^a Que em 1505 foi feita doação ao poeta das «Terras e Azenha dos Ferreiros», em Extremoz.

4.^a Que B. Ribeiro frequentou a Universidade de Lisboa de 1507 a 1512, bacharelando se em leis.

5.^a Que em 23 de setembro de 1524 foi nomeado escrivão da camara de D. João 3.^o.

6.^a Que em 1552, após alguns annos de loucura, o reformador do lirismo portuguez se extinguiu n'uma cela do Hospital de Todos os Santos, em Lisboa.

II

Os amores do poeta

Dizem que havia um pastor
antre T. jo e Odiana
que era perdido de amor
per ãa moça Joana.

Bernardim Ribeiro.

Nada se conhece de positivo sobre os primeiros amores do poeta, embora nas suas composições transpareça que um idílio amoroso precedeu a paixão de Bernardim Ribeiro por Joana Tavares.

As alusões mais transparentes a esses amores primeiros, desdenhados em virtude da desgraçada paixão do poeta pela filha de Inês Alvares, encontram-se na *Menina e moça*:

Era Cruelsia uma de duas filhas a quem sua mãe mais que a si queria. e de boa fermosura. Mas obrigou tanto este cavalleiro, com cousas que fez por elle. que o en- dividou todo nas obras. Não lhe deixou nada, tam só pera que lhe devesse a fermosura. Parere que lhe quis tamanho bem, que não sufrio a tardança de o ir obrigando pouco a pouco: — deu-se-lhe logo toda. Obrigou-o assi; mas não no namorou.

.....
E não toram vãos os rogos que Cruelsia fez, com as mãos erguidas ao ceu, pedindo d'elle vingança. Com-

tudo, assentou elle, per derradeiro, de a deixar ; porque, alem de lhe parecer a senhora Aonia a mais fermosa cousa que vira. pareceu-lhe tambem, que, por vir de longas terras, e ser naquella estrangeira, que mais asinha haveria seu amor.

Quem era Cruelsia ?

O snr. dr. Theóphilo Braga, no volume da *Historia da Litteratura Portugueza* relativo a Bernardim Ribeiro, diz nos que *Cruelsia* era o anagrama de Lucrécia Gonçalves, de Ribafria, Sintra.

Se se conseguir apurar que o poeta passou em Sintra alguns anos da sua mocidade, aceitaremos que houvesse sido uma Lucrécia de Sintra a primeira amada do poeta, desdenhada por este quando a sua paixão pela filha de Sancho Tavares começou a florir. Mas a apurar-se que Bernardim Ribeiro permaneceu no Torrão dos quatorze aos vinte e um anos, como quer o snr. dr. Theóphilo Braga, terá de procurar-se outra interpretação para a personagem de *Cruelsia*.

Na primeira edição conhecida das obras de Bernardim Ribeiro (Ferrara. 1554) a personagem que nas outras edições tem o nome de *Cruelsia* figura sob o nome de *Aquelisia*. Qual dos dois nomes seria o da lição original ? Estará n'este crisma *Aquelisia* a mesma *ninfa da fonte* que nas poesias de Sá de Miranda aparece como apaixonada por Bernardim ?

A ser o nome de *Cruelsia* o da lição original, tratar-se-á realmente de um anagrama de *Lucrécia*, ou teria Bernardim deduzido esse nome pastoril *Cruelsia* da palavra *cruel* ? Inclinámos de preferência para a segunda hipótese, tanto mais que nenhum crédito ligámos á fábula

de uma Lucrécia Gonçalves de Ribafria, posta a correr mundo pelo snr. Sanches de Baena, e consagrada pelo snr. dr. Th. Braga.

Entre as produções de Bernardim Ribeiro que se encontram no Cancioneiro Geral, de Garcia de Rêzende, saído do prelo em 1516, ha uma cantiga á *senhora Maria Coresma*, (1) que vamos reproduzir :

Uns esperam a Coresma
pera se n'ella salvar,
eu perdi-me n'ella mesma
pera nunca me cobrar.

Mas com esta perda tal
eu me ei por mui bem ganhado,
porque o melhor de meu mal
está todo no cuidado.

Os que cuidam que a Coresma
não é pera condenar
se a virem a ella mesma
mal se poderão salvar.

Seria esta senhora Maria Quaresma a primeira namorada de Bernardim, a *Cruelsia* da «Menina e moça»? Seria a paixão de um momento, um capricho anterior ao idílio por *Aquelisia*?

Não é facil desvendar o mistério, mas não nos repugnará aceitar que a primeira namorada do poeta fosse uma dama da família Quaresma, que tivesse o nome de Maria.

A' sua amada Joana, filha da ama da infanta D. Beatris, o poeta designará, alem do nome próprio, pelos nomes pastoris de *Catherina*, *Dina*, *Maria* e pelo anagrama *Aonia* (Joana), através

(1) Canc. Geral de Garcia de Rêzende, f.º cccxi.

das estrofes das suas éclogas encantadoras e das páginas da sua adorável novela.

Coube ao sr. visconde de Sanches de Baena o mérito de ter acabado de vez com as lendas estapafúrdias que faziam de Bernardim Ribeiro o apaixonado de varias damas de estirpe régia; encontrando solução racional e, porventura, definitiva, para o complicado problema.

Os amores infelizes do poeta por Joana ou *Amia* são o tema exclusivo das sua éclogas e da sua novela, e de grande numero das cantigas com que Bernardim Ribeiro enriqueceu o lirismo português. A paixão do poeta serviu tambem de assunto a algumas das melhores composições que nos legou o seu amigo, confidente e colega Francisco de Sá de Miranda.

Em 1516, á data da publicação do Cancioneiro de Rêzende, já se havia dado o successo que feriu profundamente o coração do apaixonado vate: — o casamento de Joana Tavares, ou, pelo menos, a quebra das suas relações amorosas com o poeta.

E' o que se póde deduzir, principalmente, de uma das composições de Bernardim, que se encontra a fol. cxcii. v. do Cancioneiro Geral, e que é sem dúvida a mais bela e sentida poesia que abrilhanta o vasto Cancioneiro coligido por Garcia de Rêzende.

Vamos trasladá-la integralmente, porque nas estrofes que a constituem está consubstanciada a paixão de Bernardim Ribeiro. Póde dizer-se que d'essa poesia irradiou toda a obra lírica, profundamente apaixonada e pessoal, do autor da «Menina e moça», do maior poeta da sua época, do predecessor e mestre de Luis de Camões.

A uma mulher que servia*(vão todas sobre memento)*

Lembre-vos quam sem mudança,
senhora, é meu querer,
perdida toda esperança,
e de mim vossa lembrança
nunca se pode perder.
Lembre-vos quam sem porquê
desconhecido me vejo,
e com tudo minha fé
sempre com vossa mercê
com mais crescido desejo.

Lembre-vos que se passaram
muitos tempos, muitos dias,
todos meus bens se acabaram,
com tudo nunca mudaram
querer-vos minhas porfias.
Lembre-vos quanta rezão
tive pera esquecer-vos,
e sempre meu coração
quanto menos galardão
tanto mais firme em querer-vos.

Lembre-vos que sem mudar
o querer d'esta vontade
me haveis sempre de lembrar,
té de todo me acabar
vós e vossa saudade.
Lembre-vos como pagais
o tempo que me deveis,
olhai quam mal me tratais,
sam o que vos quero mais,
o que menos vós quereis.

Lembre-vos tempo passado,
não porque de lembrar seja,
mas vereis quam magoado
devo de ser c'o cuidado
do que minh'alma deseja.
Lembre-vos minha firmeza
de vós tam desconhecida,

lembre-vos vossa crueza
junta com minha tristeza
que nunca foi merecida.

Lembre-vos que se quiséreis,
assi como consentistes
n'estes meus males, fizéreis
com o menos que podéreis
não serem meus dias tristes.
Lembre-vos quam mal tratado
lembranças vossas me trazem,
eu sempre menos mudado
quanto mais desesperado
vossas mostranças me fazem.

Lembre-vos a quam má vida
tenho por bem vos querer;
esta dor faz mais crescida
não vos ver arrependida
de m'ó assi desconhecer.
Lembre-vos, minha senhora,
que por já me verdes vosso
mostrais que vos desnamora
procurar ver-vos cada hora,
o que eu escusar não posso.

Lembre-vos que nem por isto
minha fé vereis mudada,
o que está craro e bem visto,
pois cousas móres n'aquisto
tiveram forças de nada.
Lembre-vos que outra mercê
de mim nunca foi pedida
se não só que minha fé,
pois tinha causa porquê,
fosse de vós conhecida.

N'estes dias dezimados
lembre-vos com quanta pena
hão de viver meus cuidados,
sendo já desesperados,
vendo que nada os condena.
Lembre-vos que vida tal
nunca vo-la mereci,
olhai bem em quanto mal

me pagais o ser leal
c'o tempo que vos servi.

Lembre-vos que vosso amor
me ha, senhora, de acabar,
pois com tanto desfavor
nunca ora minha dor
de vós me pode apartar.
Lembre-vos, pois n'isto espero
de acabar, que acabe aqui,
que com quanto despero
não menos assi vos quero
que no dia em que vos vi!

O Cancioneiro Geral, publicado em 1516, começou a imprimir-se em Almeirim e foi concluído em Lisboa, trabalho que levou dois anos a ser executado. E' natural supor que Garcia de Rêzende, na organização dos materiaes para o seu volumoso in fólio, não consumiu menos de dois a três anos, e assim póde deduzir-se que à data de 1511/12 já Bernardim Ribeiro era poeta conhecido e apreciado.

Alem d'estes versos, e das trovas á *Senhora Maria Coresma*, insere mais o Cancioneiro dez trovas de Bernardim, a saber: *Nunca foi mal nenhum mór, A uma senhora que se vestio de amarello, Antre tamanhas mudanças, A umas sospeitas, De esperança em esperança, Chegou a tanto meu mal, Antre mim mesmo e mim, Com quantas cousas perdi, Esperança minha is-vos e Cuidado tam mal cuidado.*

D'estas composições, sete figuram nas edições de Ferrara e Colonia das obras de Bernardim Ribeiro, que não inseriram as cinco restantes do Cancioneiro Geral, a saber: *A uma mulher que servia, Á Senhora Maria Quaresma, Nunca foi mal nenhum mór, A umas suspeitas e Esperança minha is-vos,*

Joana Tavares, como se vê da novela-pastoril de Bernardim, foi levada a casar com *Fileno*, o que constituiu para o poeta um rude golpe, e talvez a causa principal da loucura que o fulminou anos depois.

O certo é que d'esse successo, que abalou profundamente o coração de Bernardim, resultaram as éclogas e poesias cheias de sentimento com que o poeta enriqueceu a literatura portugêsa, e que lhe grangearam um nome imorredouro.

Quem era *Fileno*? O snr. visconde de Sanches de Baena diz que *Fileno*, o marido de Joana Tavares, foi «*Pero Gato, filho de Nuno Gato e de sua mulher D. Ignez Corrêa da Silva.*» ⁽¹⁾

O snr. Sanches de Baena dá mais os seguintes esclarecimentos sobre *Pero Gato* e sua mulher, que reproduzimos, mas a que não prestamos o menor crédito :

«*Pero Gato* dizem que fallecera pouco tempo depois do seu casamento e que essa morte fôra violenta. D. Joanna, depois de viuva, foi passar por algum tempo em casa de seu tio Alvaro Pires Zagalo, que residia em Alcacer do Sal. até que foi recolhida a um convento e lá se finou professa.» ⁽²⁾

Por mais que rebuscássemos nos genealogistas, não conseguimos encontrar o menor vestígio do *Pero Gato* do snr. de Sanches de Baena.

De Nuno Gato e de sua mulher Inês Corrêa, sabemos que, além de outros, nasceu um varão,

⁽¹⁾ Bernardim Ribeiro, pelo V. de Sanches de Baena, pag. 30.

⁽²⁾ Idem,

chamado Manoel Corrêa, que em 1553 seguiu para a Índia, provido na feitoria de Ormuz. ⁽¹⁾

Em 22 de Julho de 1521, pouco antes da partida para Saboia da infanta D. Beatris, D. Manoel concedeu a Inês Alvares, ama da princesa, uma tença anual de 155000 réis, revertendo por seu falecimento a favor de sua filha *Tomêa Tavares*.

Quando seguiu para Italia, acompanhando a princesa D. Beatris, Inês Alvares levou consigo sua filha *Francisca Tavares*, que o snr. visconde de Sanches de Baena quer que seja a mesma *Tomêa*, crismada em *Francisca*, solução que o snr. dr. Theophilo Braga aceitou de boa mente, mas que nós entendemos pôr de reserva, porque devemos confessar que os trabalhos genealógicos de D. Flamínio, em que se estriba o snr. Sanches de Baena, não nos merecem desmedida confiança, antes pelo contrário.

Em uma carta de Inês Alvares, de 15 de agosto de 1522, dirigida a D. João III, estampada pelo snr. dr. Th. Braga a pag. 107 do seu trabalho sobre Bernardim Ribeiro (edição refundida), lêem-se os seguintes periodos:

«Sn.^{or} como eu não tenho outro bem depois de deus para me fazer mercê a mim e a minhas filhas senão vossa alteza asi Sn.^{or} nunca deixo de o empurtunar e lhe pedir mercê. Vossa alteza bem sabe como el rei noso Sn.^{or} que santa gloria aja me fez mercê de quinze mil r.^s de tença agora novamente lhe peço m'os trespasse em minha filha dona francisca pera ajuda de seu casamento por que Sn.^{or} nisto nos fará muito grande mercê a ela e a mim, e eu creio Sn.^{or} que a Sn.^a Ifante lhe

(1) *Emmentia da Casa da India*, por A. Braamcamp Freire, Lisboa, 1907, pag. 59.

escreve sobr'isto e que vossa alteza por sua entersesão me fará esta mercê, Vossa Alteza sabe como eu la dei-xei uma filha freira e tão doente que ha mister sempre duas e tres mulheres que a sirvam e humra escrava a qual lheu deixei muito boa, agora me escrevem que lhe morreu; eu não estou em tempo pera agora lhe poder mandar outra; beijarei as mãos de vossa alteza fazer-me mercê duma e nisto fará grande esmola», etc.

Temos a intuição de que a *filha freira* de Inês Alvares era precisamente a de nome *Tomêa*, a favor de quem D. Manoel garantira a tença concedida á ama de sua filha. E porque Tomêa Tavares se podia considerar perdida, «tão doente que ha mister sempre duas e tres mulheres que a sirvam e humra escrava», é que sua mãe, a pretexto do casamento de sua filha Francisca (que ainda alguns anos se conservou solteira) procurava fazer reverter para esta a mercê de D. Manoel, com uma providência que lhe faz honra, e de que se poderá concluir que a viuva de Sancho Tavares sabia zelar os interesses do casal, como se depreende egualmente de uma carta da infanta D. Beatris ao rei de Portugal, em 2 de setembro de 1525, pedindo-lhe justiça a favor de sua ama, n'uma demanda que esta movia contra Manoel de Sande⁽¹⁾ por motivo de umas casas pertencentes á *fazenda de suas filhas orfãos*, que tinham sido *vendidas a menos preço*⁽²⁾.

O sr. dr. Theóphilo Braga quer que a filha de Inês, que ficou em Portugal n'um convento,

(1) Era este Manoel de Sande provedor das Capellas, Orfãos, etc., de Portalegre e Extremoz. Chanc. de D. Manoel, L.º 15, f.º 116 v.

(2) Corpo chron. Part. 1, maç. 18, doc. 80. Reproduzida pelos snrs. Sanches de Baena e dr. Th. Braga.

fosse a amada de Bernardim Ribeiro, Joana Tavares. E o ilustre professor até designa qual fosse o convento: — as *Clarissas de Extremoz!* ⁽¹⁾

Alem da novela pastoril e das éclogas, muitas das poesias de Bernardim são motivadas pelo casamento da sua namorada, que o poeta considera *mal casada e mal empregada*.

Da novela «Menina e moça» poderá até concluir-se que Joana Tavares se conformou com o casamento a que foi levada, e para comnosco, pela leitura de Sá de Miranda, temos a convicção muito arreigada de que a mulher que Bernardim Ribeiro immortalizou com o seu amor, e a quem consagrou as melhores harmonias da sua lira aprimorada, foi insensível á paixão do seu cantor, ás mágoas pungentes do seu namorado vate.

Sá de Miranda, na écloga *Andrés*, ⁽²⁾ põe na boca do seu amigo Bernardim estas sentidas estrofes, em que a poesia não deve afastar-se muito da verdade:

Y quiza cantaran por las florestas
En tiempos por venir buenos pastores
El triste cuento mio y mis requestas,
Los faltos de ventura mis amores,
En las fuentes sombrías por las siestas,
Al Sol despues, pasadas las calores.
Que refrigerio havran los huesos frios
Sintiendo renovar los casos mios!

(1) Bernardim Ribeiro e o Bucolismo, pag. 171.

(2) Na personagem *Andrés* viu o sr. dr. Th. Braga a figura do próprio duque de Aveiro, a quem o poeta dedicou essa écloga, exegese que não resiste ao mais comedido exame.

O nome de *Andrés* devia ter feito ver ao conceituado professor que se tratava do amante de *Joana*.

*Los quales en su tiempo no tuvieron
Tal suerte, antes corridos de fortuna,
A quien mas los causó menos dolieran,
Dura zagala sin piedad alguna...* (1)

Sobre os amores de Bernardim, as éclogas, a novela pastoril, e as poesias do enternecido poeta, dizem mais, e melhor, do que tudo quanto se possa fantasiar, dando livre curso à imaginação.

Propositadamente, pois, nos abstemos de prolongar este capitulo, embora o assumto desse margem para uns centos de páginas. Evitamos, quanto possivel, a pecha de novelistas.

(1) Poesias de Sá de Miranda, edição de 1614, fol. 38.

III

A estada de Bernardim na Itália

O bom Gil sendo 'mais moço
Muita da terra correrá;
Vendo um vendo outro alvoroço,
C'o seu fardel ao pescoço
A ser pastor se acolherá.

Sá de Miranda

Não ha qualquer documento que nos elucide sobre a estada de Bernardim Ribeiro em Itália.

Não obstante, da leitura das obras de Sá de Miranda e Bernardim resulta a convicção de que o poeta das «Saudades» esteve por algum tempo ausente de Portugal, e de que no estrangeiro o encontrou o seu devotado amigo Francisco de Sá, quando este visitou a Itália *em tempo de espanhoes e de franceses*.

Entre os anos de 1520 a 1524 poderá fixar-se a ausência de Bernardim do reino, e não será para nós motivo de surpresa o vir a averiguar-se que o poeta esteve no estrangeiro em virtude de qualquer missão official, talvez junto dos duques de Saboia.

Que em 1524 já havia regressado a Portugal deverá concluir-se do facto de ter sido nomeado em 23 de setembro d'esse ano escrivão da camara de D. João III.

Passemos em revista algumas das passagens que se encontram nas obras de Miranda e Bernardim, das quaes se deduz que Ribeiro esteve por algum tempo longe de Portugal.

Começaremos pela obra de Miranda:

Na écloga *Basto*, em que Francisco de Sá tem o nome pastoril de *Buio*, o seu amigo Bernardim Ribeiro é apresentado sob o nome de *Gil*:

O bom Gil sendo mais moço
Muita da terra correra;
Vendo um, vendo outro alvoroço,
C'o seu fardel ao pescoço,
A ser pastor se acolhera.

Ora elle assi, pastor sendo,
Se primeiro andara mal,
Foi apalpando, foi vendo
Entre nós que era outro tal.
Tambem se foi delambendo,
Ua vez lama, outra pó,
Sempre homem anda achacado.
Deu inda mais outro voo;
Por melhor ouve andar só
Que assi mal acompanhado. (1)

N'uma variante d'esta écloga, dada á estampa na edição monumental das poesias de Sá de Miranda publicada pela snr.^a D Carolina Michaëlis, o pastor Gil cita Bernardim Ribeiro, mas isso representa apenas um artificio literário de Miranda para obscurecer as alusões reaes da écloga, que retrata no pastor *Gil* o poeta das *Saudades*.

A'queles a quem possa parecer extravagante a nossa exegese, recomendamos-lhes a leitura

(1) Poesias de Sá de Miranda. Edição de 1614 — f.º 94 v.

atenta do *Epitalamio pastoril* de Sá de Miranda, em que Francisco de Sá nos apparece sob os nomes pastoris de *Nuno* e *Toribio*, e o seu amigo Bernardim figura egualmente sob dois crismas: *Ribero* e *Gil*.

Na écloga *Alejo*, referindo-se ás composições pastoris de Bernardim, diz o pastor *Juan* :

El cantar que aqui cantamos
Fue (sabes) d'estraña parte
D'onde un tiempo ambos andamos... (1)

E n'uma variante da mesma écloga encontram-se estes versos, que ainda são mais claros na alusão a Bernardim :

JUAN

Ora quejas a departe,
De aquel amigo tratemos;
Sabes que traído havemos
Samponñas de estraña parte.
No sé que de ellas queremos
E dir-te he como pasó:
Acertó-se que io tañese
Aquel modo, *i el cantó,*
Rogó-me que respondiese.

ANTON

Ia, ia, ia, comienzo io
Como si Ribero fuese. (2)

No pastor *Juan* está personificado, a nosso ver, o parente de Sá de Miranda, João Rodrigues de Sá e Meneses. Sabe-se que este fi-

(1) Poesias de Sá de Miranda. Edição de 1614, f.º 84.

(2) Poesias de Sá de Miranda. Edição Michaëlis pag. 695,

dalgo foi um dos que acompanharam a Itália a infanta D. Beatris, segundo refere G. de Rêzende.

Teria Bernardim acompanhado a princesa a Saboia, e exerceria ali por algum tempo qualquer função junto da infanta portugêsa?

Cremos bem que sim, fundamentando-se o nosso juizo nas seguintes estrofes da écloga *Basto*, de Sá de Miranda, em que o pastor *Gil*, que personifica Bernardim Ribeiro, clama :

Tu sabes que me obrigara
A esta vida de pastor.
Vinha mui corrido á vara,
Cuidei que era ella melhor,
Como quem a não provara.
Determinava-me já
De andar com minhas ovelhas;
A conta sahio-me má.
«Más fadas ha cá e lá»,
Como bem dizem as velhas.

Andei d'aquem para alem,
Terras vi, e vi lugares
Tudo seus avessos tem;
O que não exprimentares
Não cuides que o sabes bem.
E ás vezes, quando cuidamos
Que alguma cousa entendemos,
A cabra-cega jugamos;
Achei-vos cá fortes amos,
Querem que os adoremos! (1)

Vejam os agora através das éclogas de Bernardim Ribeiro :

Na écloga III, *Amador* (Bernardim) a despedir-se do seu amigo *Silvestre* (Sá de Miranda), tem estes versos :

(1) Poesias de Sá de Miranda. Edição de 1614, f.º 97

*Ficai embora, currais,
riquezas de meus arós,
rou-me sem mim e sem vós;
eu me rou, e vós ficais
desemparrados e sós.*
Não verei vir passeando
os novillos furiosos,
seus pescoços levantando,
com seus passos vagarosos,
após as vacas bradando.

Na écloga IV, *Jano* (Bernardim) lamenta os seus infortúnios, dizendo :

*De si eila o desterrou.
pera longe terra estranha
seu mal só o acompanhou ;
sobre ãa mágoa tamanha
tamanha mágoa ajuntou.*
Vendo-se assi desterrado,
muitas vezes se sahia
pera um despovoado,
onde ir ninguem podia
senão desencaminhado.

.....

Se eu em minha mocidade
por seus conselhos regera,
com tamanha crueldade
tam longe me não posera
de mi a minha vontade

.....

*Longe em estranhas terras,
e de esperança alongado,*
pelos campos e pelas serras,
antre mi e o meu cuidado
são apregoadas guerras :
Ó desaventura minha,
começada de *tam longe*,
quanto me a mi mais convinha,
convinha deitar-me a longe,
eu, com quantas cousas tinha !

Na écloga V, Bernardim, sob o nome pastoril de *Ribeiro*, canta os males do seu desterro, cheio de saudades pela sua *Ribeira*.

*Ribeiro, triste pastor,
de Ribeira namorado,
vendo-se d'ella apartado,
lamentava sua dor,
nascida de seu cuidado.
Ia-se pelos vallados
sospirando, e pelos montes,
os tempos que eram passados,
seus olhos tornados fontes,
todo chèo de cuidados.*

.....

*Dizem que se desterrou
bem contra sua vontade,
que seu descanso mudou,
porém não a saudade
que firme sempre ficou.*

Conforme a seu penar
aquella terra buscou
pera de si se vingar,
onde não pode deixar
de penar o que penou.
Era saudosa a terra :
d'ũa parte a cercam valles,
da outra a cerca a serra :
d'alli via fazer guerra
contra si todos os males.

Lagrimas lhe vão e vem ;
com a tristeza sobeja,
sobejo cuidado tem ;
elle ausente de seu bem
outra vida não deseja.
Em choupana de afeição
recolhia seu tormento,
a vida tam sem razão,
lançando do coração
palavras muitas ao vento.

.....

*Cuidara eu quando partia,
posto já na derradeira,
que mui cedo morreria,
pois ausente cá me via
da doce fresca Ribeira.*

O seu querido amigo Agrestes, Sá de Miranda, vae encontrar-se com o poeta.

Bernardim Ribeiro põe na boca do seu companheiro alguns versos que confirmam a ausência de Portugal.

Fala Agrestes:

E se alguém quiser saber
os males que soffro *aqui*,
causados por bem querer,
saberá que me perdi,
sem me mais poder perder.
Perdida é minha alegria,
desterrado em terra alhêa...

.....

O meu bem em mal mudado,
inda que me desterreí,
não *desterrei* o cuidado,
cuidado do bem passado,
passado, porque o passei;
Mudei terra, mudei lar,
gloria, descanso e prazer;
esta terra vim buscar,
onde cresce o meu penar
pera sempre pena ter.

E sendo *longe criado*,
determinaram os fados
que vivesse desterrado
n'esta terra, onde um cuidado...
traz consigo outros cuidados;
Porque *esta terra é*
alhêa ao meu cuidar...

.....

Toda a pena me é presente,
e a gloria de mim se alhêa,
e posto que sam doente
pera este mal não consente
haver arte *Apolinêa*.

Estes ares são mortais,
e o que mais me desbarata,
e dá dores desiguais,
é lembrar-me os sinseirais
de Coimbra, que me mata.

Da écloga V de Bernardim mais transcrições podíamos fazer, mas parece-nos desnecessário.

Da leitura d'esta écloga, em que se alude á *choupana de afeição* onde se recolheu Bernardim, nasceu no nosso espírito a persuasão de que o poeta foi hospede em Itália da infanta D. Beatris, se é que ali não esteve ao serviço dos duques de Saboia.

A écloga «Encantamento», de Sá de Miranda, tem por personagens: *Gonçalo* (Bernardim), *Bieito* (Sá de Miranda), *Inês* (Inês Alvares) e *Beatris* (o nome da infanta portuguesa). N'esta composição de Miranda, que julgamos elaborada sobre a recordação da época distante em que o poeta-filósofo se encontrou em Itália com o seu querido amigo Bernardim, vemos mais uma prova da estada do poeta da «Menina e moça» em *terra alheia*, cabendo aqui reproduzir os trechos das «Saudades», em que a donzela recorda o namorado ausente:

... as suas desditas, e as minhas, o *levaram pera longes terras estranhas*, onde bem sei eu que, vivo ou morto, o possui a terra sem prazer nenhum.

Meu amigo verdadeiro, *quem me vos levou tam longe?*

Da estada do poeta em Itália, e da sua permanência de algum tempo em Saboia, deve ter

resultado o formar-se, ou avolumar-se, a lenda, que até ha bem pouco teve curso, que fazia Bernardim apaixonado da infanta D. Beatris.

Acompanharia, porventura, o poeta a infanta a Itália, como secretário ou escrivão de João Rodrigues de Sá?

Seria Bernardim um dos *certos bachareis* a que Gil Vicente alude nas *Côrtes de Jupiter*? E' muito possível.

Nos arquivos italianos, crêmos bem que alguns esclarecimentos se possam ainda colhêr, de que alguma luz resultará sobre a vida de Bernardim no estrangeiro.

IV

Bernardim Ribeiro ao serviço do paço

Essa Circes feiticeira
Da Côrte tudo tresanda.

Sã de Miranda

Como se sabe pela carta régia de 1524, o poeta da «Menina e moça» entrou ao serviço de D. João III como escrivão da sua camara.

Tinha o poeta a essa data 42 anos.

Embora combalido pela sua paixão por Joana Tavares, Bernardim Ribeiro devia estar então em toda a pujança do seu talento, com a sua educação literária completada, devido á sua permanência de algum tempo no estrangeiro, e graças talvez á influência benéfica do seu amigo e mentor Francisco de Sá.

Da sua vida na côrte, só a obra de Sá de Miranda nos dá notícia, e, melhor de que todas conjecturas que pudessemos fantasiar, a obra do poeta seu amigo nos diz os triunfos alcançados por Bernardim, até que qualquer intriga palaciana, que o abalou profundamente, o levou a procurar um refúgio longe da côrte, o espírito abatido, e, é provavel, com os primeiros symptomas da loucura que alguns anos mais tarde o fez internar no hospital de Todos os Santos em Lisboa, onde veio a falecer.

Foi qualquer má vontade de D. Antonio de Ataíde, como alguns querem, a causa do afastamento de Bernardim da côrte? E' possível. Seriam as trovas de *Maria Pinheira* a arma que Bernardim ofereceu aos seus inimigos para com essa mesma arma o ferirem? Não acreditamos. Os versos satíricos contra o conde de Castanheira não teem um caracter tam definido que se possam considerar como de Bernardim Ribeiro. São mais a obra de um versejador do que de um poeta de real merecimento. Foram attribuidos a um cavalleiro da Casa de Sortelha, e tambem a Damião de Goes.

O snr. dr. Theóphilo Braga, no seu trabalho consagrado a Sá de Miranda, fixa a data da sátira em *épocha em que D. Antonio de Athayde ainda não era conde da Castanheira, isto é, antes de 1532.* (1)

Está em erro o illustre professor, que não leu atentamente a estrofe 55, que réza:

D'este (pois nada se esconde)
nasceu Maria Pinheira,
mãi da mãi d'aquelle conde,
e sua avó verdadeira.

A variante do 4.º verso:

que é conde de Castanheira

que foi revelada por Diogo de Paiva, não modificou de modo algum o alvo da primeira redacção; apenas aclarou quem fosse *aquelle conde* que as trovas alvejavam.

Como o condado da Castanheira teve a sua creação em 1532, e a sátira de *Maria Pinheira*

(1) Sá de Miranda, por Theophilo Braga, pag. 201.

já alude ao valido de D. João III como *conde*, é positivo que as quadras atribuidas a Damião de Goes não foram elaboradas antes de tal data.

Examinemos agora as passagens que se encontram na obra de Miranda, que fazem luz sobre a existência que Bernardim Ribeiro levou na côrte, querido e festejado primeiro, e depois desdenhado, e até escarnecido :

Por cierto que yo lo vi, que no quisiera
Avello visto, llevó-lo el palacio.
Crecia en todo a ojo. Quanto fuera
Mejor y mas seguro ir-se a despacio!
Cuentan milagros del des que allá fuera,
Mas a tal priesa cierto está el cansacio,
Sea de sprito, ó cuerpo, ó de ventura,
A cansar presto va quien se apresura.

Écloga Célia (1)

No sé como no llorava.
Sabes porque sospirava?
Porque aqui cantó Ribero,
Aqui nuestro amo escuchava.
Rodeavanlo pastores
Colgados de la su boca,
Cantando el los sus amores;
Gente de firmeza poca,
Que le dio tantos loores,
Y aora se los apoca.

Écloga Alejo (2)

No siguio Ribero mas,
Antes como trasportado
Estuvo un rato callado,
Pienso que te acordarás.
Hablava el poco y despacio,
Mas siempre a tiempo y lugar...
Ah, buen pastor, si caçar
No se dejara al palacio!

Écloga Alejo (3)

(1), (2), (3) — Poesias de Sá de Miranda Edição d :
1614, f.ºs 25, 83 v. e 86.

Buen pastor, en tu mal ciego,
Como lo es
Cada uno, pero despues
Mas en dar-te a palaciego!

Écloga Alejo (1)

Na écloga *Alejo*, Sá de Miranda refere-se ás visitas que fazia á côrte para se encontrar com o seu amigo Bernardim :

D'aquel gran pino á la sombra,
Que a tal dicha se plantó
Que el prado y çarças cubrio
Y los vezinos assombra,
No ha pero mucho no,
Vine por Ribero ver
Como otras vezes solia,
(Quan presto que huye el plazer!)
Consigo aqui te tenia
A cantar y a tañer
Mientras la siesta cahia. (2)

Esta estrofe de Miranda foi mal interpretada, em vida do poeta, querendo alguns ver no *gran pino*, com que o escritor se refere ao trono português de D. João III, uma alusão a D. Antonio de Ataíde, por este ser neto de Maria *Pinheira*!

O *gran pino*, plantado com tal dita que se foi desenvolvendo até ao ponto de assombrar os visinhos, não era o valido de D. João III, mas sim a monarquia portuguesa, que alcançara o maximo esplendor com o afortunado D. Manoel, e que em breves anos começaria a declinar gradualmente, até ir afundar-se no desastre de Alcacer-Quibir.

(1) Sá de Miranda, Edição Michaélis. pag. 123.

(2) Poesias de Sá de Miranda. Edição de 1614, f.º 83 v.

V

**Bernardim, afastado da côrte,
no Minho (?)**

E aquelle Virbio, a quem
Tornara a vida, nem ás festas
Nem á cidade mais vem ;
Sempre só por fóra o vêm
Caçando polas florestas

Hi que encontre c'um lião.
C'um urso que se erga em pé,
Certo que menos mal é
Que onde elles tam bastos são
Que entre elles se durma e cée.

Sá de Miranda

Da leitura das poesias de Sá de Miranda, resultou o convencimento em que laborâmos, e que vamos registar, de ter Bernardim Ribeiro, após qualquer intriga palaciana, que o decidiu ou forçou a abandonar a côrte, fixado residência no Minho, até que a loucura, ou o seu agravamento, o levou ao Hospital de Todos os Santos em Lisboa, onde acabou seus desventurados dias.

Um tio paterno do poeta, Gonçalo Ribeiro, era senhor de Aguiar de Neiva e Couto do Carvoeiro, sendo natural que possuísse casa-solar *antre Douro e Minho*. Foi em casa de parentes seus que Bernardim se recolheu, ou seria porventura hospede de Manoel Machado de Aze-

vedo, senhor de Crasto? Talvez que a segunda hipótese corresponda á verdade.

No Memorial do Marquês de Montebelo, ha a referênciã a um solar de *Ribeiro*, que traslados aqui, na ideia de que ainda possa ser util a alguns estudiosos: «Vasco Machado, hermano natural de Vasco Machado, i Señor de la Casa i Solar de Machado, casò en la Ciudad de Lisboa: de su muger se ignora el nombre, pero de ambos fue hijo Antonio Machado, que vivio en las Tierras de Entre Home, e Cadavo, en la Quinta de Santa Maria de la Torre, i casò con Doña Maria Ribeiro, hija de Bernardo Ribeiro, Señor del Solar de Açamaça, segundo assiento, que en las mismas Tierras tuvieron los Cavalleros del Appelido de Ribeiro, despues que del Lugar de Ribeiro, cerca de Vasconcellos se passaron alli; etc.»

Haveria qualquer parentesco entre este Bernardo Ribeiro e o nosso Bernardim? Algumas diligências empregámos para elucidar este ponto, mas não lográmos o menor éxito.

Na dedicatória da écloga *Basto*, Sá de Miranda diz ao seu amigo Nuno Alvares Pereira:

*Ambos nos temos á banda
De Gil, que ahi vos envio
Por onde a menos gente anda,
Eu porém não aporfio,
Que a cada um seu gosto manda. (1)*

No pastor *Gil*, como já tivemos ensejo de referir, está personificado Bernardim Ribeiro, que no seu retiro do Minho ficava entre *Sá de Miranda e os senhores de Basto*, como julgamos

(1) Poesias de Sá de Miranda. Edição 1614, f.º 93 v.

poder depreender-se dos dizeres dos versos re produzidos.

Basto, personagem da écloga, a quem cabe dar a sentença sobre o pleito que se estabelece entre Miranda e Bernardim, apresenta este pela seguinte fôrma :

O bom Gil sendo mais moço
Muita da terra correrá;
Vendo um, vendo outro alvoroço,
C'o seu fardel ao pescoço,
A ser pastor se acolherá.

Ora elle assi pastor sendo,
Se primeiro andara mal,
Foi apalpando, foi vendo
Entre nós que era outro tal.
Tambem se foi delambendo,
Ua vez lama, outra pó,
Sempre homem anda achacado.
Deu inda mais outro vôo:
Por melhor oure andar só,
Que assi mal acompanhado. (1)

Bernardim fugido ao bulício da côrte, desgostoso, combalido, com a experiência dos 50 anos, procurou no isolamento a cura das suas feridas moraes, a quietação de que devia carecer o seu espírito

Não o desamparou o seu fiel amigo Sá de Miranda.

A écloga *Basto*, em que Miranda tem o nome pastoril de *Bicito*, bem o comprova nos seguintes versos :

(1) Poesias de S. de M. Ed. 1614, f.º 94 v.

Era grande amigo seu
 Bieito, e vendo a mania
 Consigo um dia lá deu.
 Tiveram grande porfia;
 Um rezões deu, outro deu. (1)

E n'uma variante da mesma écloga ainda se precisa melhor o grau do affecto que prendeu os dois poetas quinhentistas :

A contenda entre Bento
 E Gil foi cousa sabida.
 A um era a vida Bento,
 Ao outro Bento era a vida.

Bento. grande amigo seu,
 Que não tinha outro como ele,
 Consigo um dia lá deu
 A saber que era d'ele, (2)

Bernardim, desgostoso, evitando todo o convívio, não atende os rogos do seu amigo Sá de Miranda para que não continue na vida de isolamento a que se votou.

E ás considerações que *Bieito* lhe apresenta, *Gil* (Bernardim) responde :

Aqui por estes abrigos
 (Os mais debates deixemos)
 Vir-me-ão ver os meus amigos,
 Ao Sol nos estenderemos,
 Fallando em tempos antigos.
 E depois dos meses mil
 Quiçaes que inda dirá alguém,
 Olhando este meu covil:
 — «Por aqui cantava Gil
 *Sem queixia de ninguem!» (3)

(1) Poesias de Sá de Miranda, Ed. 1614. f.^{os} 94 v. e 95

(2) " " " " " Ed. Michaëlis, pag. 385/6.

(3) Poesias de Sá de Miranda. Ed. 1614, f.^o 101.

Este estado de espírito de Bernardim Ribeiro encontra-se também definido na égloga *Andrés*:

El congojoso llanto, el temerario
Furor de nuestro Andrés, la maravilla
Que al ható lo bolvió, todo al contrario,
Que dantes era blando y sin renzilla,
Tanto, que medio mudo y solitario,
Sin quejas, mucho mas mueve a manzilla, (1)
.....
.....

Na mesma égloga, *Andrés* (Bernardim) recita as seguintes estrofes em que alude ao vale onde se abrigou:

Alla me llama Amor d'aquella altura,
A volar tras el voy, veré si ansi
Pondré fin a la vida y a la locura.
Pasaran los pastores por aqui
Cantando mi cruel corta ventura,
Cruel llamando Amor, cuytado a mi,
A prisa por salir del val priado,
Por la muerte de Andrés mal estrenado.

Los unos a los otros gritaran :
«Huye del valle ado yaze el zagal !»
Y los otros tambien responderan :
«Huye el valle a do yaze el zagal !»
Y todos juntos mas añadiran :
«Que por amar tan bien murió tan mal,
«Que por amar tan bien tan mal murió,
«D'esa peña alta Amor lo despeñó !» (2)

N'uns versos de Sá de Miranda a seu cunhado Manoel Machado, senhor de Crasto, ha uma passagem que, apesar de um tanto confusa, nos parece referir-se também ao poeta Bernardim Ribeiro:

(1) Poesias de Sá de Miranda. Ed 1614, f.º 32.

(2) " " " " " " " " f.º 37 v.

Escreves ⁽¹⁾ polo *Ribeiro*,
Anda após o mais proveito. ⁽²⁾

Estaremos, porventura, em erro alvitrandos que o poeta se refugiou no Minho após qualquer desgosto que o levou a deixar a côrte?

É possível; mas tam fundo é o nosso convencimento do facto que não fugimos a registá-lo. Que nos provem que estamos em erro, e gostosamente nos penitenciaremos.

⁽¹⁾ Parece-nos que a lição original seria: *Escreve polo Ribeiro*.

⁽²⁾ *Poesias de Sá de Miranda*. Ed. Michaëlis, pag. 62

VI

As éclogas de Jano

A intensidade do seu bucolismo, que vale muito pelo sentimento, mas vale mais pela fôrma rythmica, de uma suavidade musical que enebria, de uma candura e singeleza popular que prende o ouvido...

Simões Dias

É para nós ponto de fé que a elaboração das éclogas de Bernardim teve logar ou durante a permanência do poeta na Itália, ou depois do seu regresso ao reino, seguindo na esteira de Sannazaro, o *bom velho Sannazaro*, como lhe chamou Francisco de Sá.

Como Gil Vicente, seguindo Juan del Enzina, foi o introdutor em Portugal dos autos pastoris, foi Bernardim Ribeiro quem transplantou para a terra portugueza as novas éclogas virgilianas; como Francisco de Sá teve a glória de ser o iniciador entre nós da escola italiana ou da medida-nova.

Poeta cheio de sentimento, Bernardim Ribeiro soube imprimir ás suas éclogas a intensidade da paixão que lhe escaldava o peito, tornando as suas composições bucólicas verdadeiramente encantadoras, por isso que foram profundamente sentidas, e buriladas com tam de-

licado gosto, com tal candura ingénua, que ainda hoje, alguns séculos volvidos, a sua leitura deleita, encanta o ouvido, como as mais aprimoradas produções líricas dos grandes poetas contemporâneos.

O valor das composições pastoris de Bernardim está sobejamente assinalado por quantos escritores de renome se teem occupado da obra do luminoso poeta quinhentista, a que se tem feito justiça, reputando-o uma das mais legítimas glórias da nossa literatura.

Seria, por isso, pretencioso e descabido tudo quanto a nossa obscura pena ousasse escrever enaltecendo o valor das poesias bucólicas de Bernardim Ribeiro.

Mas, tendo-se feito justiça ao poeta, reconhecendo-lhe o alto mérito das suas composições, teem estas sido erradamente interpretadas no que diz respeito ás personagens que Bernardim pôs em scena, o que nos leva a consagrar este capítulo á sua aclaração, nos limites permitidos pelas conclusões a que pudemos chegar após meticoloso estudo de exegese.

Da Itália trouxe talvez Bernardim Ribeiro os conhecimentos da *sciencia cabalística*, sendo o primeiro escritor português que adoptou os anagramas, e quem mais longe levou essa arte difficil que consistia em tornar vedado ao grande número a interpretação dos trabalhos literários que envolviam alusões a factos e personagens da vida real.

A *Cabala*, como succedia ha poucos anos com o *nefelibatismo*, se a comparação é admissivel, era uma *sciencia* «para raros apenas».

Referindo-se á *escuridade da cabala*, escreveu Dom Francisco Manoel de Mello: «O mayor

cuydado dos cabalisticos se empregou em velarem sua sciência com densíssimas nuvens de escuridade, a fim de que sendo tão escondida aos olhos do vulgo, fosse venerada como cousa divina, etc...» (1)

E por fórma tal, em obediência aos preceitos da Cabala, Bernardim compôs uma das suas éclogas, que o vulgo, não attingindo o alcance de um anagrama, foi attribuir a sua paternidade a quem nunca fôra poeta, creando-se assim na literatura portugueza a lenda de um Cristovam Falcão trovador, que só existiu na fantasia do povo inculto, mas que foi tomando corpo, robustecendo-se de sécu'o para século, até attingir quase as proporções de um dogma, mercê do nome prestigioso do snr. dr. Theóphilo Braga.

Digamos agora o que se nos oferece sobre as personagens das éclogas de Bernardim, esclarecendo que os numeros por que taes éclogas são conhecidas resultaram apenas da disposição que lhes foi dada n'algumas edições e não de qualquer classificação cronológica ou estimativa que o autor lhes houvesse assinalado.

Écloga de Persio e Fauno, conhecida pela I. Sob o nome do poeta toscano Persio (Aulus Persius Flaccus) Bernardim chora a sua desdita, por isso que *Catherina*, nome pastoril da sua amada Joana, casou com outro pastor. O poeta confiava na afeição de Catarina, mas viu n'um momento despedaçados os seus sonhos, as suas melhores esperanças de ventura.

(1) Tratado da Sciencia Cabala, de Dom Francisco Manoel de Mello. Lisboa, 1724, pag. 29.

Confiou no merecer.
cuidou que a tinha de seu,
vêo ahí outro pastor ter:
c'o que prometeu ou deu
se deixou delle vencer.

Levada pera outra terra,
vendo-se Persio sem ella,
vencido de nova guerra,
mandou a alma trás ella,
e o corpo ficou na serra.
Vêo Fauno, outro pastor,
que pera al vinha busca-lo,
seu criado, e servidor,
começou a consola-lo,
o conselho era pior.

Quem é *Fauno*, o pastor amigo de Bernardim Ribeiro, que procura consolar o amante infeliz?

E' o poeta filósofo Francisco de Sá de Miranda, seu *intimo amigo e companheiro*.

As referências a Bernardim na obra de Francisco de Sá são evidentes e constantes, como por egual na obra de Ribeiro as alusões ao seu *amigo* não podem deixar sombra de dúvida de que é a Sá de Miranda que o poeta se refere, seja sob o crisma mitológico de *Fauno*, sob os nomes pastoris de *Silvestre* e *Agrestes*, sob o crisma falso de *António*, ou sob o anagrama de *Franco de Sandovir*.

Qual a razão que levou Bernardim a escolher n'esta écloga o nome de *Persio* é facil adivinhar, sabendo se que Persius teve por amigo e mentor um filósofo stoico chamado Cornutus. Persius immortalizou nas suas obras a amizade de Cornutus. Ao poeta seu amigo, ao filósofo cuja afeição Bernardim equipara á de Cornutus, dá-lhe o nome de *Fauno*, ou seja, segundo a mitologia romana, *deus campestre*,

Veremos como os nomes pastoris, sob os quaes nas éclogas de Ribeiro nos apparece desenhada a individualidade de Sá de Miranda, estão em perfeita identidade com este primeiro *crisma*.

Écloga de Jano e Franco, conhecida pela II. Bernardim, sob o nome de *Jano*, ou seja o pastor ou namorado de Joana, narra a história dos seus amores desde que, vindo para Lisboa, ahi se apaixonou pela filha de Inês Alvares.

Lamentando os seus males, no desánimo que o flagela, cae em desmaio.

Vae surpreendê-lo o seu amigo Sá de Miranda : — *Franco de Sandovir*.

Da visita do seu companheiro dá noticia Bernardim nos seguintes versos :

e n'este mêo chegou
um pastor seu conhecido,
e que dormia cuidou.

Franco de Sandovir era
o seu nome, e buscava
uma frauta que perdera,
que elle mais que a si amava.
Este era aquelle pastor
a quem Celia muito amou,
nimpha do maior primor
que em Mondego se banhou,
e que cantava melhor.

Sá de Miranda procura consolar o seu amigo, perguntando-lhe a causa da mudança em que o encontra, ao que Bernardim (Jano) responde :

Vim a estes campos, que vejo,
por dar vida a este meu gado;
vi acabado um desejo,
outro maior começado,

Às minhas vacas dei vida,
e a mim a fui tirar;
a profecia é cumprida
que me Pierio foi dar,
vendo-me a barba pongida.

Qual fosse a profecia de Pierio, di-lo Jano
nas seguintes estrofes:

Em terra que inda não viste
polo que nella has de ver,
vejo-te o coração triste
pera em dias que viver;
hasde morrer de uma dor,
de que agora andas bem fora,
por isso vive em temor,
que não sabe homem aquella hora
em que lhe ha de vir o amor.

Não pode já longe vir,
Jano, aquisto te digo,
vejo-te a barba pongir;
olha como andas contigo.
A terra estranha irás
por teu gado não perderes,
longos males passarás
por uns mui breves prazeres,
que verás ou não verás.

E dando um pouco á cabeça,
á maneira d'anojado,
por teu bem porém te cresça
a barba (disse) de honrado.
Treslada-o no coração
isto que te aqui direi,
que ainda alguns tempos virão,
Jano, que te alembrarei;
mande Deos que seja em vão.

Quem era *Pierio*, nome pastoril de um Pedro
ou Pero?

O snr. dr. T. Braga, a pag. 38 do seu livro
sobre Bernardim Ribeiro aventa a opinião de

que fosse o velho embaixador e poeta do Cançãoeiro de Rêzende, Pedro de Sousa Ribeiro.

Na écloga de Sá de Miranda: *Basto*, o pastor Bieito (Sá de M.) em dialogo com Gil (B. Ribeiro) alude a um amigo comum que profetizou infortunios a Bernardim:

Trouxeste-me ora á lembrança
Aquelle amigo foão
Que ao tempo d'essa mudança
Tua foi-te assi á mão
Como a quem os dados lança. (1)

N'uma variante da mesma composição poetica, Miranda frisa melhor quem fosse o amigo que «lançou os dados», isto é que profetizou os infortúnios de Bernardim:

Trouxeste-me ora á lembrança
Um amigo do Torrão
Que ao tempo d'essa mudança
Tambem si te foi á mão. (2)

Um dos amigos de Sá de Miranda, a quem este consagrou algumas das suas poesias, chamava-se Pero de Carvalho. Seria este o Pierio, *amigo do Torrão*?

Quanto á amada de Sá de Miranda, a que Bernardim dá o nome pastoril de *Célia*, quer o sr. dr. Theóphilo Braga que fosse D. Isabel Freire.

Bernardim, referindo-se á amada de Sá de Miranda, escrevera:

(1) Poesias de Sá Miranda. Edição de 1614, f.º 97 v.

(2) Poesias de Sá Miranda. Edição Michaëlis, pag. 553.

nimpha do maior primor
que em Mondego se banhou,
e que cantava melhor.

Como se podia concluir d'estes versos que Celia se havia banhado em Coimbra, o snr. dr. Theophilo Braga houve por bem anotá-los pela seguinte fôrma: «Deve entender-se que foi o pastor, que se banhou no Mondego, e não *Célia*, como pode inferir-se.» ⁽¹⁾

O que nos parece que não pode inferir-se de modo algum é a conclusão do abalisado professor.

Que fosse Isabel Freire a namorada de Sá de Miranda, não temos elementos bastantes para o contestar de um modo absoluto: mas parece-nos que é este um problema que se não pôde considerar resolvido, e a que mais de espaço nos referiremos n'este trabalho, em capítulo próprio.

Écloga de Amador e Silvestre, conhecida pela III. O motivo do diálogo que movimenta esta écloga é o mal de amores de que enfermam os dois amigos: Bernardim e Sá de Miranda, o primeiro mais insofrido, como verdadeiro poeta que foi, o segundo mais resignado, como filósofo que se prezava de ser. Um, o *homem voluntario*, o outro o *homem ás direitas*.

Bernardim dá-se n'esta écloga o nome de *Amador* (o que ama), e dá a Miranda o nome de *Silvestre*.

N'esta composição de Bernardim, vemos nós a alusão á partida de Ribeiro para a Itália, des-

(1) Sá de Miranda e a Eschola italiana, pag. 49, nota.

pedindo-se de Sá de Miranda, que a esse tempo se encontrava em Coimbra (1520-1521).

SILVESTRE DÍZ A AMADOR:

As cousas que não tem cura,
Amador, não cures d'ellas,
e as que não tem ventura
não te adventures por ellas,
porque causam mór tristura.
Deixa-as ir por onde vão,
não vás onde te levarem,
que se umas se acabarem
outras se começarão
pera mais paixão te darem.

Não estês assim pasmado,
que bem pasmado estou,
de te ver mudo, e mudado;
ó Amador, quem cuidou
que fosses tam descuidado!
Não cuides o que farás,
nem faças o que cuidares;
olha bem onde te vás,
se comtigo não acabares,
crê que nunca acabarás.

Repousa hoje aqui;
não te aproveita fogir,
pois que comtigo ha de ir
quem te faz andar sem ti,
sem comer e sem dormir.
Ao longo de este prado
fallar-te-hei e fallar-me-has,
cada um com seu cuidado;
comigo descansarás,
posto que venhas cansado.

AMADOR

Ó que enganosa porfia,
ó que porfia de engano,
que tanto tempo escondia
de um dia em outro dia,
de um anno em outro anno!

Meu mal eu t'ò contaria,
 mas é mal que não tem conto;
 ditoso quem o sentia,
 que já teria um desconto
 com que se satisfaria!

.....

SILVESTRE

Amador, pois que te vás,
 as boas horas vão contigo,
 comigo fiquem as más,
 que não sei se as verás,
 que as não vejas comigo :
 Deos te cumpra teu desejo,
 e a mim tire o meu, -
 ou me mostre quem m'ò deu,
 que com quantos males vejo
 sempre me hei de chamar seu.

Como se viu, na écloga conhecida pela I de Bernardim, Sá de Miranda tem o nome pastoril de *Fauno*, ou seja deus *campestre*. Em perfeita identidade, tem n'esta écloga III o nome de *Silvestre*.

N'uma das poesias de Bernardim Ribeiro, publicada a fl. CXCH do Cancioneiro de Rêzende, encontram-se os seguintes versos, que justificam o nome pastoril que o poeta se dá na écloga :

fui e sam grande *amador*,
 e vai-me bem mal d'amores...

Quanto ao nome pastoril de *Silvestre*, conferido ao seu intimo amigo e companheiro, é curioso verificar que é precisamente com esse nome que Sá de Miranda se crisma n'uma das suas éclogas, aquella cuja acção decorre entre

Silvestre e Montano ⁽¹⁾. A personagem *Montano* representa Bernardim. Esta écloga de Miranda é uma variante da écloga *Basto*, que foi talvez a mais trabalhada e refundida das composições do poeta-filósofo.

Em um pliego suelto contendo a écloga *Silvestre e Amador*, de que ha um exemplar na Biblioteca Nacional de Lisboa, a seguir ás estrofes de Bernardim, o editor acrescentou uns versos *em eco*, imitação de versos idênticos de Gil Vicente, mas por tal modo chocarreiros que se não podem attribuir ao poeta da *Menina e moça*. Foram reproduzidos pelos editores de 1852, e encontram-se egualmente na edição das poesias de B. Ribeiro dirigida pelo snr. dr. Xavier da Cunha.

O sr. dr. T. Braga não teve repugnância em aceitar como de Bernardim semelhante composição ⁽²⁾, não obstante as edições feitas sobre os originaes legados pelo poeta não a inserirem.

A nosso ver, os versos em eco da edição de 1536, em que Bernardim é alcunhado de *sandeu*, são uma alusão de mau gosto ao estado mental de Ribeiro á data da publicação do folheto.

N'uma passagem das obras de Sá de Miranda pareceu-nos encontrar referência á vilania do editor. O poeta filósofo dirige se ao seu amigo Bernardim, dizendo-lhe:

Perdoa se me desmando;
Já te ouvi chamar *sandeu* ⁽³⁾

⁽¹⁾ Poesias de Sá de Miranda. Ed. Michaëlis, pag. 403.

⁽²⁾ B. R. e o Bucolismo, pag. 89.

⁽³⁾ Poesias de Sá de Miranda. Edição Michaëlis, pag. 394.

Écloga de Jano, conhecida pela IV. Sob o nome de *Jano*, com que já o vimos crismado na segunda écloga, Bernardim canta, como sempre, a sua paixão infeliz.

A' sua amada chama *Dina*, lembrando-se talvez dos versos que lhe consagra na écloga I:

E Catherina era *dina*
pera dar pena e tormento.

Está o poeta em Itália, e aludindo ao seu desterro, e á causa que o motivara, diz:

Mudei terra, mudei vida,
mudei paixão em paixão,
vi a alma de mim partida,
nunca de meu coração
vi minha dor despedida.
Antre tamanhas mudanças
de um cabo minha sospeita
e d'outro desconfianças,
deixam-me em grande estreita
e levam-me as esperanças

.....

A la fé, de culpa sou,
que bem m'o disse Africano
quando a Filippa fallou,
e lhe deu o desengano
com que lh'a vida tirou...

Quem fosse o *Africano*, di-lo o sr. dr. Theóphilo Braga, a pag. 93 do seu livro sobre Bernardim Ribeiro.

Era o poeta Diogo de Mello da Silva, que, vindo de Azamor, encontrou a sua dama casada. Sobre o successo estampou no Cancioneiro de Rézende umas trovas, que foram glosadas por Bernardim Ribeiro:

*Casada sem piedade,
vosso amor me ha de matar.*

Écloga de Ribeiro e Agrestes, conhecida pela V.
Bernardim Ribeiro dá-se n'esta écloga o nome pastoril de *Ribeiro*:

Ribeiro, triste pastor,
de Ribeira namorado,
vendo-se della apartado,
lamentava sua dor
nascida de seu cuidado...

.....
Mas Agrestes vejo vir,
segundo sinto, e cantar;
seus males quero ouvir,
que são muito de sentir,
pera com elles chorar.

AGRESTES

*Que mal-avindos cuidados
me tem tomado antre si;
nunca tais cuidados vi.*

Agrestes é o nome pastoril que Bernardim dá n'esta écloga ao seu amigo Sá de Miranda. Para que não possa haver a menor dúvida, os versos que *Agrestes* entra a cantar «Que mal-avindos cuidados...» pertencem a Francisco de Sá. ⁽¹⁾

E, tam bem exprime este nome pastoril a personalidade do poeta-filósofo, que é curioso constatar que está em perfeita harmonia com o que do seu temperamento e da sua obra escre-

(1) Poesias de Sá de Miranda, Edição de 1614, fol. 152.

veram Camillo Castello Branco e a ilustre editora das poesias de Francisco de Sá, Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

Camillo, a pag. 38 do 2.^o volume da *Historia e Sentimentalismo*, definindo o temperamento de Sá de Miranda, escreveu: «... temperamento melancolico e *agreste* que reçuma das suas elegias á morte da sua amada...»

A snr.^a D. Carolina Michaëlis, a pag. CXV da sua edição monumental das poesias de Francisco de Sá, refere-se á «*physiognomia agreste* dos seus versos.»

N'esta écloga V. de Bernardim, *Agrestes* recorda se de um pastor amigo na seguinte estrofe:

Ó *Florisendos* pastor,
que se tu meu mal soubesses
eu seguro que tivesses
de minha dor grande dor;
ainda que não quisesses,
haverias dó de mi,
que em barbara terra vivo;
depois que me apartei de ti,
Florisendos, não me vi
uma hora sem ser cativo.

Em nosso juizo, o nome pastoril de *Florisendos* designa o velho poeta, parente de Sá de Miranda, João Rodrigues de Sá e Menezes, «*flor dos portuguezes.*»

Écloga de Crisfal. Bernardim deduziu o anagrama com que se denomina n'esta écloga das palavras *Crisma* e *Falso*, de que aproveitou as primeiras sílabas, formando assim a palavra *Crisfal*.

Os nomes pastoris que figuram n'esta écloga, obedecendo á ideia que fundamentou a compo

sição, são todos êles *crismas falsos*, sendo difficil profundar quaes as personagens reaes que o poeta pôs em scena, o que deu logar a erradissimas interpretações, contribuindo para que tomasse vulto a lenda que resultou do próprio anagrama *Crisfal*, que foi tomado como deduzido dos nomes de Cristovam Falcão.

À sua amada Joana chama Bernardim n'esta écloga *Maria*:

Ella chamavam Maria.

Na écloga de *Crisfal*, diz-nos Bernardim como o segredo do seu amor, bem guardado por êle e pela sua namorada, foi descoberto

por *Joana*, outra pastora,
que a *Crisfal* queria bem

.....
.....
.....

A qual, logo aquelle dia
que soube de seus amores,
aos parentes de *Maria*
fez certos e sabedores
de tudo quanto sabia.

Com o crisma-falso de *Joana* (o próprio nome da sua bem amada) designa provavelmente Bernardim a sua primeira namorada, *Cruelsia* ou *Aquelisia*, que na *Menina e moça*, ao saber-se desdenhada pelo poeta, *pediu aos ceus vingança*.

Os paes de *Maria*, ao serem informados dos amores da donzela,

levaram-na a longes terras,
escondêram-na antre serras
onde o sol nunca era visto.
e a *Crisfal* deixaram guerras,

Alem da dor principal,
pera mór pena lhe dar,
puseram-na em lugar
mao pera dizer seu mal,
mas bom pera o chorar.

Ao passo que Maria está desterrada em longes terras, Crisfal

em valle mui solitario,
sombrio e mui saudoso...

desabafava as suas migoas. chorava as suas desditas

... sobre ãa ribeira
de mui alta penedia

Às águas, que chama «companheiras do seu mal» conta um sonho que fizera, em que passa em revista as afeições mais caras da sua mocidade.

Em um valle descontente
estar António vi,
este assás deferente.
que casi o não conheci,
sendo bem meã conhecente.
Aqueste é o pastor
que aqui vêo buscar-me,
não mais que por consolar-me,
e vêo com tanta dor
que me dá dor o lembrar me.

Antonio é o crisma falso attribuido ao poeta Sá de Miranda, que n'uma das suas éclogas tambem se designa com o nome pastoril de *Anton*.

Quando Bernardim, no sonho. avista o seu amigo e companheiro ouve o dizer:

«Ó Guiomar, Guiomar,
em ti pus minha esperança;
e quanto ella encobre
agora em dor se descobre!
perigos, desconfiança,
fizeram do rico pobre!»

O nome de *Guiomar* oculta o da amada de Sá de Miranda.

Entre duas ribeiras, encontra Bernardim uma serrana formosa, que lamenta a infelicidade do casamento a que fôï forçada, e que se lembra com saudade da namorada do poeta:

«Maria perdi, mesquinha;
logo, em sermos apartadas,
de meu mal fui adevinha.
Milhor sejam suas fadas
do que fôï a fada minha.
Deos a dê ao seu Crisfal
por ambos contentes ser;
e mais não lhe quero ver,
mas já sei pelo meu mal
o bem d'outrem escolher.»

Quando a eu assi ouvi
doer-se de minha pena,
com novos olhos a vi,
e então que era Elena,
minha amiga, conheci.
Esta pastora e dama
certo que milhor lhe ia
quando a cantar ouvia,
dando fé que em sua cama
o velho não dormiria.

Refere-se, evidentemente, o poeta a uma dama da sua amizade que fôï pouco feliz com o casamento feito com um velho. Pela alusão á separação de *Maria*, reconhece-se que o poeta se refere a uma amiga e companheira de Joana Tavares. Seria inclusivamente uma irman de Joa-

na? Estará porventura no crisma-falso de *Elena* a mesma personagem alvejada sob o nome pastoril de *Guiomar*!

Não será esta *Guiomar-Elena* a **nimpha que cantava melhor**, a *Celia* que muito amou Francisco de Sá?

O certo é que *Elena* conviveu com o nosso poeta e a sua namorada, como se vê dos seguintes versos:

Depois de ver-me sem vê-la
os meus olhos me choraram;
quantas cousas lhe lembraram
que antre mim, Maria e ella
em outros tempos passaram!

Vejamos agora outras passagens da écloga, de cuja aclaração dependerá o fazer se muita luz sobre os amores de *Jano*:

No sonho, que movimenta esta composição de Bernardim, o poeta é levado pelos ares, até que, depois de passar o Mondego, os ventos o pousam

sobre as serras de Lor.
Vão ali grandes montanhas

Na primeira edição da écloga, os versos que estes substituíram não faziam a menor alusão ás serras onde os ventos pousaram o sonhador, e assim não se pode ter a certeza sobre a autenticidade da variante, que poderia ser fruto do autor da parte apócrifa da *Menina e moça*.

Mas, considerando-os como de Bernardim, o nome de *Lor*, ou *Lor-Vão*, designará realmente Lorvão, e seria esta a localidade onde foi residir, talvez após o seu casamento com *Fileno*, a namorada do poeta? É possível, tanto mais

que a alusão se encontra distarçada na divisão das duas sílabas da palavra Lorrão por dois versos.

Desde que se apure, **com segurança**, quem fosse o marido de Joana Tavares, implicitamente, a nosso ver, se resolverá este problema.

A amada de Bernardim refere-se a haver mudado a sua residência

*para o casal da Figueira
do ral de Pantalão.*

Temos a intuição de que o nome de *Pantalão* abriga a mesma referência do *Fileno* da *Menina e moça*

Seria *Fileno* da *Figueira* de *Lorrão*?

Talvez que os dois versos de Bernardim encerrem apenas este artifício: — dando o nome da localidade ao casal, e o nome do casal á localidade.

O anagrama *Fileno* oculta, provavelmente, um individuo que tinha por nome, apelido ou alcunha o nome de um animal *felino*. Seria Pantalão? Seria Gato? Estamos em crer que o assunto ainda poderá ser resolvido, como outros muitos pontos por aclarar respeitantes á vida de Bernardim.

VII

A «Menina e moça»

As paginas da primeira parte (incompleta, se não intencionalmente vaga, omissa e obscura, para confundir, talvez, quem ler, e occultar a verdade) são palpitantes de vida, e commoventemente subjectivas, e por isso tem o alto poder de conciliar a *sympathia*, e mover o enternecimento das organizações delicadas.

D. Jose Pessanha

A novela pastoril de Bernardim, encerrando como as éclogas, a história da sua paixão infeliz, contribuiu ainda mais talvez do que as suas composições poéticas, para lhe assegurar um nome imorredoiro, conseguindo despertar a sympathia de quantos faziam a leitura d'esse peregrino poema em prosa, em que o poeta amavioso de Joana, por entre os episódios fantásticos de um livro de cavalaria, soube condensar admiravelmente os transees do simples, inditoso e comovido romance da sua vida.

A alma portugêsa, em que desabrochava o *Amadis de Gaula*, não podia deixar de votar um enternecido culto a essa obra de Bernardim Ribeiro, em que o género pastoril se casava admiravelmente com a escola dos velhos livros de cavalaria, tornando-a mais interessante, remo-

çando-a por assim dizer ; dando-lhe os fulgores da mocidade, todas as galas que é capaz de imprimir a uma obra sua um espírito creador, o cérebro privilegiado de um artista de superior grandeza.

O distinto e consciencioso escritor snr. dr. Sousa Viterbo definiu magistralmente o que é a novela pastoral de Bernardim Ribeiro, e a sua conceituosa apreciação, correspondendo em absoluto ao nosso sentir pessoal, merece ficar registada n'esta altura do nosso trabalho, por que, melhor do que o podíamos fazer, e com a autoridade que justamente se reconhece aos trabalhos do paciente investigador, transmitirá aos leitores a impressão do nosso convencimento :

«...novella de cavallaria impregnada de perfume bucolico, participando do *Orlando furioso*, de Ariosto, e da *Arcadia*, de Sanazaro, um misto do *Amadis de Gaula* de Vasco da Lobeira e da *Diana*, de Jorge de Montemór.» ⁽¹⁾

A *Historia de Menina e moça*, tambem conhecida pelo nome de *Saudades*, como succedeu a muitas outras obras de nomeada em prosa ou verso, tem uma continuação ou segunda parte apócrifa, devida á pena de dois rabiscadores de infimo mérito. E' o chamado *Segundo livro*.

N'este capítulo, trataremos apenas da parte autêntica da *Menina e moça*, que, como as éclogas de Bernardim, tem sido erradamente interpretada.

Abre a novela pelo monólogo em que a me-

(1) O Dote de D. Beatriz de Portugal, Duqueza de Saboya, por Sousa Viterbo. Lisboa. 1903, pag. 15.

nina e moça, chorando os infortúnios da sua vida, se propõe escrever a história das cousas que viu e ouviu, embora não tenha a certeza de poder levar a tarefa a bom cabo.

Na *menina e moça*, Bernardim, transferindo para a sua amada Joana os seus próprios infortúnios, a sua amargurada vida de exilado, põe na boca da mulher querida todos os seus anseios, todas as suas pungentes desilusões, para se dar a triste consolação, através das páginas doloridas da sua obra, de se ver amado, e saudosamente lembrado, pela mulher que trocara a afeição do poeta pela de um outro zagal que *alto silvara*, como escreveu Francisco de Sá.

E, na febre do seu amor constante, ao lançar ao papel as suas magoadas queixas, o poeta não tem outro alvo que não seja o de que a mulher amada lance um dia seus olhos sobre o *pequeno penhor dos seus longos suspiros*: a novela pastoral em que Joana Tavares tem o papel simpático que de direito cabia ao seu trovador...

No ermo em que se encontra a *menina e moça*, surge uma dama *vestida toda de preto*, que se dirige á donzela, dizendo-lhe:

— «Maravilha é ver donzella em ermo, depois que a minha grande desventura levou a todo o mundo o meu...» — E d'ahi a grande pedaço, misturado já com lágrimas, disse: — «...filho!»

Na dama vestida toda de preto personificou o poeta sua mãe, reunindo assim nos capítulos preliminares da sua novela as mais queridas afeições da sua vida.

A dama e a donzela desabafam as suas mágoas, atraídas pela simpatia que as suas mútuas desditas fazem brotar em seus peitos.

A dama começa a contar á moça-a *historia de dois amigos, historia muito falada n'esta terra...*

No seguimento da novela, o poeta limita-se apenas a contar a história que diz respeito a elle próprio, ou seja o trama dos seus mal-aventurados amores. A história do outro *amigo*, é facil de deduzir, pelas *éclogas*, que seria a de Francisco de Sá, o seu bom companheiro e confidente.

Alem das aventuras de cavalaria que realçam a novela, e em que apparecem várias personagens de mera convenção, que seria loucura procurar encabeçar em figuras reaes, a *Menina e moça* encerra episódios verdadeiros, que transparecem através do véu de fantasia com que o artista cobriu discretamente a realidade.

É por demais conhecida a novela pastoril para que seja necessário acompanhá-la passo a passo, sendo bastante para o fim que temos em vista salientar as referências pastoris que occultam individualidades da vida real:

«Em umas ricas andas, que Lamentor na nau trouxera, iam as duas irmans, porque a maior vinha prenhe de dias.»

Em *Lamentor* está personificado o rei D. Manoel. Não se trata de um anagrama cabalístico. O nome *Lamentor* representa uma abreviatura de *lamentador*, ou seja o que se lamenta.

«Belisa, que assi se chamava aquella senhora que vinha prenhe...»

Em *Belisa* transparece, evidentemente, o anagrama de Isabel, que é um *crisma falso* com que Bernardim Ribeiro vela a figura da rainha D. Maria, á qual faz falecer de parto, para desnorteamento dos que procurassem desvendar o que a novela encerrava de verdadeiro.

«A senhora Aonia, que assi se chamava a irman, acordou as molheres de casa, e uma dona honrada que de parteira sabia muito, e pera isso a trouxera Lamentor...»

Em *Aonia*, ou seja o anagrama de Joana, está personificada a filha de Inês Alvares, e esta é a *dona honrada* «que ama se chamou depois pela criação da menina».

A filha de *Lamentor* e *Belisa*, que teve por ama Inês Alvares, foi a infanta D. Beatris, que em 1521 casou com o duque de Saboia.

Bernardim aparece na novela sob dois anagramas: o de *Narbindel* e o de *Binnarder*.

Apaixonado por *Aonia*, *Narbindel* resolve-se a abandonar *Aquelisia* ou *Cruelsia*, nomes pastoris que envolvem o da primeira namorada do poeta, como já referimos no capítulo consagrado aos amores de Bernardim.

Servindo de intermediária aos amores de *Binnarder* com Joana Tavares, aparece na novela, sob o nome de *Enis*, uma alcoviteira, que se presta a ser capa dos dois namorados, e na qual, pela dedução do anagrama Inês, o sr. dr. Th. Braga viu a própria mãe de Joana Tavares.

O poeta delicadíssimo da *Menina e moça* seria incapaz de prestar a Inês Alvares os conselhos que, na novela, *Enis* segreda a Joana Tavares, após o seu casamento com *Fileno*: «porque lhe dizia que, segundo os casamentos occupavam aos homens, poderia ella ter a liberdade que quisesse; e, com o rêsguardo, faria o que sua vontade fosse, — o que não poderia na casa onde estava»...

Inês Alvares, a *ama da menina*, a *dona honrada*, não poderia aconsellar a filha a que se

prostituisse, o que era, porém, compatível com a moral de uma servilheta do paço!

Sobre *Fileno*, nome pastoril com que é designado o marido de Joana Tavares, e em que transparece a alusão a um animal felino, nada se tem averiguado até hoje que seja digno de fé.

O snr. dr. Theóphilo Braga quer que *Lamentor* seja o anagrama de Manoel Tavares, irmão de Joana; que *Belisa* seja uma irman de Joana de nome Isabel, amante do rei D. Manoel, de cujas relações teria resultado a creança... E na *Menina e moça* viu igualmente o distinto professor outra creança, filha das tristes hervas, não descendendo de el-rei D. Manoel, mas de *Bernardim Ribeiro e dos seus mallogrados amores!*

VIII

A parte apócrifa da «Menina e moça»

Entre os 31 capítulos que constituem a 1.^a parte, ou o chamado *Primeiro livro* das «Saudades» de Bernardim Ribeiro, e os 58 capítulos da parte 2.^a, a diferença do estilo é tam manifesta, salta aos olhos por fôrma tal, que o mais rudimentar critério de estudantinho do liceu, sem grande estudo, conclue pela diversidade de autor.

Na 2.^a parte, dois escribas anónimos procuraram imitar a prosa correntia e adoravel de Bernardim Ribeiro; mas, falhos de talento e falhos de cultura, não conseguiram outra coisa mais do que encher algumas dezenas de páginas com um amontoado de baboseiras sem nexo, despidas de todo o interesse, e em que os episódios cheios de ingenuidade e frescura da 1.^a parte são *pastichados* por uma fôrma ignobil.

Nas edições de Ferrara e Colonia, a 2.^a parte da novela só encerra 12 trechos, equivalendo aos primeiros 17 capítulos das edições seguintes. O editor de 1558 encarregou-se, porém, de ampliar essa parte apócrifa com os capítulos

imediatos, e fê-lo por fórma tal que ainda ultrapassou, se é possível, a imbecilidade de que dera provas o primeiro imitador de Bernardim.

Que o segundo continuador foi o indivíduo que prefaciou a edição de 1558 deduz se do confronto do estilo do prefácio com o dos capítulos acrescentados. Ou o estilo não fosse o homem, como preceitua a conhecida sentença!

Arquivemos aqui essa pagina de prosa, que permitirá aos leitores estabelecerem confrontos, para que melhor avaliem da justiça com que tratamos esse antecessor bizarro de Faria e Sousa.

Vae reproduzida com a própria ortografia, para que não se julgue que alteramos de algum modo este *logar-selecto*:

Aos lectores

Foram tantos os tradutores deste livro, e os pareceres em elle tam diversos, que nam he de maravilhar que na primeira impressam desta historia, se achassem tantas cousas em contrario de como foram pello auctor delle escriptas. Porque natural he ho que cada hum consigo determina (dado que errado,) isso cree. e nisso assenta: ho que parece que foy causa de andar este livro tam vicioso e com palavras tam differentemente postas das que deviam ser. E porque ha dor desta chaga se nam podia curar sem se buscar ho madronho, conveo tirar-se a limpo do proprio original seu, esta primeira e segunda parte todas enteriras. pera que muy certo conheça quem ler hũa e outra ha differença dambas. Tambem cumpre muito, as pessoas que ha lerem, que seja com aquella preeminencia que obra tam saudosa e triste merece. Porque se a todos (em seu grao) he devido este dechoro, a esta mais que a outra nenhũa he necessariamente forçado.

E' certo que o editor de 1558 declara no seu aranzel que faz a edição da obra de Bernardim

sobre os originaes do poeta; mas semelhante declaração não representa mais que um *truc* grosseiro para fazer passar como ouro de lei o estanho dourado da moeda tôsea do seu fabrico fraudulento.

O sr. D. José Pessanha, na sua apreciada edição da «Menina e moça», publicada em 1891, tratou brillantemente este ponto, sendo-nos muitíssimo agradável chamar a atenção dos que nos lêem para as judiciosas notas com que o distinto académico valorizou a edição da novela de Bernardim, demonstrando as contradições flagrantes que a parte apócrifa evidenciava, em relação á autêntica, suficientemente reveladoras de que não foi o peregrino engenho de Bernardim Ribeiro que engendrou os asiáticos 58 capítulos acrescentados ao seu delicadíssimo romance pastoril.

Com effeito, é preciso não conhecer as produções do poeta bucólico, não ter estudado a sua maneira, para se lhe attribuirem os versos incorrectíssimos, intercalados na 2.^a parte da novela, sob a designação de *Romance de Avalor*, em que um verzejador da força de Rosalino Cândido conseguiu amontoar esta enfiada de rimas, sem elevação e sem senso comum:

Romance d'Avalor

Pela ribeira de um rio
que leva as agoas ao mar
vai o triste d'Avalor,
não sabe se ha de tornar.

As agoas levam seu bem,
elle leva o seu pesar,
e só vai sem companhia,
que os seus fôra elle deixar.

Cá quem não leva descanso
descansa em só caminhar.
Descontra onde ia a barca
se ia o sol a baixar.

Indo-se abaixando o sol,
escurecia-se o ar,
tudo se fazia triste
quanto havia de ficar.

Da barca levantam remo,
e ao som do remar
começaram os remeiros
do barco este cantar:

«Que frias eram as agoas,
quem as havera de passar!»
Dos outros barcos respondem:
«Quem as havera de pãssar

Se não quem a vontade pôs
onde a não pode tirar!»
Trala barca levam olhos
quanto o dia dá lugar.

Não durou muito, que o bem
não pode muito durar.
Vendo o sol posto contr'elle
soltou redeas a seu cavallo
da beira do rio andar.

A noite era calada
pera mais o magoar,
que ao compasso dos remos
era o seu sospirar.

Querer contar suas magoas
seria arêas contar;
quanto mais se ia alongando
se ia alongando o soar.

Dos seus ouvidos aos olhos
a tristeza foi igualar.
Assi como ia a cavallo,
foi pela agoa dentro entrar.

E dando um longo suspiro,
ouvira longe falar;
onde magoas levam alma
vão também corpo levar.

Mas indo assi, por acerto,
foi e' um barco n'agoo dar
que estava amarrado á terra,
e seu dono era a folgar.

Saltou assi como ia dentro
e foi amarra cortar,
a corrente e a maré
acertaram-no ajudar.

Não sabem mais que foi d'elle,
nem novas se podem achar.
Sospeitou-se que era morto,
mas não é pera afirmar.

Que não embarcou ventura
pera só isso guardar,
mas mais são as magoas do mar
do que se podem cuidar.

Pois esta infamíssima imitação está correndo em selectas escolares, devidamente approvadas, como *trecho escolhido*, para as creanças aquilatarem do engenho peregrino de Bernardim Ribeiro!

Não ha, que nos conste, poeta mais desventurado alem da campá do que tem sido o autor da *Menina e moça*. a quem uma lenda estúpida despojou durante séculos de uma boa parte da sua obra, sendo lhe, em compensação, attribuidas *joias literárias* do quilate do «Romance d'Avalor»!

Mas esse trecho *lírico* nada é comparado com outros bocadinhos de oiro... em prosa da parte

apócrifa, que despertam a hilaridade do mais bisonho leitor. Para amostra, um trecho do capítulo XLVII:

«Não tardou muyto que de hũa cova que ao pé da serra ao grûnir do porco sahio hum salvagem muyto grande com hũa bisarma nas mãos tamanha como dez palmos, os tres de ferro e os sete de pao, tam bem enxerida que mal se podia tirar, e veyo onde estava ho porco, e tanto que a elle chegou ho começou de desfazer com aquella arma, e já que ho tinha casi desfeito, ao fitar e rastro que os cães trouxeram acodiram dois homens, hum delles com hum dardo e outro com hum cajado, e chegando donde estava ho porco e achando o salvagem de posse disse hum delles. Homem de bem esse porco he nosso, porque estes cães que o ssam ho mataram, aas quaes palavras respondeo com hum atito tam grande que estrogio todo aquelle valle, por onde em lugares furados andou ha voz retumbando gram pedaço, ho qual ouvindo-o da mesma cova sayo outro salvagem, com outra arma nas mãos como ha do outro que era macho e esta era femea, etc...» (1)

Depois de bem analisado este trecho, não será excessivamente arrojado concluir que o autor de semelhante baboseira tambem era um *salvagem macho*, a pedir que o desancassem com uma *bisarma tamanha como dez palmos*...

O snr. dr. Theóphilo Braga, na edição refundida do seu volume da **Historia da Litteratura** consagrado a Bernardim Ribeiro, reivindica para

(1) Edição das Saudades, de 1558, f.º 194 v. e 195.

Bernardim a segunda parte da *Menina e moça*, abandonando inteiramente o critério com que no livro *Bernardim Ribeiro e os bucolistas*, a paginas 125, escrevera :

«Depois do capitulo XXXI da primeira parte, traz uma segunda, cujo titulo revela o seu character apocrypho: «*a qual é declaração da primeira parte d'este livro.*» Quer dizer, que é um commentario. O estylo d'esta segunda parte é tão embrulhado e sem a ingenuidade pittoresca da antecedente, que salta logo ao espirito a profanação da mão apocrypha. Começa com uma nova historia de *Arima e Aralor*, que de fórma nenhuma se liga com a historia simples dos *dois amigos*. Demais, acabando a parte authentica de Bernardim no capitulo XXXI, só no capitulo XXXII da segunda parte é: «*Que torna dar conta do que passou Binnarder depois que viu ir Aonia em poder de seu marido Orphileno.*» Isto continua até ao capitulo XL em que a historia termina com a morte de Binnarder e de Aonia, á maneira de Tristão e Yseult, o que não podia ser contado por Bernardim; demais, o nome de *Orphileno*, da segunda parte, e *Fileno*, dito na primeira, mostram a variante de mão apocrypha.»

Como se explica que o distinto professor abandonasse por completo em 1897 o que tam judiciosamente escrevera em 1872?

Estamos em crer que o snr. dr. Th. Braga foi levado a modificar o seu critério de ha 25 anos pela sugestão provocada em seu esclarecido espirito pelos trabalhos genealógicos do snr. Sanches de Baena, em que o snr. visconde procurou dar vida real ás personagens da parte apócrifa, onde figuram os Tasbiões e os

Fabudarões e outros ilustres varões ascendentes do Gungunhana.

Que o ilustre professor ha de reconhecer o erro em que caiu, estamos convencidos, e d'êle se penitenciará com a franqueza honesta que o caracteriza.

IX

A primeira edição das obras de Bernardim

Não foi possível encontrar até hoje um único exemplar de edição anterior á de 54 das obras de Bernardim, mas do exame das edições conhecidas resulta em nosso espírito o convencimento ou, melhor, a certeza de que existia já impressa a *Historia de Menina e moça*, conjuntamente com as Eclogas e Poesias de Bernardim Ribeiro, á data de 1552.

Alem das diferenças que se notam nos textos das três mais antigas edições conhecidas da *Menina e moça* (Ferrara, 1554, Evora, 1558, e Colonia, 1559), que deixam antever a existência de uma edição mais antiga, sucessivamente emendada ou deturpada, ao paladar dos editores, militam a favor de uma edição estampada á data de 1552 os seguintes elementos de convicção :

1.º o facto de na edição de 1554 os editores haverem declarado publicar a obra *emmendada*,

2.º o facto do editor de 1558 se referir a terem sido *tantos os tradutores* do livro,

3.º a referência, citada por Camillo Castello Branco, que se encontrava n'um instrumento

jurídico de 1552 ⁽¹⁾ aludindo aos versos do poeta intitulado *Menina e moça*,

4.º o facto da mais antiga edição até hoje conhecida, 1554, ter sido executada em Ferrara, ou pelo menos como tal dada á estampa, e apresentar *modernizações* de algumas passagens da obra do poeta, não condizendo com as outras edições, em que essas passagens teem uma *forma mais antiquada*.

A' publicação dos originaes do infortunado poeta, em 1552, deve ter-se seguido a interdição do volume, e d'ahi resultou, a nosso ver, o motivo principal que levou o editor de 1554 a fazer imprimir a obra no estrangeiro, ou a fazê-la passar como se assim fosse, para evitar as garras da Inquisição.

O facto do editor de 1558 haver alterado o título do livro, de *Historia de Menina e moça* para *Saudades* é para nós mais uma confirmação da hipótese que alvitramos.

E' certo que ainda não appareceu exemplar algum das obras do poeta anterior á edição de 1554; mas tambem é certo que, antes de haverem sido conhecidas as edições de Ferrara e de Colonia, se negava a existência de outras edições que não fossem as de Evora e Lisboa.

Alimentámos a esperança de que ainda nos será dado encontrar a primeira edição das obras de Bernardim Ribeiro, com o que muito haverá a lucrar o renome literário do grande

(1) A esse instrumento jurídico tambem alude o Ms. n.º 396 da Col. Pombalina; e a nota, que n'ele se encontra, já reproduzida pelo sr. dr. Th. Braga (B. Rib. e o Bucolismo, pag. 184.), condiz perfeitamente com a revelação de Camillo,

poeta quinhentista. por isso que de um tal achado resultará conhecer-se a lição original de varios períodos da sua obra, uns emendados, outros deturpados.

O snr. dr. Theóphilo Braga acredita que a edição de 1554 das obras de Bernardim, feita em Ferrara, resultasse de manuscritos que, após o falecimento do poeta, fossem parar a Itália ás mãos de seus parentes, e que estes ali fizessem imprimir.

A nossa opinião é de que a edição de Ferrara foi feita sobre uma edição portugûesa, embora *emmendada*, e porventura acrescentada com a parte apócrifa da novela (primeiros capítulos).

Ou porque o livro houvesse sido proibido pela Inquisição, ou por quaesquer circunstâncias de ordem económica ou moral, um livreiro portugûes mandou fazer uma reimpressão a Itália, como alguns anos depois outro mercador de livros fazia reimprimir o volume na Alemanha.

De mais, o facto da edição ser dada á estampa como impressa *em Ferrara*, não é prova bastante para se avaliar da sua autenticidade. Podia muito bem ter sido feita em Lisboa. A falsa designação do lugar da impressão ainda hoje se encontra em edições bem modernas.

Nós não temos dúvida em aceitar que fosse realmente feita em Itália, mas sobre uma anterior edição portugûesa.

Na época devia ser vulgar o facto de livreiros nacionaes mandarem reproduzir no estrangeiro algumas edições mais vendáveis, fosse porque o trabalho resultasse mais económico, fosse para fugirem ao pagamento de direitos aos autores ou seus representantes.

Julgamos curioso extratar aqui um alvará de

D. João III a favor do cronista Fernão Lopes de Castanheda, que servirá de reforço ás considerações que deixamos exaradas sobre a edição das obras de Bernardim feita em Itália, ou como tal dada á estampa:

«Eu El-Rey faço saber a quantos este meu Alvará virem que Fernão lopez de castanheda, Bedel da faculdade das artes da universidade de Coimbra me enviou dizer que ele tinha feitos dez livros da historia da India, que começavão do descobrimento dela: dos quaes tinha impressos á sua custa ho primeyro livro, e queria imprimir os outros. E porque avia mais de vinte annos que andava occupado no fazer da dita historia: e tinha levado nisso muito trabalho, e feyto muito gasto de sua fazenda: me pedia que ouvesse por bem, *que pessoa algũa não podesse imprimir os ditos livros senão ele Fernão lopez, nem os vender, nem trazer de fóra do reyno* polo tempo, e sob as penas que me bem parecesse. E visto seu requerimento, e avendo respeito ao trabalho que tem levado em fazer os ditos livros, e a despesa que nisso tem feyta, me praz que por tempo de dez annos que se começarão da feytura deste em adiante, *pessoa algũa de qualquer qualidde que seja, não possa imprimir, nem mandar imprimir os ditos livros da dita historia da India, nem cada um deles: nem os possa trazer, nem mandar vir impressos de fóra do reyno, senão o dito Fernão lopez, ou quem seu poder pera isso tiver. Sob pena de qualquer impressor, ou livreiro, ou pessoas que os ditos livros ou cada um deles imprimir, ou vender, ou tener em sua casa, ou trouver imprimidos de fóra do reyno, perder os volumes, que lhe forem achados e pagar cinquenta cruzados, ametade pera os cativos, e a outra metade pera quem os acusar. Etc.» (1)*

Não nos propomos fazer n'este volume o estudo das edições do poeta.

(1) Alvará de D. João III, passado em Almeirim a 14 de junho de 1552, reproduzido na *Historia do Descobrimto e Conquista da India*, por Fernão Lopes de Castanheda. Lisboa, 1797, f.ºs VII e VIII.

A illustre editora da obra de Sá de Miranda planeia levar a cabo uma edição crítica das obras de Bernardim Ribeiro, prestando ás letras portuguezas serviço idêntico áquele de que já é credora, e que lhe garante um nome luzido, e muito á parte, entre os escritores da sua pátria de adopção.

A senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos tem já reunidos bastantes materiaes para a edição *Ribeiresca* que prepara. A sua comprovada competência, o seu muito saber, e o acendrado amor que vota ás letras portuguezas. são garantia sobeja para se avaliar que a edição crítica das obras de Bernardim Ribeiro ficará constituindo um sólido monumento, emparelhando condignamente com a edição *Mirandina*.

E'-nos em extremo agradavel ter ensejo de divulgar esta boa-nova a quantos se interessam pelo nome de Bernardim, o bom amigo de Francisco de Sá de Miranda.

X

Bernardim Ribeiro e a Escola Italiana

Faria e Sousa, facil receptador e promulgador de quantos contos fantasticos se inventaram sobre a poesia e historia portugueza, e auctor de muita fabula nova, foi o primeiro que negou a actividade e influencia de Miranda como innovador.

D. Carolina Mich. de Vasconcellos

Cultivou Bernardim Ribeiro o verso endecassílabo da Escola Italiana?

Pertencem a Bernardim Ribeiro as poesias de medida-nova que lhe teem sido atribuidas?

Sem o menor receio de que possamos ser apanhados em erro, respondemos:

— Bernardim Ribeiro não cultivou o verso endecassílabo da Escola Italiana;

— não pertencem a Bernardim as poesias de medida-nova que lhe teem sido atribuidas.

O snr. dr. Theóphilo Braga escreveu a fl. 303 do seu livro *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo*:

«Hoje, que ha a certeza de ter Bernardim Ribeiro cultivado o verso endecassyllabo da Escola Italiana, etc.»

A certeza do illustre professor resulta, principalmente, de uma fantasia propalada por Barbosa Machado, — miragem que não resiste ao mais ligeiro exame, como demonstraremos :

Nas obras do poeta Estevam Rodrigues de Castro (nascido em 1559) publicadas sob o titulo de *Rimas*, em Florença, em 1623, encontram-se algumas composições poéticas sob as iniciaes *D. B. R.*, que Barbosa Machado interpretou : *De Bernardim Ribeiro*.

O snr. dr. Th. Braga seguiu Barbosa, considerando taes produções como de Bernardim, não obstante a diversidade fundamental de character que taes poesias oferecem confrontadas com os versos ingênuos e bucólicos do nosso poeta.

Uma d'essas produções é uma écloga, e tem por personagens : *Ergasto*, *Delio* e *Laurenno*.

O snr. dr. Theóphilo deu vida a essas figuras, interpretando-as pela seguinte fórmula :

Ergasto : Bernardim Ribeiro,

Laurenno : Sá de Miranda,

Delio : Cristovam Falcão !

Só podemos attribuir semelhante interpretação ao desejo que o distinto professor alimentava de conseguir comprovar, na sugestão natural originada pela lenda, que tivesse existido um trovador Cristovam Falcão, amigo, companheiro e confrade de Bernardim e Sá de Miranda.

O incansavel escritor não reparou sequer que *Ergasto* e *Laurenno* eram nomes pastoris formados por dois anagramas, encontrando-se, naturalmente, disfarçado no crisma pastoril *Délio* o

próprio autor da écloga, a que deviam corresponder as iniciaes B. R.

Pois poderiam porventura ser anagramas de Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda aqueles dois crismas: *Ergasto* e *Laurenó*?

Evidentemente, não.

Que cumpria fazer então para se aclarar o problema?

— Procurar deduzir os nomes verdadeiros que os crismas pastoris occultavam.

Foi o que nós fizemos, e sem grande esforço lográmos apurar que:

Ergasto era um anagrama de Estevam Rodrigues de Castro, e

Laurenó era um anagrama de Fernão Alvares.

Obtidos estes dois nomes, não nos foi difficil encontrar o do poeta contemporáneo dos dois escritores *camoneanistas*, que se abrigava modestamente sob as iniciaes B. R.

Era o do poeta **Bento Rombo**.

A este, e não ao poeta quinhentista Bernardim Ribeiro, devem pertencer as poesias publicadas no livro de *Rimas* de Estevam Rodrigues de Castro, que é *propriamente um Cancioneiro*, como reconheceu o snr. dr. Th. Braga.

Ao mesmo poeta deve pertencer igualmente a poesia que o snr. dr. Theóphilo extraiu de uma miscelânea manuscrita do século XVIII pertencente ao nosso illustre amigo sr. Annibal Fernandes Thomaz, que encerra, *entre o grupo de poesias de Estevam Rodrigues de Castro*, uma attribuida a Bernardim Ribeiro:

Esconde Diana bella os raios bellos
Com que a noite esclarece negra e fria,
Cobre com negro véo roxos cabellos,
Em que Amor almas mil e mil entia, etc.

O copista, ao trasladar uma poesia assinada D. B. R., leu, certamente, como Barbosa Machado: *De Bernardim Ribeiro*, como se não houvesse outro poeta portuguez com as mesmas iniciaes.

Do poeta Bento Rombo existem poesias na miscelânea aludida, estampadas com o seu nome por inteiro: *Bento Rombo de Carvalho*.

*

* *

Quanto ao fragmento de Canção atribuido por Faria e Sousa, o *insigne patranheiro*, a Bernardim, e que o snr. dr. Theóphilo Braga aceita como do poeta, depois de criteriosamente, n'um livro anterior, o haver apodado de produto das *falsificações litterarias do seculo XVI*, não nos repugna aceitar que fosse do próprio... Faria e Sousa, tanto mais que o descabelado falsificador lhe pôs a rubrica: «*Cancion que (B. Ribeiro) escrevió a sua amada la Infanta Dona Beatriz en 1521*».

Se não era do próprio Faria e Sousa, atribuem-no a qualquer outro escriba, mas nunca ao autor da «Menina e moça», que não carece para o pedestal da sua figura literária dos louros que pudessem caber-lhe como autor de versos como os seguintes:

Exemplos te dirão do tempo antigo
Quando lhe são naturaes os perigos.
Olha bem que fugindo
Pódes de uma má bicha ser mordida,
Que estará entre essas hervas escondida.
Euridice fugindo temerosa
De Aristeo pastor, quando a seguia,
De uma bicha mordida, venenosa,
Foi no pé delicado...

Bicha venenosa, e bem venenosa, foi nas letras portuguezas esse fantástico Faria e Sousa, que se fartou de fabricar as lendas mais estúpidas que teem pesado sobre a nossa história literária, e que carecem de ser rebatidas denodadamente.

O que é doloroso é ver individualidades cheias de prestígio, como o consagrado professor do Curso Superior de Letras, seguirem, descuidosamente, com toda a boa fé, na esteira de uma personagem tam pouco recomendavel!

*

* *

Da écloga *Alejo*, de Sá de Miranda, tambem o snr. dr. Theóphilo Braga julgou poder depreender que Bernardim havia cultivado os versos da nova escola, pelo facto de Miranda se pôr a cantar, *como se Ribeiro fuese*, uma canção em estrofes endecassílabas.

Era, pouco mais — pouco menos, como se pela circunstância de Guerra Junqueiro, n'um poema seu, representar Camões increpando o Cabo Tormentoso em versos alexandrinos, alguem concluísse que Camões havia cultivado o *alexandrino*.

Na própria écloga de Miranda, em que se alude ás composições pastoris trazidas de Itália, que constituíram o *canto do cisne* de Bernardim, se frisa á evidência que a écloga *Alejo*, feita depois das bucólicas de Ribeiro, era a primeira composição de medida nova, de *rimas estrangeiras*.

Referindo-se ás cantigas dos pastores que movimentam sua écloga *Alejo*, a primeira com-

posição portugêsa na corrente da Escola italiana, escreveu Francisco de Sá:

Estas nuestras samponas, las primeras
Que por aqui cantaram, bien ó mal,
Como pudieran, rimas estrangeras... (1)

Mas d'esta redacção da écloga ainda poderia ficar no espírito dos mais meticolosos qualquer dúvida.

Talvez Miranda não quisesse referir-se exclusivamente ás suas composições, por isso que as *nuestras samponas* também poderiam abranger as composições de *medida nova* de Bernardim Ribeiro.

É certo; mas felizmente dispomos de outra fonte de informação que nos permite aclarar o assunto.

Em maio de este ano, percorrendo vários manuscritos por classificar da Biblioteca Nacional de Lisboa, tivemos a ventura de encontrar um caderno-borrão de Sá de Miranda, autógrafo, e assinado, (2) encerrando entre outras poesias, a écloga *Alejo* na sua fórmula primitiva, segundo cremos. Do nosso achado demos immediatamente comunicação á distinta editora de Sá de Miranda, que utilizará o precioso manuscrito na segunda edição das obras de Francisco de Sá.

Na redacção da écloga *Alejo* d'esse manuscrito de Miranda, também se alude ao *canto do cisne* de Bernardim, e a apresentação dos pastores da écloga é feita nos seguintes versos:

(1) Poesias de Sá de Miranda. Edição de 1614, f.º 77 v.

(2) Codice manuscrito n.º 3355 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

*Estos pastores mios, los primeros
que por aca cantaran, bien ó mal,
á la sampoña versos estrangeiros...*

A écloga *Alejo* foi, pois, a primeira composição em versos da medida nova, marcando o início da Escola italiana em Portugal, quando a lira de Bernardim Ribeiro já havia enudecido.

Se o enternecido bucolista houvesse produzido qualquer poesia de *medida nova*, as edições feitas sobre os manuscritos do poeta não deixariam de a reproduzir.

XI

Algumas notas sobre as primeiras edições conhecidas de obras do poeta

Trovas de dous Pastores, Silvestre e Amador. Feytas por Bernaldim Ribeyro. Novamente emprendidas. Com outros dous romances com suas grosas: que dizem: O' Belerma. E Justa fue mi perdicion. E Passando el mar Leandro. 1536. (Front. tarjado de vinhetas em portada. Sobre o titulo 2 figuras de pastores (Silvestre e Amador) e uma ermida ao centro, gravuras de madeira). Folheto in 4.º

E' a primeira edição (conhecida) da écloga III de Bernardim, e até hoje só temos notícia do exemplar que existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa (Reservados, n.º 218 — 2.ª serie).

Sobre os versos em éco que esta edição acrescenta á écloga, reportamos o leitor para o que escrevemos no capítulo consagrado ás éclogas de Bernardim.

Quanto ás outras poesias que o *pliego-suelto* insere, só uma grande falta de critério levará alguém a attribui-las ao autor da écloga.

Não obstante, os editores da «Bibliotheca Portugueza», em 1852, reproduziram-nas como

se pertencessem a Bernardim Ribeiro, o que levou o snr. dr. Theóphilo Braga a escrever judiciosamente na edição de 1872 do seu livro sobre Bernardim :

«Estes editores (os de 1852) deram uma grande prova de ineptia tomando como de Bernardim Ribeiro a glosa ao romance de Durandarte, que começa no verso *Oh Belerma*, e finalmente pondo á custa do enamorado poeta o soneto : «*Passando el mar Leandro el animoso*», que tambem pertence a Boscan, e que o livreiro de 1536 reproduzira cortando os versos pelos seus hemistychios. Nos livros do seculo xvi é muito facil ver amalgamas de obras de diversos autores ; portanto acceitemos a ecloga III como mais completa na folha volante de 1536, mas rejeitem-se as outras tres peças como falsamente attribuidas pelos editores de 1852 a Bernardim Ribeiro.» (1)

Depois de haver passado um diploma de ineptos aos editores de 1852, o snr. dr. Th. Braga reconsiderou, e, na refundição do seu livro sobre os poetas bucolistas, não teve dúvida em aceitar como de Bernardim as duas primeiras peças, rejeitando apenas o soneto *Passando el mar Leandro*, visto esta composição estar reconhecida como de Garcillaso.

E porque aceita o illustre professor como de Bernardim as composições *O' Belerma* e *Justa fue mi perdicion*? Porque condizem com a situação amorosa de Bernardim Ribeiro. (2)

Parece-nos fraco argumento para que o con-

(1) Bernardim Ribeiro e os Bucolistas. pag. 68.

(2) Bernardim Ribeiro e o Bucolismo, pag. 288.

sagrado professor abandonasse a sua primeira impressão. Se os versos condissessem com a *maneira* característica de Bernardim, era admissível, mas por condizerem apenas com a sua *situação amorosa*, achamos pouco como elemento comprovativo. Por semelhante processo de crítica literária poder-se iam atribuir ao poeta quantas composições anónimas do século XVI condissessem com a sua *situação amorosa*.

Nós somos da opinião que o sr. dr. Th. Braga manifestava ha vinte e cinco anos, e, assim, entendemos rejeitar, por não pertencerem ao poeta da *Menina e moça*, os versos aludidos.

*

* *

Trovas de Crisfal. — *Trovas de hum pastor per nome Crisfal.* Folheto in 4.^o (Sem indicação de data nem de lugar, mas reconhecendo-se, pelo confronto com outros folhetos, ser de 1536).

Como muito bem observou o sr. dr. Theóphilo Braga: «A vinheta do pastor com capuz e cajado no *Crisfal* é a mesma que serve nas *Trovas de dois Pastores*; o typo gothico corpo 12 do titulo do folheto de 1536 é o empregado no texto do *Crisfal*. Tambem a vinheta da Dama, que vem no titulo, apparece empregada em outra folha volante de 1536, intitulada *Tragedia de los amores de Encas y de la reina Dido*.» ⁽¹⁾

E' a primeira edição (conhecida) da écloga de *Crisfal*. Como succede com a écloga antecedente, só ha noticia do exemplar que existe na

(1) Bernardim Ribeiro e o Bucolismo, pag. 395.

Biblioteca Nacional de Lisboa (Reservados n.º 218, da 2.ª serie (vermelho)).

Não obstante ter versos muito adulterados, esta edição do *Crisfal* é deveras digna de estudo, por isso que muitas das estrofes conservam, a nosso ver, mais fiel o pensamento do autor, sendo indispensavel o seu exame para a correcção das outras edições. Foi-nos de precioso auxílio para a nossa edição popular das trovas de Bernardim Ribeiro.

Esta edição reproduz uma estrofe que não se encontra nas edições seguintes, o que attribuímos a havê-la o poeta suprimido nos cadernos definitivos da sua obra, por um requinte de delicadeza para com a mulher amada.

Tem tam acentuado o cunho de Bernardim Ribeiro que não deve ser tomada como apócrifa.

E' a estrofe seguinte:

Muitos pastores buscaram,
mas um pastor por ser-te amigo,
e o outro por ser-te enemigo,
um e outro se escusaram.
E dão-lhe logo comigo
gados que farão mil queijos;
mas o com que se despediam ⁽¹⁾
é já mostrar que temiam
que o sabor dos teus beijos
na minha boca achariam !

Na sua estimada edição critica da écloga *Crisfal*, o estudioso professor snr. Epiphânio Dias caiu em alguns erros, precisamente por não haver ligado grande apreço á edição de 1536, seguindo de preferênciã as edições *emendadas*.

(1) Cremos que o poeta houvesse escrito ; *mas como se despediam*.

XII

Os pastores da Estremadura

No seu volume: *Sá de Miranda e a Eschola Italiana*, a pag. 29, escreveu o snr. dr. Theóphilo Braga:

«Aos cantares bucolicos de Christovam Falcão e Bernardim Ribeiro, allude Sá de Miranda, na Ecloga *Celia*, passados muitos annos:

..... Como se perdieron
Entre nós el cantar? como el taner
Que tanto nombre a los pasados dieron?
Mas dizem me que vienen a correr
Ciertos zagales de la Estremadura,
Que ora, ora asomaran por esa altura.»

A elaboração da écloga *Celia*, de Francisco de Sá, pôde ser fixada entre os annos de 1535 a 1537, quando Bernardim Ribeiro já estava sepulto nas trevas da loucura, como se depreende da própria letra da écloga, que refere ter caído um *raio* na cabana do poeta da «*Menina e moça*», aludindo assim ao *assombramento* d'aquelle peregrino espírito.

Que Sá de Miranda aludisse a Bernardim Ribeiro, e a outros poetas do Cancioneiro Geral, nos versos:

..... Como se perdieran
Entre nós el cantar? como el taner
Que tanto nombre a los pasados dieran?

crêmos bem que sim, mas nos versos seguintes, em que na alusão aos *zagales de la Estremadura* o snr. dr. Th. Braga viu uma referência aos cantares bucólicos de Bernardim Ribeiro e do pseudo trovador Cristovam Falcão, está equivocado o distinto professor.

Observemos bem o que diz Sá de Miranda, após a recordação dos cantares que haviam assinalado uma época distante :

Mas dizem me que vienem a correr
Ciertos zagales de la Estremadura,
Que ora, ora asomaran por esa altura.

E o poeta-filósofo saúda esses pastores com a seguinte estrofe :

Venid, buenos zagales; con favor
De aquellas blandas musas de Parnaso,
Inchid nuestros collados de sabor
De la suave lira hallada a caso,
Don de los dioses. Vueltos en su loor
Cobrireis de ierva verde el monte raso,
Las claras fuentes de sombras i flores,
De espanto los oidos de pastores. ⁽¹⁾

E' manifesto um incitamento aos seus discípulos, aos novos adeptos da Escola italiana, que Miranda iniciára alguns anos antes com a écloga *Alejo*.

Supondo por um momento que houvesse existido um poeta Cristovam Falcão, e que a este

(1) Poesias de Sá de Miranda. Ed. Michaëlis, pag. 310.

e a Bernardim Ribeiro quisesse aludir Francisco de Sá, não escreveria provavelmente Miranda :

Ciertos zagales de la Estremadura

porque nem o poeta da *Menina e Moça* nem o suposto autor do *Crisfal* eram da Estremadura, mas sim do Alentejo.

A' data da égloga *Célia*, Bernardim era lamentado pelo seu amigo Francisco de Sá, que pedia a Deus o livrasse de *tanto mal*, a êle e aos seus amigos.

Não era por conseguinte Bernardim Ribeiro um dos poetas alvejados por Miranda.

Os *zagales de la Estremadura* eram os discípulos, os seguidores de Francisco de Sá, como acertadamente o entendeu a inteligente editora das obras do poeta-filósofo, escrevendo: «Miranda tem noticia de que em Lisboa (Estremadura) appareceram novos poetas, que seguem as suas pisadas, poetando nos metros italianos; e sauda-os de longe cordialmente. É pois racional datar de 1536, ou dos annos immediatos, o augmento da nova escola, que o poeta do Neiva fundara depois de 1526; os seus primeiros adeptos foram Caminha, Francisco de Sá e Menezes e D. Manoel de Portugal. A data dos primeiros ensaios italianos d'estes poetas, ensaios mandados em homenagem a Miranda, assim como a das respectivas respostas d'este, poderá pois fixar se, com muita probabilidade, entre 1536 e 40.» (1)

(1) Poesias de Sá de Miranda. Edição Michaëlis, pag. 825.

XIII

Um romance apócrifo

Na edição da *Menina e moça*, publicada em 1645 por Manoel da Silva Mascarenhas, que se dá por neto de um primo co-irmão de Bernardim, appareceu pela primeira vez estampado um romance em verso, que o snr. dr. Th. Braga classifica de *surprehendente e bello*, que começa:

Ao longo de uma ribeira
Que vae polo pé da serra,
Onde me a mim fez a guerra
Muito tempo o grande amor,
Me levou a minha dôr, etc.

O editor attribue o romance a Bernardim Ribeiro, e até hoje, que nos conste, semelhante poesia tem passado em julgado como pertencendo ao poeta da *Menina e moça*, sem que ninguém se lembrasse de alvitrar que poderia tratar-se de um apócrifo.

Pelo estudo que fizemos d'essa composição, evidentemente *calcada* sobre as poesias bucólicas de Bernardim, temos para comnosco o convencimento de que taes versos não pertencem a Ribeiro, devendo considerar se um produto das falsificações literárias dos séculos XVI e XVII.

Baldadamente se procura no romance em

verso atribuído a Bernardim a frescura, a espontaneidade, a graça pastoril, o conjunto harmonioso das produções do poeta da *Menina e moça*.

E o escritor, que em toda a sua obra velou sempre a sua individualidade por meio de anagramas e nomes pastoris, aparece-nos no romance completamente a descoberto :

N'isto poz-se o sol ao ar,
E fez-se noite escura.
E disse mal á ventura
E á vida, que não morri!
E muito longe d'alli
Ouvi de um alto outeiro
Chamar:— Bernardim Ribeiro!
E dizer:— Olha onde estás! —
Olhei diante e detraz
E vi tudo escuridão.
Cerrei meus olhos então,
E nunca mais os abri,
Que depois que os perdi
Nunca vi tam grande bem,
Porém, inda mal, porém.

Comentando estas rimas, escreveu o snr. dr. Theóphilo Braga: «*Até aonde a linguagem humana pode subir!*» (1)

E' possível que seja muito justa a apreciação do illustre professor, classificando de *bello e surprehendente* o romance; mas ao nosso paladar não agrada aquele cozinhado poético de que damos aos leitores uma amostra. Não lhe encontramos nenhuma das qualidadds que se apreciam nos trabalhos de Bernardim Ribeiro, pelo que o consideramos um *apócrifo*, que não se recomenda por qualquer título.

(1) B. Ribeiro e o Bucolismo, pag. 131.

Mas, poderá objectar alguém : « Não estariam em poder d'esse editor, parente de Bernardim Ribeiro, os escritos legados pelo poeta, entre os quaes se encontrasse o romance : Ao longo de uma ribeira? »

Manoel da Silva Mascarenhas, na sua edição da *Menina e moça*, seguiu o texto da edição de 1578, e ignorava até que houvessem existido as edições de Ferrara e de Colónia...

Se tivesse em seu poder os originaes de Bernardim, não deixaria certamente de frisar essa circumstância importante na dedicatória do livro, em que alude ao facto da novela não ser impressa em vida do poeta, cujo original *por sua morte se achou em seus papeis*.

N'esta edição de 1645 um dr. Guadalupe consagra um soneto laudatório ao editor Mascarenhas pela sua iniciativa de ressuscitar a novela de Bernardim. Não seria este dr. poeta o pae da creança, isto é: o autor do romance attribuido a Bernardim Ribeiro?

De Bernardim é que ninguém nos capacitará que fossem aqueles versos *em que o sol se põe ao ar*.

XIV

Uma poesia de Camões atribuída a Bernardim

No Cancioneiro de Luis Franco, amigo e companheiro de Camões, manuscrito que se guarda na Biblioteca Nacional de Lisboa, encontrou o snr. dr. Theóphilo Braga uma poesia glosando o solau: «Pensando-vos estou, filha...» da *Historia de Menina e moça*.

O ilustre professor trasladou essa poesia no seu livro consagrado a Bernardim Ribeiro, antecedendo-a das seguintes palavras:

«O soláo foi escripto para ser intercalado no capitulo XXI da Novella da *Menina e Moça*, descrevendo a orfandade de *Arima*; porém, Bernardim Ribeiro glosou-o em vinte e seis decimas da mais intensa emoção pessoal. Porventura a filha dos seus desgraçados amores também se chamaria *Maria*, como a da Novella, apropriando a ella os versos do Soláo. No *Cancioneiro manuscripto* de Luiz Franco vem essa:

Glosa de: *Pensando-vos estou, filha, etc.*» (1)

(1) B. Ribeiro e o Bucolismo, pag. 188.

Lemos e relemos a poesia, trasladada pelo snr. dr. Theóphilo, sem que em nosso espírito ficasse a impressão de se tratar de um trecho poético de Bernardim; antes se nos afiguravam as glosas ao solau «Pensando vos estou, filha» o ensaio de um poeta de indole diversa de Ribeiro, que se houvesse aproveitado dos sentidíssimos versos do solau, para, glosando os, exercitar o engenho. O têma era realmente belo, não admirando que um discípulo de Bernardim o tomasse por modelo e fonte de inspiração.

De mais, custava-nos a compreender, não acreditando na existência da filha atribuída ao poeta das «Saudades», como era que Bernardim se lembrara de glosar uma poesia d'êle próprio, o que se nos afigurava estar em contradição com as práticas da sua época, não nos parecendo plausível por esse motivo.

Tirámo nos dos nossos cuidados, e fomos á Biblioteca examinar o manuscrito do amigo e companheiro de Camões.

Procurámos a poesia que nos intrigava, e lá a fomos encontrar, muito bem escrita, antecedida dos seguintes dizeres:

Glosas aos versos pensando-vos estou, filha

por Bernardim Ribeiro.

Não havia dúvida. O copista, com a sua melhor caligrafia de profissional, escrevera que as glosas aos versos «Pensando vos estou, filha» eram por (de) Bernardim Ribeiro...

Mas... reparámos também que ao lado das primeiras estrofes havia qualquer nota manuscrita coberta a lapis, não sendo fácil a olho

nu, nem com o auxílio de uma lente, a que recorreremos, decifrar o que essa nota contivesse.

Como o manuscrito era do século xvi, data em que os lapis ainda não eram nados, e assim não podia ter sido o coleccionador do Cancioneiro quem houvesse coberto por aquella fórma qualquer nota julgada inutil ou errónea, o digno conservador da Biblioteca, snr. José Antonio Moniz, não teve dúvida em fazer desaparecer com uma borracha o lapis importuno.

E então, com a maior nitidez, n'um rectângulo, tal como estão outras anotações que o Cancioneiro encerra, pôde ler-se em caligrafia do século xvi:

Camoens não anda

Isto é: a poesia pertencia a Luis de Camões, e não andava impressa nas obras do nosso grande lírico.

Longe de nós, consignando o que fica exposto, attribuir a menor responsabilidade do facto ao snr. dr. Theóphilo Braga.

O illustre professor, se tivesse visto a anotação, não iria attribuir a Bernardim Ribeiro a paternidade de uma poesia de Camões, o que seria imperdoável.

Se o fez. estamos plenamente convencidos d'isso, é porque não ligou a menor importância ao lapis que ocultava uma informação de tal valia ou nem sequer reparou n'essa particularidade da página do manuscrito, o que é mais natural.

XV

As trovas de Bernardim

Quando cantavas, ninguem mais cantava
Sã de Miranda.

Se não fôra a obra de Garcia de Rêzende, reunindo no seu Cancioneiro poesias dos escritores seus contemporâneos, e registando assim algumas redondilhas de Bernardim Ribeiro, difficilmente se poderiam reivindicar para o autor da *Menina e moça* as composições poéticas publicadas sem nome de autor nas edições de Ferrara e Colónia. O serviço apreciavel prestado pelo coleccionador Rêzende adquiriu mais um título de justo louvor, contribuindo para fazer luz sobre a obra de Bernardim.

Judiciosamente, escreveu o snr. D. José Pesanha no prefácio da sua edição da *Menina e moça*: «Oxalá que bem cedo se realise a edição definitiva de Bernardim Ribeiro, **a quem teem sido attribuidas composições de outros, e talvez roubadas algumas das que porventura deixou!**»

Falecido o poeta em 1552, é de conjecturar que no seu espólio, que se ignora a que mãos fosse cair, se encontrassem os seus cadernos manuscritos, contendo a sua obra em prosa e verso.

Segundo crêmos, n'esse mesmo ano de 1552 os manuscritos de Bernardim, por felicidade, foram aproveitados por quem quer que fosse que os imprimiu, tornando conhecida a obra inconfundível do poeta bucolista, que logrou desde logo grande nomeada, a ponto de um instrumento juridico d'esse ano de 52 já fazer referência aos versos intitulados *Menina e moça*, designação que abrangia as obras completas do escritor.

D'essa primeira publicação resultou necessariamente, embora *com summa deligencia emendada*, a edição de 1554, a mais antiga das edições conhecidas, e de que ao presente ha notícia apenas de dois exemplares: um existente no Museu Britânico de Londres, outro pertencente ao sr. conselheiro Henrique Maia, do Porto, genro do falecido escritor Gomes Monteiro.

O frontispicio apregôa a obra por esta maneira: *Historia de Menina e Moça por Bernardim Ribeiro agora de novo estampada e com summa deligencia emendada. E assi algũas Eglogas suas com ho mais que na pagina seguinte se verá.*

Na pagina immediata, o Indice consta dos seguintes dizeres:

*Ho que no presente volume se
contem he o seguinte
primeramente a*

Hystoria de Menina e Moça
Egloga chamada Persio e Fauno
Egloga » Jano e Franco
Egloga » Silvestre e Amador
Egloga » Agrestes e Ribeiro
Egloga » Jano
Sectina, hontem posse o Sol et.

*E assi algũs motes e can-
tigas do mesmo*

*Hũa my nomeada e agradavel
Egloga chamada Crisfal que diz
Entre Sintra a mui prezada
Que dizem ser de Cristovão Falcam
ho que parece alludir ho no-
me da mesma Egloga
E hũa carta do dito hos presos
contam os dias Mil años por cada dia
E outras cousas que entre lendo se
poderam ver.*

Como se vê do Indice, só duas composições é que foram atribuidas, vagamente, pelos editores a Cristovam Falcão, a *Ecloga* e a *Carta*.

As outras composições que o volume encerrava não foram atribuidas a Cristovam Falcão, como o não foram tam pouco a Bernardim Ribeiro, certamente porque o editor, nada culto, lhes não conhecia a filiação nem procurou averiguá-la.

Ao lendário autor do *Crisfal* refere-se o editor de 1554 reproduzindo um boato popular, *tradição vaga*, talvez já propalada pela imprensa na primeira edição das obras de Bernardim: «*que dizem ser de Cristovam Falcão, ho que parece alludir o nome da mesma Egloga*».

E porque a *Carta*, como o notou o snr. Epiphânio Dias, outra coisa não era do que o *preludio da ecloga*, foi lançada com a mesma semcerimonia á conta de Cristovam Falcão.

Foram estas as duas obras que, no decorrer de séculos, continuaram a ser erradamente atribuidas a Cristovam Falcão, sem que jámais lhe fossem contestadas, tal é muitas vezes o

poder de uma lenda, por mais estranha e absurda que se apresente, quando examinada a sangue-frio.

E, de este género, quantas outras não pesarão sobre a História literária?

Em nossos dias, coube ao snr. dr. Theóphilo Braga a lembrança de fazer reviver a esquecida écloga de *Crisfal*; e se não fora o amor que vota às letras o incansavel historiador da *Litteratura portugueza*, é muito possivel que ainda por largo espaço continuasse persistindo a lenda embusteira, que despojava Bernardim Ribeiro de boa parte da sua obra.

É interessante conhecer como o snr. dr. Theóphilo Braga foi levado a publicar em 1871 a sua edição *chamada* das obras de Cristovam Falcão. Reproduzimos por isso aqui os períodos principaes da explicação que a tal respeito o venerado professor estampou a pag. 406/8 do seu livro *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo*:

«Narremos como se fez esta edição das *Obras de Christovam Falcão*, que tornou accessivel o estudo do desconhecido poeta Regressáramos de Coimbra, do concurso de 1871, em que por uma votação fraudulenta se me fechou a entrada no magisterio. O proprietario da Imprensa Portugueza, que ia publicando nas falhas de serviço na typographia, alguns volumes da *História da Litteratura Portugueza*, assim que me viu no Porto veio para mim:—Tenho ahí cinco resmas de papel de um formato tão desageitado, que não sei o que fazer d'ellas? Tem meu compadre lá por casa alguma cousa que deseje imprimir n'ellas?

«Occorreu-me logo a ideia de reimprimir alguma raridade bibliographica. como em situa-

ção identica fiz com a reproducção do poemeto *Gaia*, de João Vaz. Respondi-lhe, que essas cinco resmas de papel davam uma urgentissima reproducção do *Chrisfal* e outras poesias de Christovam Falcão. Mas como obter o unico exemplar existente em Portugal, da edição de Colonia, de 1559? Possuia-o José Gomes Monteiro, que o guardava como um thezouro, e com o afferro de quem projectava escrever um romance em prosa dos amores de *Chrisfal e Maria*. Não o deixava ver a ninguem; e além de tudo, eu cortára as minhas relações com elle, chegando o seu azedume a não admittir á venda na sua livraria os volumes da *Historia da Litteratura Portugueza*. Era impossivel por meios ordinarios poder trasladar as poesias de Christovam Falcão da edição de Colonia. Mas a difficuldade não me pareceu invencivel; Gomes Monteiro tinha um amigo que muito acatava: o visconde de Azevedo, possuidor de uma opulentissima livraria. Nada mais natural do que pedir-lhe o exemplar de Colonia por alguns dias para um qualquer exame de bibliophilo. Tinha então Tito de Noronha grande entrada em casa do visconde de Azevedo, trabalhando com entusiasmo na pequena typographia que ahi havia, e restaurando-lhe o texto de algumas livros raros falhos de paginas; Tito de Noronha prestou-se a trazer-me á mão o exemplar de Colonia. Repentinamente n'um sabbado appareceu-me Tito de Noronha: — Cá está o exemplar de Colonia; mas com uma condição terrivel: tem de ser restituído irrevogavelmente na segunda feira! Não desanimei com a condição. Puz-me logo ao trabalho, sobre o jantar, pela noite adiante: no domingo, já cansado, revesou-me

minha mulher, e meus dois cunhados. Na segunda feira eu restituia a preciosa raridade bibliographica, que o visconde de Azevedo foi pessoalmente entregar a seu dono, e n'esse mesmo dia eu mettia na Imprensa Portugueza o texto de *Chrisfal* e todas poesias de Christovam Falcão, etc.»

Com efeito, o snr. dr. Theóphilo Braga não só publicou em 1871 o texto do *Crisfal* e a *Carta*, composições que os editores de 1559, como os de 1554, atribuiam com reservas a Cristovam Falcão, como todas as poesias que as edições estampavam sem nome de autor, — e todas attribuiu ao suposto poeta

E, com a precipitação com que teve de fazer a cópia do precioso exemplar da edição de 59, que Gomes Monteiro guardava como um tesouro, o snr. dr. Theóphilo Braga attribuiu a Falcão duas das raras composições rubricadas com o nome de Bernardim Ribeiro: «Ontem pôs-se o sol, e a noite» e «Para mim nasceo cuidado».

Ficava assim a obra poética meuda (as sextinas, as esparsas e cantigas de Bernardim Ribeiro), reduzida ás trovas: «Não sam casado, senhora», porque as restantes quarenta e tantas composições poéticas que a edição de 1559, como a de 1554, estampava sem nome de autor, attribuiu-as o snr. dr. Theóphilo Braga a Cristovam Falcão.

Mas, graças a Garcia de Rêzende, três das composições republicadas na edição crítica do snr. dr. Theóphilo estavam registadas nas páginas do Cancioneiro Geral como pertencendo a Bernardim Ribeiro, o que seria a nosso ver indício bastante para que todas as outras composições

anónimas não fossem atribuídas sem o menor exame crítico a um unico dos *dois poetas*, visto que á data toda a gente acreditava na existência do pseudo-trovador Falcão.

Não o entendeu assim o illustre professor do Curso Superior de Letras, e ao descobrir que Rêzende publicara como de Bernardim as cantigas: «Antre mim mesmo e mim», «Senhora, nesse amarello» e «Antre tamanhas mudanças», o snr. dr. Theóphilo Braga concluiu que semelhante facto resultava de uma confusão de Garcia de Rêzende, porque as três trovas pertenciam a Cristovam Falcão, e não ao poeta da *Menina e moça* ⁽¹⁾!

Acreditando na existência do poeta Cristovam Falcão, e reivindicando para o lendário trovador a paternidade de todas as poesias publicadas conjuntamente com as *Eclogas* e a *Menina e moça* de Bernardim Ribeiro, custa a crer como ao espírito lúcido do abalisado professor não ocorreu perguntar: «Que seria feito das composições meúdas de Bernardim? Como se salvaram nos papeis do grande poeta bucolista dezenas de trovas do *seu amigo* Cristovam Falcão, e apenas uma cantiga de Ribeiro? Não estarão confundidas, por ignorância dos editores, as poesias dos *dois amigos*?»

Não possuía, porventura, o snr. dr. Theóphilo Braga a intuição de que a obra de Bernardim Ribeiro fôra publicada após a morte do poeta sobre os manuscritos encontrados no seu espólio? Possuía, sim; e tal era o seu con-

(1) *Obras de Christovam Falcão*, edição critica por Theophilo Braga, Porto, 1871, pag. 4.

vencimento que, explicando a origem de aparecerem os trabalhos que attribuia a Falcão reunidos á obra do poeta da *Menina e moça*, escreveu :

«O motivo da edição de *Crisfal* e das *Cantigas*, publicadas em Colonia por Arnaldo Birckmann em 1559, junto com a *Menina e moça*, de Bernardim Ribeiro, seria o terem-se encontrado reunidas com os papeis d'este poeta, que morreu depois do meado do seculo XVI, sendo mestre da Capella da Cathedral de Toledo, como provaremos em um trabalho especial ⁽¹⁾. Como patricio e amigo de Cristovam Falcão, Bernardim teria comsigo essas poesias completas, que mãos extranhas apanharam na occasião da sua morte. Estas poesias eram sympathicas a Bernardim Ribeiro, porque foram sentidas em uma situação identica áquella em que se achava. As rubricas do editor de Colonia, encerram as tradições vagas, que passados nove annos ainda corriam ácerca d'aquelle infeliz namorado ⁽²⁾.»

Mas, como uma das poesias publicadas por Garcia de Rêzende como de Bernardim condizia com uma passagem da écloga *Crisfal*, deixando transparecer a mesma origem, o snr. dr. Theóphilo Braga optou pela paternidade de Cristovam Falcão, em prejuizo de Ribeiro.

Era o caso que o nosso poeta, na écloga *Cris-*

(1) A suposição em que o illustre professor laborou, de ter sido Bernardim mestre da Capela da Cathedral de Toledo, foi breve desvanecida, graças ás informações colhidas em Espanha pelo professor portuense, snr. Joaquim de Vasconcellos.

(2) Obras de Christovam Falcão. Edição Th. Braga, pag. 21.

fal, se referia a ter visto a sua amada vestida de arenoso, ou seja de amarelo, côr simbólica do pesar. A poesia de Bernardin tinha por alvo uma senhora *que se vestio de amarello*...

Na côr *amarela* não viu o snr. dr. Theóphilo o símbolo do pesar ou do desespero, mas sim a côr do «*habito amarellado da Ordem cisterciense*»... que, por sinal, era branco!

E como a tradição fazia da amada de *Crisfal* monja de Lorvão, o snr. dr. Th. Braga concluiu: «... em vista dos factos sabidos, só estava no caso de escrever esta cantiga Christovam Falcão e não Bernardim Ribeiro pelo que se sabe da sua vida.» ⁽¹⁾

E como, no seu entender, aquela poesia só podia pertencer a Falcão, o snr. dr. Theóphilo Braga também resolveu decidir que as duas outras, igualmente registadas a favor de Ribeiro no Cancioneiro de Rézende, pertencessem ao supposto autor da *Ecloga* e da *Carta*, a quem atribuiu todas as outras poesias do volume!

Se a *Historia de menina e moça* não houvesse registado ser devida ao engenho de Bernardim, a novela e as éclogas do enternecido poeta bucolista passariam a figurar na bagagem literária do falso trovador!

E o ilustre professor do Curso Superior de Letras, na melhor boa-fé, e na melhor das intenções, reivindicando para Falcão as trovas sem nome de autor das edições de Ferrara e de Colonia, julgava restituir «á *Litteratura portugueza um dos seus melhores poetas, o amigo de Bernardim Ribeiro, e mestre de Camões*»...

¹ *Passim*, pag. 12.

Graças aos trabalhos dos snrs. Epiphânio Dias e D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, averiguou-se que duas das composições atribuídas pelo snr. dr. Theóphilo Braga a Cristovam Falcão pertenciam a Francisco Sá de Miranda, *o bom amigo e confidente de Bernardim*; que o snr. dr. Theóphilo Braga, por lapso, deixara de publicar uma das cantigas sem nome de autor da edição de Colónia: «Com quantas cousas perdi», que o Cancioneiro de Rêzende havia estampado como de *Bernardim Ribeiro*, e que uma outra composição atribuída ao suposto autor do *Chrisfal* era constituída por uma quintilha de uma das éclogas de *Bernardim Ribeiro*, a que estava ligada uma quadra que devia pertencer a outra composição, como efectivamente succedia.

Estas descobertas, que deviam lançar uma certa claridade sobre a fábula corrente, levaram o snr. dr. Theóphilo Braga a modificar um tanto o seu juízo de 1871, e assim é que no seu trabalho sobre os bucolistas, publicado em 1897, o distincto professor não persistiu em negar que pertencessem a Bernardim as trovas que Garcia de Rêzende attribuia ao luminoso poeta, como as duas composições do seu companheiro Sá de Miranda, mas persistiu em atribuir todas as outras a Cristovam Falcão, escrevendo:

«Pelo facto de se encontrarem entre essas cincoenta composições lyricas umas poucas de Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda, surgiu a infeliz lembrança de negar todas as outras a Cristovam Falcão. Um poeta como o do *Chrisfal* não podia deixar de ter produzido outras idealisações, e de mais a mais em convivencia com

poetas como Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda.» (1)

E as idealisações de Bernardim consistiriam então apenas nas raras trovas que lhe eram atribuídas pelas edições de Ferrara e Colónia e pelo Cancioneiro de Rêzende?

La guardar B. Ribeiro, com todo o esmero, dezenas de trovas de Falcão, e limitava-se a conservar meia dúzia das suas idealisações poéticas?

Prevendo certamente interrogações semelhantes, que eram naturaes e lógicas, o snr. dr. Teóphilo Braga escudou-se da seguinte maneira: «É natural que outras muitas composições de Cancioneiro (de B. Ribeiro) se perdessem ou ficassem manuscriptas em collecções hoje desconhecidas.» (2)

Felizmente, não se perderam, nem ficaram manuscriptas em collecções hoje desconhecidas. As sextinas, esparsas e cantigas de Bernardim Ribeiro são aquelas que foram atribuídas a Cristovam Falcão, exceptuando as duas de Sá de Miranda, seu amigo e companheiro. É naturalíssimo que nos papeis legados por Bernardim se encontrassem duas composições do seu devotado amigo, e, em nossa opinião, seu mentor literário.

Como se verá do seguimento d'este trabalho, Cristovam Falcão foi uma personagem que seria incapaz de escrever a mais insignificante das quadras de Bernardim Ribeiro. Muito mais moço do que o poeta da *Menina e moça*, nem podia ser seu confidente, nem a paixão que lhe

(1) *B. Ribeiro e o Bucolismo*, pag. 397.

(2) " " " " pag. 284.

atribuem podia ser contemporânea da actividade literária de Ribeiro.

Na edição popular dos versos de Bernardim, que, sob o título de *Trovas de Crisfal*, vamos lançar no mercado, incluimos, além da *Carta* e da *Ecloga de Crisfal*, as suas poesias do *Cancioneiro de Rêzende* e as das edições de Ferrara e Colonia, exceptuando, como era devido, as duas trovas de Sá de Miranda que andavam confundidas com a obra do poeta seu amigo, e a quintilha «Deixai-me, cuidados vãos» que pertence á ecloga III de Bernardim.

Para a factura da nossa edição modernizada das poesias de Bernardim Ribeiro, foram-nos valiosos auxiliares os trabalhos firmados pela snr.^a D. Carolina Michaëlis e pelo snr. Epiphânio Dias. ⁽¹⁾

As poesias meúdas de Bernardim, sentidas, muito pessoaes, muito características, fórmam com as éclogas um ramalhete perfumado. Flores singelas, de côres discretas, rociadas de orvalho. . . — as lágrimas que o poeta de Joana chorou, *entre cuidado e cuidado, entre pesar e pesar*; lágrimas amargas, amaríssimas lágrimas do coração mais amável de poeta que ainda gerou esta nossa boa e inditosa terra portuguesa!

(1) De D. Carolina Michaëlis : artigos publicados no *Litteraturblatt*, de Leipzig, N.º 8. Agosto, 1894, e no *Jahresbericht* de Vollmöller (Vol. IV, 1894).

De Epiphânio Dias : *Fragmentos de um Cancioneiro do século XVI*, na Revista Lusitana, 4.º volume, n.º 2, 1896.

XVI

O Cancioneiro de Évora

No cancioneiro manuscrito da Biblioteca de Évora, que foi publicado em 1875 por Victor Hardung, encontra-se um *Mote do capitão Bernardim Ribeiro, feito ao proposito do mesmo, e pede ajuda aos senhores da sua cõpanhia.*

Estar ym risco a fée,
padecer a esperança,
a causa he a tardança.

Na sua edição de *Bernardim Ribeiro*, em 1872, o snr. dr. Theóphilo Braga, que então ainda confundia o *poeta Bernardim* com o *capitão Bernardim*, atribuiu o mote reproduzido ao peregrino autor da *Menina e moça*.

Como pelos seus estudos foi forçado a reconhecer que o *poeta* não era o *capitão*, o infatigavel escritor, na edição refundida do seu *Bernardim Ribeiro*, publicada em 1897, procura dar o motivo por que o mote do capitão fora estampado no Cancioneiro, e passa a reivindicar para o nosso poeta várias composições castelhanas e portuguezas que se encontram esparsas pelo manuscrito de Évora...

Ouçamos o illustre professor do Curso Superior de Letras :

«Este codice (Cancioneiro d'Evora) não tem frontispicio ; algumas composições vêm assignadas, e na maior parte são anonymas. Em uma Cantiga, n.º 28, encontra-se um verso do *Crisfal*: «Os tempos mudam ventura» (str. 10) ; e varias imitações das Cantigas que andam juntas a essa Ecloga. N'este codice vem um Mote do *Capitão Bernaldim Ribeiro* (n.º 71) ; leva nos a inferir que o copista sabendo que uma parte das Cantigas, Vilancicos e Esparsas pertenciam ao poeta das *Saudades*, ajuntára em seguida esse Mote, pela confusão que no fim do seculo XVI se dava entre os dois homonymos. As Eclogas em que Bernardim Ribeiro conta os seus amores, têm, apesar do seu subjectivismo, um caracter narrativo ; faltavam as composições intimas, trocadas entre o poeta e a sua dama, as ephemerides do amor, a idealisação das situações vividas entre ambos, emfim, uma continuação d'aquelle grupo de redondilhas começadas a colligir no *Cuncioneiro* de Resende. Parece-nos encontrar no *Cancioneiro de Evora* essa parte, em que se conta o casamento da namorada com outro, e o retiro do poeta de Portugal. A belleza e realidade viva d'essas composições é surprehendente ; quem podia attingil-as assim, a não ser Bernardim Ribeiro ? Transcrevemos algumas, que completam e dão mais relêvo á vida do poeta.» ⁽¹⁾

Nós transcreveremos a primeira e a ultima

(1) B Ribeiro e o Bucolismo. pag. 307-308.

d'essas composições, para que os leitores possam formar o seu juízo :

— «Carrilho, queres bien

«A Joana?» —

— «Como la mi vida,
Como la mi alma.

Es tanto ho ã le quiero,
ã no lo sabré dizir,
se yo ã por ella muero
quero-lhe como el vevir. — (1)

Coraçon, pues que queziste
querer a quien no te quiere,
calha, sofre, pena e muere.

Y pues que queziste querer
a quien no quiere ver-te,
lo que mas ha de valer te
esto te tem sim plazer,
y para mas mereçer,
si querer no te quizere,
calha, sofre, pena y muere.

Y pues quesistes tan deveras
al que te dá a entender
que ni te quiere querer
ni quiere que tu la quieras,
sabe, se quiere que mueras,
y sabido que lo quiere,
calha, sofre, pena y muere (2)

Não alcançamos a *surprehendente belleza e realidade viva* d'esta composições, mas poderá ser

(1) *Cancioneiro d'Evora* publié d'après le manuscrit original par Victor Eugène Hardung, pag. 38

(2) *Cancioneiro d'Evora*, pag. 50.

N. B. Reproduzidas fielmente as duas poesias, com os seus erros,

que o critério do snr. dr. Theóphilo Braga veja com clareza onde nós não conseguimos vêr senão trevas.

Admitindo, porém, que essas poesias são verdadeiros mimos literários, como attribuí-las com plausibilidade de acerto a Bernardim?

Diz o snr. dr. Th. Braga que o copista que trasladou taes composições sabia que élas *pertenciam ao poeta das Saudades*, e por isso lhes juntara *em seguida* o mote do capitão Bernardim...

Se o copista soubesse a quem pertenciam as trovas, não deixaria de indicar lhes o autor, é o que é racional deduzir, e não o que inferiu o snr. dr. Theóphilo Braga.

Qual o documento, ou recurso literário, de que lançar mão para demonstrar, criteriosamente, que Bernardim Ribeiro compôs versos em idioma castelhano, e assim dar alguma plausibilidade de acerto ao alvitre do distinto escritor, que attribuiu ao poeta da *Menina e moça* poesias castelhanas esparsas pelo Cancioneiro d'Evora? — Não ha nada, absolutamente nada, que possa invocar-se para dar fundamento á opinião do illustre professor.

Nem no Cancioneiro de Rêzende, nem em nenhuma das edições da obra do poeta se encontra qualquer poesia em castelhano attribuida a Bernardim Ribeiro, sendo natural concluir que o autor da *Menina e moça* só versejou na sua língua natal.

E as poesias portuguezas do Cancioneiro de Evora, que o snr. dr. Th. Braga attribue a Bernardim, *por serem imitações das cantigas que andam juntas á égloga de Crisfal*, poderão realmente pertencer ao poeta?

A responder alguém afirmativamente, só teremos a objectar que, pelo mesmo critério, se poderão também lançar á conta de Bernardim todas as composições não assinadas do manuscrito de Evora.

Para a história bibliográfica da obra de Bernardim Ribeiro, com o respeito devido ao consagrado autor da *Historia da Litteratura Portuguesa*, o Cancioneiro d'Evora fornece apenas uma nota interessante: — encerrar umas glosas á *cantiga velha*:

*Pera tudo ouve remedio,
perá mim só o não ha y.
inda mal que o soube assy.* (1)

Na *Menina e moça*, Bernardim glosou três versos muitissimo semelhantes. variante do mesmo *cantar velho*; se é que o poeta do Cancioneiro d'Evora não aludia á própria cantiga de Bernardim.

A continuação *d'aquelle grupo de redondilhas, começadas a colligir no Cancioneiro de Rezende* não está no Cancioneiro de Evora, como inferiu o snr. dr. Theóphilo Braga. Encontra-se nas edições de Ferrara e Colonia da obra de Bernardim Ribeiro, e são precisamente as trovas que o venerado professor lançou á conta de Cristovam Falcão, estribando-se no juizo emitido por Brunet, a quem reconheceu uma «alta competencia»... para decidir da filiação de poesias portuguezas publicadas sem nome de autor!

¹ Cancioneiro d'Evora, edição citada, pag. 65.

XVII

A «prisão» de Crisfal

assi se vai **minha** vida,
a qual tenho **já** perdida,
e perdida a liberdade:

Bernardim Ribeiro

Precedendo o texto da *Carta* em verso de Bernardim Ribeiro, que constitue por assim dizer a fonte de inspiração de que resultou a écloga de *Crisfal*, os editores mais antigos das obras do poeta escreveram:

«Carta do mesmo estando preso que mandou a ãa senhora com que era casado a furto contra vontade de seus parentes della, os quaes a queriam casar com outrem, sobre que fez (segundo parece) a passada Ecloga.»

Ainda n'esta rúbrica, os editores confirmavam a mesma incerteza com que haviam attribuido a écloga a Cristovam Falcão:

«...que dizem ser de Christovam Falcam, ho que parece alludir o nome da mesma Ecloga.»

Se já encontraram semelhantes rúbricas na primeira edição, e se se limitaram a transcre-

ver a atoarda, não é possível dizê-lo, porque se desconhece edição anterior á de 1554; mas se os editores profundassem bem a letra dos versos reconheceriam, se tivessem faculdades críticas e uma inteligência mediana, que não se tratava de nenhum encarcerado, e que a carta era escrita por um preso... de amor.

Publicamos essa composição poética no fim d'este volume, assim como a *écloga* chamada de Crisfal, pelo que nos abtemos aqui de desenvolver citações.

A prisão a que o poeta aludia era a *prisão de amor* em que se encontrava, e, por isso, comparando o seu sofrimento ao dos presos encarcerados, e reputando o seu superior ao d'aqueles, perguntava á sua amada como haveria de contar os dias, êle, que sofria mal de prisão e de ausência, quando os presos contavam

cem annos por cada dia!

O poeta alude á penitência que faz por trás de *uma grade*, mas d'este dizer não se deve inferir que o *preso* estivesse em «ferros de el rei» nem *em carcere privado*, sendo racional conjecturar que a *grade* figura na poesia como um símbolo, desde que o poeta confronta a sua situação com a dos encarcerados.

Bem se enxerga nos danos
que estou preso ha cinco annos,
a fora os que hei de estar,
passando em desejar
o tempo que vos não vejo.

Qual seria o *casamento a furto* que levaria alguem a sofrer os horrores da prisão em carcere durante cinco anos?

E, como se vê da letra dos versos, a prisão ainda se mantinha, além dos cinco, por tempo que o poeta não podia precisar. Tinha para peras, o desgraçado, não haja dúvida!

O snr. dr. Theóphilo acreditou piamente na lenda dos amores de Falcão, e na prisão sofrida por este cavalleiro durante cinco anos, se não mais: e, cheio de compaixão pelo suposto poeta e pseudo-encarcerado, escreveu:

«Conseguiria o apaixonado poeta escapar-se ao carcere domestico ao fim de cinco annos, e ir matar saudades da sua namorada, visitando-a no mosteiro de Lorvão?» (1)

Cristovam Falcão esteve preso, é certo, mas pelas alturas de 1550, e não de amor, mas por se ter envolvido em rixa com o meirinho de Portalegre, causando-lhe ferimentos, como o snr. dr. Th. Braga relata a f. 365 do seu livro sobre Bernardim Ribeiro.

Na carta ha uma passagem muito elucidativa, que não resistimos á tentação de registar n'esta altura:

Quem lançasse o meu cuidado
onde o não visse mais!
pois lembranças tam mortais
traz á minha fantasia,
que basta ũa de um dia
pera me os meus tirar!
Nelle vos vi eu chorar.
e nelle chorei tambem.
derradeiro do meu bem
e primeiro do meu mal.

Está clara, a nosso ver, a alusão contida n'estes versos ao dia da separação dos dois namo-

(1) B. Ribeiro e c. Bucolismo, pag. 35).

rados, quando a amada do poeta vae para o *casal da Figueira do val de Pantalião*, como a écloga refere.

Quando contigo falei
aquella ultima vez,
o choro que então chorei,
que o teu chorar me fez,
nunca o eu esquecerei.
Foi esta a vez derradeira,
mas começo da paixão...

A lembrança d'esse dia, *derradeiro do seu bem e primeiro do seu mal*, não abandonava o namorado Bernardim.

Na sextina «Ontem pôs-se o sol, e a noite», das raras composições meúdas que nunca foram contestadas ao poeta da *Menina e moça*, lá se encontra a mesma referência:

Mal quero *por um só dia*
a todo o outro dia e tempo...
.....
pôs-se-me ãa escura noite
sobre a *lembrança de um dia*.

A' sua *prisão de amor* alude bastas vezes o poeta alentejano nas suas éclogas, quando chora haver *perdido a liberdade*.

E á mesma simbólica *prisão* sofrida pelo cantor blandicioso de Joana tambem alude Francisco de Sá de Miranda na sua écloga *Epitalâmio Pastoril*:

A Ribero que andava en su prision
Se encargó que las quejas nos cantase (1)

(1) Poesias de S. de Miranda. Edição de 1614, t.º 70

Mas não admira que os editores das primeiras edições de Bernardim não tivessem dado pelo contra-senso. Tal era a sua ignorância que tomaram como de um poeta A L. três cantigas de Bernardim, por concluírem que Al, isto é: *outra*, era alusão a um autor com as iniciais A. L. Sobre este assunto, veja se o que escreveu, acertadamente, o snr. dr. Theóphilo Braga a pag. 424 do seu citado livro sobre B. Ribeiro.

Sem as rúbricas que o critério tacanho do primeiro editor, ou editores, das obras de Bernardim se lembraram de acolchetar á *Carta* e á *Ecloga*, a lenda propalada pelo vulgo não teria entrado nunca nos domínios da nossa História. E, d'ahi, talvez não. Faria e Sousa, no que respeita a dotes de crítico e historiador, não valia mais do que os editores das obras do poeta bucolista, e não deixaria de dar curso á lenda, se não inventasse de motu-próprio outra semelhante, ou ainda mais absurda.

XVIII

Maria Brandão, a suposta amada do Crisfal

Como a pastora cantada na écloga de *Crisfal* fosse designada pelo nome de *Maria*, e o poeta aludisse á sua riqueza d'êla, o povo procurou encabeçar a heroína n'uma herdeira abastada, interpretando assim a seu modo a personagem visada na poesia bucólica de Bernardim, e d'ahi veio, em complemento da lenda que fazia de Cristovam Falcão o autor dos versos, em virtude do anagrama, a lenda que fez de Maria Brandôa a amada do suposto poeta.

Foi, principalmente, pelos elementos bebidos na *Pedatura lusitana*, de Cristovam Alão de Moraes, manuscrito da Biblioteca Municipal do Porto, que o snr. dr. Theóphilo Braga, no seu trabalho consagrado a Cristovam Falcão, nos apresentou a lendária noiva do *Crisfal*.

Para que se avalie da autoridade da fonte, reproduziremos as opiniões de Camillo Castello Branco e D. Antonio C. de Sousa sobre o genealogista da *Pedatura*:

Escreveu Camillo: «Fiei-me na *Pedatura* de Christovam Alão de Moraes, a quem retirei as

minhas crenças quando, com um pouco mais de estudo, conheci que este genealogista era ás vezes ignorante e outras vezes mal intencionado nas suas fraudulentas origens das familias, etc.» (1)

E D. Antonio Caetano de Sousa exautora o da seguinte maneira: «Não se lhe pode negar que soube muito, mas não tinha intenção muito recta, e no que toca a genealogia, não merecem os seus livros estimação, etc.» (2)

Vejamos agora o que diz o manuscrito do illustre Alão de Moraes sobre os amores de Cristovam Falcão:

«Não casou porque não foi com sua dama, que, *segundo dizem*, foi D. Maria Brandão, filha de João Brandão «o de Coimbra», e foi se para a India, onde morreu, etc.»

O João Brandão (*de Coimbra ?*), de quem Alão de Moraes faz filha Maria Brandão, era nada menos que o bisavô d'esta senhora, como se reconhece pelo exame de outros genealogistas mais conscienciosos. Alão de Moraes tambem aponta como irmãos de Maria Brandão os tios-avós d'esta dama:—Diogo e Fernão Brandão! O snr. dr. Theóphilo Braga seguiu em absoluto a lição do genealogista.

Sobre a familia Brandão, e em especial sobre a suposta amada do *Crisfal*, torneceu-nos o senhor Anselmo Braamcamp Freire interessantes esclarecimentos. O erudito investigador

(1) Historia e Sentimentalismo, por C. C. Branco, II vol. pag. 4.

(2) App. Genealogico, de D. Antonio C. de Sousa, pag. CXXIL.

prepara um livro sobre Maria Brandôa, que em breve será dado á publicidade, motivo por que não reproduzimos aqui algumas das suas preciosas informações.

O nascimento de Maria Brandão póde ser fixado, com toda a segurança, entre os anos de 1515 a 1520. A' data de 1535 ainda era *menor*, e *solteira*.

Na écloga *Crisfal* alude-se ao *Val de Pantaleão*, nome que, em nosso juízo, serve apenas para mascarar a verdade, estando talvez consubstanciada no crisma-falso de *Pantaleão* a mesma personalidade que na «Menina e Moça» é designada pelo anagrama de *Fileno*.

O snr. dr Theóphilo Braga escreveu a paginas 344 do seu livro *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo*:

«Pelo Manuscripto já citado de Alão de Moraes acha se noticia do aqui chamado *Val de Pantalião*: D. Joanna, tia avó de D. Maria Brandão, casara a primeira vez com João *Pantalião*; etc.»

O illustre professor equivocou-se na leitura do texto. Não se trata de nenhum João *Pantalião*, como erradamente leu, mas sim de um João *Patalim*, que é o que se lê no manuscrito de Alão de Moraes, como verificámos por nossos próprios olhos.

E a aliança dos Brandões com os *Patalins*, consignada em vários genealogistas, não deixa a possibilidade de supor-se que Moraes escrevesse erradamente *Patalim* em vez de *Pantalião*.

O pae de Maria Brandão era falecido em 1526. A esta data, a suposta amada do *Crisfal* não podia contar mais de 11 annos, por isso que não podia ter nascido antes de 1515.

Supondo-a nascida em 1515, por não se poder afastar, com plausibilidade, para mais longe a data do seu nascimento, tinha Maria Brandão em 1530 os seus quinze anos.

Se Cristovam Falcão de Sousa houvesse nascido, como quer o snr. dr. Theóphilo Braga, em 1497 ou alguns anos antes, o suposto poeta não teria menos de 33 anos na epoca em que a sua amada apenas contava 15. Poderia ser pae da moça.

Vejamos o que o distinto professor escreveu a f.^o 327 do seu livro *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo*:

«... e tendo Christovam Falcão estado em carcere privado durante cinco annos (ausencia que serviu de pretexto para a resolução do casamento) colloca nos a phase mais intensa dos seus amores em 1511. Tinham os dois amantes casado a furto, ella com uma edade quasi infantil, roçando pelos *doze annos* (o que legitimava ulterior arrependimento) e elle contando os quatorze annos completos, etc.»

Na mesma ordem de ideias, e como justificação das suas deducções, reproduziu o snr. dr. Theóphilo os versos:

Quando vos dei a vontade
ynda vós éreis menina
e eu de pouca edade, etc.

Ora em 1511 Maria Brandão não era ainda nascida, quando pela opinião do snr. dr. Th. Braga já Cristovam Falcão de Sousa contava os seus 14 anos, se não mais!

Se tam grande diferença de edades houvesse existido entre os dois lendários amantes, talvez que nunca o vulgo encarnasse as personagens da

écloga de Bernardim em Maria Brandôa e Cristovam Falcão.

Seguindo a Barbosa Machado, o snr. dr. Th. Braga tambem deu curso á fábula de que Maria Brandão «foi recolhida no convento cisterciense de Lorvão», que era, no dizer do illustre professor do Curso Superior de Letras, um *escandaloso lupanar*. (1)

Se os parentes de Maria Brandão, para contrariarem quaesquer amores da moça, resolvessem interná-la n'um convento, não seria certamente o de Lorvão o escolhido. Não faltavam recolhimentos, no Porto ou em Lisboa, onde os Brandões, com toda a segurança e humanidade, abrigassem a donzela. Para que haviam de arrastá-la a um *lupanar*? Filha unica, creança orfan de pae, e herdeira regularmente abastada, só um requinte de perversidade familiar conceberia semelhante escolha.

Quando ficou orfan de pae, Maria Brandão contaria, quando muito, onze anos.

Admitindo que aos 12, como quer o snr. dr. Th. Braga, se houvesse casado clandestinamente com Cristovam Falcão, e tivesse sido recolhida a um convento em tam tenra idade, dataria a reclusão de 1527. A esse tempo, Cristovam Falcão, o seu suposto amante, fazendo-o nascido como supôs o distinto professor, em 1497, era homem feito de 30 anos, o que não joga com as conclusões do snr. dr. Théophilo nem com a letra dos versos:

... vós ereis menina
e eu de pouca idade.

(1) B. Ribeiro e o Bucolismo, pag. 352.

Quanto á pastora *Joana*, da écloga de *Crisfal*, que representa a nosso ver, como já deixámos dito, um crisma-falso com que Bernardim designa a sua primeira namorada, interpretou a o snr. dr. Theóphilo Braga da seguinte fórmula:

«Esta Joanna, que denunciou os amores de Crisfal e Maria, era D. Joanna Pereira, sua irmã mais velha; Maria era a mais nova, de cinco filhos que tinha o Contador João Brandão.» ⁽¹⁾

Mais uma vez o distinto professor foi atraído pela ignorância do genealogista Alão de de Moraes.

Maria Brandão, a lendária amada do *Crisfal*, não teve nenhuma irman! era filha única!

Mas procuremos por um momento tornar real a fabulogia lendária.

Suponhamos que Cristovam Falcão fosse apenas dois anos mais velho do que Maria Brandão, e suponhamos que esta nasceu precisamente em 1515,— a data mais afastada em que póde ser fixado o seu nascimento.

Aceitemos a exegese do snr. dr. Theóphilo Braga datando o *casamento a furto* dos lendários amantes da epoca em que Cristovam contava os seus quatorze anos e Maria Brandão apenas doze, o que n'um e n'outro seria de uma precocidade pouco plausivel! Estabeleçamos assim para o começo da paixão a data de 1527.

Admitamos que as relações amorosas dos dois durassem apenas o curto periodo de um ano, e que, ao cabo de este, pela denuncia de *Joana*, os parentes de Maria Brandão internassem a moça n'um convento, e o pae de Cristovam

(1) Bernardim Ribeiro e o Bucolismo, pag. 312.

encerrasse o mancebo em *carcere privado* em Portalegre, e que ahi o retivesse cinco larguíssimos anos.

Concedamos que Cristovam Falcão, não obstante a sua pouca idade, fosse um poeta de raça, com uma grande leitura das poesias de Bernardim, lira privilegiada e adestrada, e que em 1533, com vinte anos apenas, fosse capaz de realizar o prodígio de uma écloga, verdadeira joia literaria, como é o *Crisfal*.

Muito bem; quando assim fosse, na melhor das hipóteses, a essa data, 1533, já Bernardim Ribeiro estava afastado da côrte, meio louco, ou sofrendo de uma funda neurastenia, como se conclue da ecloga *Alejo*, de Sá de Miranda, cuja data da elaboração foi fixada em 1532, tanto pela snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos como pelo snr. dr. Theóphilo Braga.

E á data de 1532, segundo o snr. dr. Theóphilo, Bernardim estava louco.

Como conciliar pois que entre os papeis legados por Bernardim Ribeiro apparecesse a écloga de *Crisfal*?

E os cinco anos da reclusão do suposto poeta, de 1528 a 1533, em Portalegre, em *carcere privado*, não seria o bastante para invalidar qualquer conclusão tendente a demonstrar que fosse Bernardim Ribeiro o seu confidente e o depositário dos seus queixumes poéticos?

É conveniente, para facilitar ao leitor a fixação do seu critério, relembrar n'esta altura que Bernardim Ribeiro nascera em 1482, tendo por conseguinte, á data de 1532, os seus *cincoenta* anos seguros. Orçava pela mesma idade, se não era algum ano mais velho, o seu amigo e confidente Francisco de Sá.

A essa epoca, Maria Brandôa, na melhor das conjecturas, era moça de 17 anos, e o seu suposto amante Cristovam Falcão, *menino e moço*, a roçar, quando muito, pelos vinte e dois anos.

XIX

Cristovam Falcão, o suposto poeta

Em *historia*, ha sempre que discutir, sempre que examinar, sempre que emendar, sempre que aditar.

Pereira Caldas.

Da comitiva que acompanhou de Inglaterra para Portugal, em 1386, a desposada de D. João I, Filipa de Lencastre, fazia parte *Mossen* John Falconet, que se fixou no nosso país, onde casou com D. Catarina Anes de Abreu, filha de Gonçalo Anes de Abreu, senhor de Castelo de Vide e de Monforte.

D'este casamento nasceram: Alvaro de Abreu e João Falcão.

Alvaro de Abreu foi bispo de Evora, e com seu irmão tomou parte no cerco de Tanger em 1436.

João Falcão foi casado com D. Branca de Sousa, de quem houve os seguintes filhos: Fernão Falcão, Gonçalo Falcão, João de Sousa Falcão, D. Leonor de Sousa e D. Maria de Sousa.

De Gonçalo Falcão e de João de Sousa Falcão descenderam os primeiros membros de esta família que tiveram o nome de *Cristovam*.

Casou Gonçalo Falcão com D. Margarida da Cunha, de quem teve os seguintes filhos :

Cristovam Falcão, — o 1.^o *Cristovam*,
João Falcão,
Sancho de Sousa Falcão, e
Uma filha, falecida moça.

Casou João de Sousa Falcão com D. Maria de Almada, de quem teve os seguintes filhos :

Pero de Sousa Falcão,
João Vaz de Almada Falcão,
D. Branca de Sousa,
D. Catarina de Sousa,
D. Guiomar de Sousa, e
D. Isabel de Sousa.

João Vaz de Almada Falcão foi casado com D. Beatris Pereira, de quem teve a seguinte descendência :

Cristovam Falcão de Sousa, — o 2.^o *Cristovam*, **suposto autor da écloga de Crisfal**,

Damião de Sousa Falcão,
Barnabé de Sousa Falcão,
e D. Braçaida de Sousa.

Fica assim estabelecida a ascendência dos dois primeiros indivíduos de nome *Cristovam* da familia dos Falcões. E, para maior clareza, damos n'este volume um quadro genealógico d'esta família, que procurámos estabelecer de harmonia com as melhores fontes.

Ao 2.^o *Cristovam*, primo em segundo grau do primeiro, é que foi attribuida a paternidade do *Crisfal* com maior insistência, porque houve também quem attribuisse a écloga ao capitão Luis da Silva, marido de Maria Brandão, e até quem suposesse que o pseudo trovador fôra o primeiro Cristovam Falcão !

Fixou o snr. dr. Theóphilo Braga em 1497, ou pouco antes ⁽¹⁾ o nascimento de Cristovam Falcão de Sousa, deduzindo esta data de um documento que não dizia respeito ao suposto poeta, mas sim a seu primo segundo, o primeiro *Cristovam*.

Mais cauteloso, e aproximando-se, a nosso ver, muito da verdade, o snr. Epiphânio Dias escreveu : «ignora-se-lhe a data do nascimento e do fallecimento, mas a sua vida coincidiu, com pouca differença, com o reinado de D. João III (1521-1557)» ⁽²⁾.

A paginas 356 / 7 do seu livro sobre Bernardim Ribeiro, na parte respeitante a Cristovam Falcão, escreveu o snr. dr. Theóphilo Braga :

«O primeiro documento historico que encontramos ácerca do poeta, de um modo irrefragavel, é datado de 1517; é uma graça régia, motivada talvez pela sympathia que suscitava a sua desgraçada paixão, ou apparentemente pelos serviços de seu pae. Em um alvará ao Almojarife de Coimbra foi passada ordem para que dê o rendimento d'este anno de 1517 a

⁽¹⁾ Bernardim Ribeiro e o Bucolismo, pag. 327.

⁽²⁾ Obras de C. Falcão, edição Epiphanio Dias, pag. 8.

Cristovam Falcão: 97\$000 réis. Recebeu-os o seu procurador Mestre Jorge. (Corpo chronologico, P. II, Maço 69, Doc. 60 (Torre do Tombo). —

«E para que não haja duvida sobre a personalidade do agraciado, entre tantos homonymos, lê-se na Ementa:

«Item, *Xpouão Falcão*, filho de João Vaz de Almada, haverá todo este quartel por mercê, sem cevada ao respeito: 111 rs. (isto é, 3\$000 réis).

«Recebeu em Lisboa a 20 de janeiro de 1527, por Simão Lopes por uma procuração de seu pae, pera mais os trez mil reaes. (*Ementa*, Maço I, Liv. 7, fl. 127 v. (Torre do Tombo).»

O segundo documento diz respeito ao suposto poeta: Cristovam Falcão, filho de João Vaz de Almada; mas outro tanto não succede com o primeiro, como vamos demonstrar, desfazendo assim o equívoco do snr. dr. Theóphilo.

Para declarar que o primeiro documento dizia respeito ao suposto poeta de um modo *irrefragavel*, serviu-se o snr. dr. Th. Braga da nota que encontrou, segundo diz, no livro 7.º das *Ementas*, a f.º 127 v.

No livro das Ementas citado pelo ilustre professor não se encontra o apontamento que reproduziu, mas não nos resta a menor dúvida de que o snr. dr. Th. Braga quis fazer alusão ao *L.º 7.º das Moradias da Casa Real*, onde a fl. 127 v., se encontra a seguinte anotação, que foi certamente a que o snr. dr. Theóphilo Braga reproduziu, e que aqui deixamos rectificada:

«Chrispouão falquam filho de Joam vaaz

dalmada avera todo este quartell por mercê sem ceuada ao Respeito (tres mil reaes) iij reaes —

«Recebeo em lixbooa a XXX de janeiro de mil quinhentos e vinte e sete per Symão lopez per huma procuraçãao de seu pay pera majs os tres mill reaes = »

No *Indice* das Moradias da Casa Real, a citação d'este registo dá a este Cristovam Falcão a designação de *moço fidalgo*.

A nota registada no livro 7.^o das *Moradias*, ao contrário da conclusão do snr. dr. Braga, prova de uma maneira irrefragavel que o individuo que, em 1527, tinha direito ao quartel de 3\$000 reis não era o mesmo a quem se passou em 1517 o alvará de 97\$734,—e não de reis 97\$000. Para estabelecer a destrinça entre os dois parentes, é que se consignou a filiação do segundo Cristovam: — filho de *João Vaz de Almada*, porque o Cristovam Falcão do primeiro documento era filho de *Gonçalo Falcão*, senhor de Pereira.

Não reproduziu o snr. dr. Theóphilo Braga o documento respeitante á *mercê dos 97\$000*, e, citando-o, diz que o mesmo «*é uma graça regia, motivada talvez pela sympathia que suscitara a sua desgraçada paixão, ou apparentemente pelos serviços de seu pae.*»

Não reparou sequer o snr. dr. Th. Braga que o Cristovam Falcão do primeiro documento, de 1517, era um *fidalgo da casa d'el-rei*, que tinha procurador próprio, o dr. Mestre Jorge, ao passo que o Cr. Falcão do segundo documento era ainda representado por um procurador do pae, o que demonstra que á data, 1527, era

ainda de menor idade, *menino e moço* sob o pátrio poder.

Para completa elucidação d'este ponto, vamos reproduzir integralmente o 1.º documento invocado pelo snr. dr. Th. Braga :

«dom manuell per graça de deus Rey de portuguall e dos algarues daquem e dalem maar em africa senhor de guinee mamdamos a vos nosso almoxarife ou Recebedor do noso almo-xarifado de coimbra que do Remdimento deste anno presente de b'xbij dees a Cristouam falcam fidalguo de nosa casa nouenta e sete mill setecentos e trinta e quatro reis que lhe mandamos dar e o dito anno de nos a daver de sua tença dos quaes dinheiros lhe vos faze bom paguamento E per esta com seu conhecimento vos serem leuados em comta / dada em lixboa a xxij dias dabrill / el Rey o mandou per o com-de do vymyoso e veder de sua ffazenda manuell de moura a ffez de b'xbij a quall temça tem por dous padrões —

ho comde do vymyoso —

LRbij bij'xxxiiijº reis em coimbra a chrispouam falcam de sua temça deste anno que tem per dous padroeos —

per francisco de figueiredo Reposteiro —

Saibham todos que ho doutor mestre Jorge procurador de chrispouão falcam fidalgo da casa del Rey nosso senhor conheceo e confesou que Recebeo de Ruj de saa pereira almoxarife do dito Senhor nesta cydade de cojnbra os nouenta e sete mjll E bijº xxx iiijº reis de sua tença conteudos neste desembargo E porquanto he verdade lhe mandou ser feito este conhecimento

feito na dita cydade nas casas de felipa
dona veuva morador na dita cjdade aos xb dias
do mes de feuereiro de j̄b^cxbiiij anos testemu-
nhas que foram presentes João vaz

// E antonio lopes alfaiate moradores na dita
cidade E eu diogo de beja escriuam do djto al-
moxarifado que os vj pagar e asiney aqui

ho doutor mestre Jorge = de João vaz uma
cruz — de antonio lopez — uma cruz — diogo
de beja = pagou uinte reaes =

Registada hyeronimo da fonseca = Roderi-
cus = » (1)

Como se vê do documento reproduzido, não
se tratava de uma mercê regia inspirada por
qualquer sentimento de compaixão, mas de uma
tença de 98\$734 reis, com que nada tinha que
ver o pseudopoeta Cristovam Falcão.

Esta tença de 97\$734 reis era a resultante de
dois padrões, como o documento refere.

Conseguimos apurar quaes êles fossem, en-
contrando-os descritos a fol. 62 v e 63 do *Livro*
41 da Chancelaria de D. João, na Torre do
Tombo.

Eram duas mercês concedidas por D. Afon-
so V a Gonçalo Falcão, senhor da vila de Pe-
reira, e a seu filho Cristovam, confirmadas pe-
los outros monarcas portuguezes: — uma de
58\$333 reis, outra de 39\$400 reis, prefazendo
assim a cifra de 97\$733 reis. Ha uma diferença
de um real entre o valor dos padrões e as im-
portâncias mandadas pagar, mas erros seme-
lhantes eram vulgares na epoca.

(1) Arquivo da Torre do Tombo. Corpo cronologico —
Parte 2.^a. Maço 69. Doc. 60.

Tença de 58,333 reaes

«Dom Joham etc. A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que por parte de chrispouam falcam fidalguo de nosa casa nos foy apresentada huma carta del Rey meu senhor e padre que santa grorja aja da qualle o teor tall he =

dom manuel per graça de deus Rey de portugall e dos algarues daquem e dalem maar em africa senhor de guine / A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que da parte de chrispouam falcam fidalguo de nosa casa nos foy apresentada huma carta del Rey dom Joham meu senhor que santa groria aja de que o teor dela tall he.

dom Joham per graça de deus Rey de portugall e dos algarues daquem e dalem maar em africa senhor de gujne / A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que por parte de chrispouam falcam fidalguo de nosa casa nos foy apresentada huma Carta del Rey meu senhor e padre que deus aja do quale o teor de verbo a verbo he este que se segue —

dom afonso per graça de deus Rey de portugall e dos algarues daquem e dalem maar em africa senhor de gujne / A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que querendo nos fazer graça e merce a chrispouam falcam fidalguo da casa do prymcepe n.eu sobre todos muito amado e prezado filho temos por bem e damos lhe que elle tenha e aja de nos de temça des o primeyro dia de janeiro que ora foy desta presente hera de quatrocentos e oitenta e um annos em' diamte em quanto nosa merçe for cymquoenta e oyto myll trezentos e trynta e tres reaes brancos os quaes lhe mandaremos asemtar em lugar omde lhe delles sera feyto muj bom pagamento aos quartes per nosa carta que lhe em cada hum anno sera dada em nosa fazenda. E por sua guarda e nosa lembrança lhe mandamos dar esta nosa carta asynada per nos e aselada de noso sello pemdente dada em almeyrj a desanove dias do mes de fevereiro alvaro fernandes a fez anno de noso senhor Jesus Christo de mjl quatrocentos oitenta e um / pedindo-me o dito chrispouam falcam que lhe confirmasemos e ouvesemos por confirmada a dita carta asy e pella guisa que se em ella comtinha e visto por nos seu dizer e pedir. E querendo lhe fazer graça e merce temos por bem e lha confirmamos asy tam ynteyramente com em ella faz

menção dada em Santarem a cinco dias de mayo tome lopez a fez anno de mjl e quatrocentos e oytenta e seys pedindo-nos o dito chrispouam falcam por merce que lhe confirmassemos a dita carta e nos visto seu Requerimento querendo-lhe fazer graça e merce temos por bem e lha confirmamos e avemos por confirmada asy como se em ella contem E porem mandamos que asy se cumpra e guarde sem duujda nem embargo que lhe a ello seja posto por que asy he nosa merce dada em evora a vinte e oyto dias de fevereiro francisco de matos a fez anno do nascimento de noso senhor Jesus christo de mjl quatrocentos noventa e sete —

pedindo-nos o dito chrispouam falcam por merce que lhe crnfirmasemos a dita carta e visto per nos seu Requymento querendo lhe fazer graça e merce temos por bem e lha confirmamos e avemos por confirmada e inamdamos que em todo se cumpra e guarde como nella he comtheudo dada em evora a uinte e quatro dias de fevereiro antonio sanhudo a ffez anno de mjl quinhentos uinte e quatro — »

*(Chancel. de D. João III. Livro 41,
fol. 62 verso)*

Tença de 39,400 reaes

«Dom Joham etc a quantos esta nosa carta virem ffazemos saber que por parte de chrispouam falcam fidalguo de nosa casa nos foy apreSENTada huma carta del Rey meu senhor e padre que samta gloria aja de que o teor tall he

dom manuell per graça de deus Rey de portugall e dos algarues daquem e dalem maar em africa senhor de guine / A quantos esta nosa carta virem ffazemos saber que da parte de chrispouam falcam fidalguo de nosa casa nos foy apreSENTada huma carta del Rey meu senhor que deus aja de que o teor de verbo a verbo he este que se segue —

dom Joam per graça de deus Rey de portugall etc a quantos esta nosa carta virem fazemos saber que por parte de chrispouam falcam fidalgo de nosa casa nos foi apreSENTada huma carta de padrão de temça que seu pay gonçallo falcão tinha qual o teor tall he de verbo a verbo como se ao diante segue —

dom afonso per graça de deus Rey de portugall e etc A quantos esta nosa carta virem ffazemos saber que da parte de chrispouam fallcam fidalgo da casa do principe meu sobre todos muito amado e precado filho nos foy apresentado hum padrão de temça que seu pay gonçalo falcam de nos tynha da quall o teor de verbo a verbo he este que se ao diante segue

dom afonso per graça de deus Rey de portugall e etc. A quantos esta nosa carta virem ffazemos saber que a nos apraz que goncalo fallcão do noso conselho fidalgo de nosa casa e alcaide moor do casteelo de mourão tenha e aja de nos daquy em diante em cada hum anno de temça emquanto nosa merçe ffor trinta e nove mill e quatro centos reaes e esto em contemtamento e satisfaçam dos direitos deluas que lhe nos tynhamos prometidos e aprouue a elle dito gomçalo fallcão de nollas leixar por lhe darmos a dita temça A quall lhe sera asemtada nos livros de nosa fazemda omde lhe dela em cada hum anno sera dada carta pera logar omde lhe sera bem paga e em testemunho dello lhe mandamos dar esta nosa carta asynada per nos e aselada de noso selo pendente dada em lixboa a quatorze dias de setembro goncalo Rodrigues a fez era do nascimento de noso senhor Jesus christo de mill quatro centos sesenta e oito. E apreSENTada asy a dita carta pelo dito chrispouam fallcão como dito he loguo per sua parte nos foy Requerydo e pedido que lhe mandasemos dar a temça daquy em diante como ao dito seu pay até quy ouve, etc. (1).

(*Chancell. de D. João III, Livro 41, fol. 63.*)

As duas tenças foram mais uma vez confirmadas por D. João III em 1529 a favor de Cristovam Falcão. (Chanc. de D. João III, Livro 48, ff. 22 v. e 23 v.)

(1) Não reproduzimos o seguimento, para poupar aos leitores o enfado da leitura do texto restante, que nada adiantava.

Percorrendo os preciosos materiaes do *Corpo cronologico* da Torre do Tombo, encontrámos o alvará de 1527 mandando pagar a tença de 97\$734 a Cristovam Falcão, documento que contém a assinatura do primo segundo do supposto poeta do *Crisfal*.

Segue a transcrição do alvará de 1527:

«dom Johaom per graça de deus Rey de portugual e dos algarues daquem e dalem mar em africua senhor de guine etc mando a vos almoxarife ou Recebedor do almoxarife desta cydade de cojmbra que do Remdymento dela dees a chrispouão falcão nouemta e sete mill e sete çentos xxx iiijº reis que lhe mando dar e este ano presente de hº xxbij de mym adaver de sua tença que hahy tem asemtada e vos fazei lhe deles bom paguamento e por esta com seu conhecimento vos seraom leuados em comta / dada em a dyta cydade a xb dias de Julho / el Rey o mandou por nuno da cunha do seu conselho veador de sua fazemda luis aluerez a fez de j̄bº xxbij — nuno da cunha —

LRbij hijº xxxiiij reis no almoxarifado desta cydade a Chripouão falcão de sua tença deste anno — per bas-tiam seu criado —

Registado — Damiam dias —

Saibam quantos este conhecimento de paga vyrem como christouam falcam senhor de pereira conheceo e confesou que Reçeebo danrrique diaz almoxarife da cidade de cojnbra nouenta e sete mjll e sete centos e trinta e quatro reis de sua tença conteudos neste des-embargo destoutra parte escrito e por uerdade que Reçeebo os ditos nouenta sete mjll e sete centos e trinta e quatro reis lhe mandou ser feito este conhecimento per mjm diogo Rodrigues escrivam do dito almoxarifado feito na dita cidade e casas de mjm escrivam ao primeiro dia do mes dagosto de j̄bº xxbij anos testemu-nhas que presentes foram aluaro afonso homem do almoxarifado e gaspar de cojnbra olejro moradores na dita

cidade e eu sobredito escrevam que asynej com elles =
djogo rodrigues dantas =

Chrispouão falcam = » (1)

Este documento, além de conter a assinatura do 1.º Cristovam Falcão, frisa, irrefragavelmente, quem fosse este fidalgo: era o *senhor de Pereira*, o que é decisivo para que ninguém de boa fé possa levantar qualquer dúvida sobre o ponto que acabamos de esclarecer.

Fica pois demonstrado, por modo iniludível, que os 975734 mandados pagar em Coimbra não constituíam nenhuma *graça regia motivada pela simpatia que inspirava a paixão do suposto poeta*, nem a este diziam respeito.

Quanto a Cristovam Falcão de Sousa, *moço fidalgo em 1527*, por muito que se queira afastar a data do seu nascimento, não poderá esta ser fixada em ano anterior a 1510. Fixando-se o seu nascimento entre os anos de 1510 a 1515, é natural que se fique muito próximo da verdade.

Consignaremos aqui algumas datas referentes aos irmãos de Cristovam: — Damião, Barnabé e D. Braçaida:

Damião de Sousa Falcão. Embarcava na armada que foi para a Índia em 1550, com o soldo mensal de 15800 reis. Em 1564, seguia novamente viagem, como capitão da nau *Flor de la mar*. E em 1568, na armada que levava o visorrei D. Luis de Ataíde, Damião Falcão

(1) Torre do Tombo. Corpo cronológico. Parte 2.ª
M. 142 Documento 54.

commandava a nau *Remedios* ⁽¹⁾. E em 1571, conforme consta da Decada VII, de Diogo do Couto, Damião de Sousa Falcão era capitão de Salsete.

Embora Damião fosse muito mais novo do que seu irmão Cristovam, é racional concluir que á data de 1550, em que embarcou para a India, não teria mais de 30 anos, o que equivale a fazê-lo com 50 quando comandava Salsete.

Barnabé de Sousa Falcão. Sobre este irmão do suposto autor do *Crisfal*, encontramos num manuscrito genealógico esta nota que reproduzimos textualmente:

«Ponho aqui esta memoria que tirei do testamento que fez Barnabé de Sousa, natural d'esta cidade (sc. Portalegre) em Setubal a 22 de fevereiro de 1586, foi casado com D. Brites Caldeira de Velles, filha de Jorge Velles desta cidade, foi Veador da Sr.^a Duqueza de Bragança, e com.^{tr} da Villa do Cano, e irmão de Christovão Falcão de Sousa, e pede ao Duque que pellos seus serviços, e pello que tem feito a El Rei lhe peça a dita Commenda para seu sobrinho Christovão Falcão, filho de seu irmão do mesmo nome. Deixa a Antonio Vaes que criou de menino 50\$000 reis, e pede por mercê ao Duque lho tome por Escudeiro acrescentado deixa que paguem uma divida que deve a João Riscado, que foi capitão da

(1) Ms. 123 da Collecção Pombalina. Bibl. Nacional de Lisboa.

Guarda del Rei, e manda que os seus ossos venhão para esta cidade para a sua Sepultura, e de seus Avós ⁽¹⁾»

D. Braçaida de Sousa. Foi casada em primeiras nupcias com Antonio Vaz Mergulhão, de quem houve dois filhos, dos quaes o mais velho tinha 6 anos em 1542.

Sabe-se, pelo documento histórico já reproduzido, que, á data de 1527, Cristovam Falcão de Sousa era moço fidalgo, inscrito nos livros de moradia da Casa Real.

N'esse ano de 1527, não poderia o suposto poeta, na mais plausível das hipóteses, contar mais de 17 anos de idade, quando Sá de Miranda e Bernardim Ribeiro já iam a caminho dos cincoenta, o que afasta toda a possibilidade de terem sido confidentes e companheiros.

— Mas, objectará alguém, como se explica que um rapazinho de dezeseite annos, quando muito, como v. quer, já estivesse inscrito nos livros das moradias do Paço, com o quartel de 3\$000 reis?

Responderão por nós dois cronistas:

Primeiro, dêmos a palavra a Fernão Lopes, que, reeditando o que escreveu sobre D. Pedro I, não deixará de responder-nos:

«... porque naquelle tempo não se costumava ser vassallo senão filho, neto, ou bisneto

(1) Codice ms. n.º 8:056 da Biblioteca Nacional de Lisboa, fl. 142.

de Fidalgo de Linhagem, e por usança havião então a quantia, que agora chamão *maravediz*, dar-se no berço logo que o filho do Fidalgo nascia, e não a outro algum.

«Este Rey accrescentou muito nas quantias dos Fidalgos depois da morte del Rey seu pay, porque não embargando que El Rey Dom Afonso fosse comprido de ardimento em muitas bondades, chamarão no porém descaço, e apertamento de grandeza; (foy notado de apertado de mãos). E El Rey D. Pedro era muito liberal, etc.» (1)

Ouçamos agora Duarte Nunes do Leão, que na sua *Descrição do Reino de Portugal*, no capitulo sob a epigrafe: «Das moradias que os Reis de Portugal dão a seus criados e como tambem as dão aos filhos», (pag. 304-305 da edição de 1785) nos elucida pormenorizadamente sobre o assunto.

«Primeiramente o costume dos Reis de Portugal he não somente dar sustentação a seus criados, *mas de lhe tomarem por criados os filhos que tem, como vem a idade de doze annos succedendo a seus pais no foro em que em sua casa estão, e lhes dão a moradia que seus pais vencem: & ha para isso livro de matricula em que todos se assentão para se saber quando o filho vence o que tinha seu pai: & o que se dá, he certa cousa por mes que se paga aos quarteis do ano: isto chamão moradias.* porque os criados del Rey

(1) *Chronica del Rey D. Pedro I*, na fôrma em que a escreveu Fernão Lopes. Lisboa, 1735 -- pag. 50.

sam moradores de sua casa. De maneira que *todo o homem fidalgo do reino tem moradia se anda na corte & com elle, seus filhos, vindo a idade para a vencerem, & os bastardos com alguma diminuição. A mesma maneira se tem com os moços da camara & cavalleiros que El Rei toma em lugar de seus pais.*

«Estas moradias não são todas iguaes ainda que o titulo do foro seja igual, porque huns fidalgos tem mais moradia que outros ainda que sejam fidalgos, etc.»

Em 1542 estava Cristovam Falcão de Sousa em Roma, fazendo serviço na embaixada portugêsa. O embaixador de Portugal era um primo segundo do suposto poeta, por nome Cristovam de Sousa. Da confusão dos homónimos, resultou darem algumas memórias como embaixador em Roma o pseudo-trovador, quando era um primo seu quem desempenhava taes funcções.

Pela retirada do embaixador português, Cristovam Falcão foi hospede do marquês de Aguiar, embaixador de Carlos V, como se deduz de uma carta sua a D. João III, em 1 de outubro de 1542.

O snr. dr. Theóphilo Braga reproduziu essa carta a pag. 361/3 do seu livro sobre Bernardim Ribeiro, mas o copista, a quem o distinto professor encarregou de reproduzir o documento existente na Torre do Tombo, forneceu-lhe uma reprodução *com summa deligencia emendada*, que o snr. dr. Theóphilo, com a melhor boa fé, estampou no seu livro, e que muito se afasta do original.

Com a possivel exactidão paleográfica, vamos

reproduzir aqui a carta de Cristovam Falcão de Sousa, que, a nossos olhos, é um documento de grande alcance histórico, porque do mesmo resulta apurar-se que o suposto trovador tinha apenas a instrução rudimentar dos moços-fidalgos da época, quase analfabeto, como se reconhece pela falta de gramática e ortografia da sua epistola ao rei:

«Senhor — / antes que de qua partise ho embaxador chrispouão de sousa escreuy huma quarta a uosa alteza em que lhe daua conta do que tinha feito em meus negocios e fazia follgando de acertar niso a uontade de uosa alteza ajmda que tão bem me pesase por crer que uosa alteza cria que em no querer asy fazia a uontade de meus contrairos / na mesma quarta lhe dey conta de como jstou em quasa do marques dagujlar embaxador do emperador como em quasa de meu primo segundo co jrmão que he onde eu siruo a uosa alteza naquelas cousas que ho servir poso como lho pode dizer chrispouão de sousa e os mais que qua são em seu seruiço se o quizerem fazer / e como quem tem esta uontade quis fazer estas Regras a uosa alteza nas quais pode ser que ho seruirey / ho papa senhor saio de Roma os dlas pasados a ujsitar a cidade de perosa e algumas terras outras do estado / foy ho marques co ele / e estando em perosa me pidio ho marques que fose ao quardeall fernes questaua em quamarjinho

com huma cousa de importancia / fuy e no quaminho pasey pola cydade de asis onde esta ho corpo de são francisco na pousada onde fuy pousar achey hum trombeta frances mall vestido quiserão tomar pera ho marques que auia mister hum / e falando lhe sob isto me ueo a dizer que era frances e que fora de frança ao brasill de portuguall em huma não a quall não quarregarão de brasill ele e os que na não yam e de outras cousas que na tera auja / e que uindo se as estas partes de leuante com detreminação de yrem uender a merquadarja a constantinopla dera hum tempo neles que os fez tomar hum porto da palha onde lhe foy tomada a não com quanto traziam por hum gouernador do emperador / emtre as quais cousas dixe que lhe tomarão seis centos papagaios / e que ele uinha fogindo / depois que torney a perosa preguntey ao sacretarjo do marques se tinha aujso disto dixe-me que si e que fora aualyado ho que na não uinha em uinte e sete mill cruzados / e que nela uinhão judeus que parece que tomarão pola costa que cria que erão os mais portugeses detreminey escreuelo a uosa alteza porque creio que nesta fazenda tem mais direyto que ho emperador nem que nynguem por ser tudo ho que nela uinha seu / e tambem porque pode ser que aproueytara pera os negocios que vosa alteza com yl rey de frança que aquy esta ho furto tomado as não / quan-

do pera nada aproueytar uosa alteza tome a uontade que de o servir tenho / que eu faco aquilo que cuydo que deuo a quem são ajmda que numca nymguem achey que pera comigo oulhase obrigaçoins / fernão continho se foy senhor tambem da quy dias ha aueneza mall com ho guardeall sem viseu / foy com detreminação de se jr a frança / faley ao marques nele pedindo lhe que lhe estrouase aquela viagem ho marques o fez e trabalha polo por em serviço do emperador e creio que ho pora com algum bom quarerro quilo fazer saber a uosa alteza porque segundo niso levar gosto asy ho fara ho marques / as Reaes maos de vosa alteza beyjo a quem estado e vida deus prospere de Roma primeiro doytubro de mil quinhentos quarenta e dous // chrispouão falcão de sousa.= (1)

Se o snr. dr. Theóphilo Braga tivesse visto o original, e o analisasse devidamente, estamos convencidos de que reconheceria desde logo que não podia ter sido o gentil-homem Falcão, que tam incorrectamente escrevia, o delicado autor da formosíssima écloga que lhe era attribuida.

Por maior que seja a benevolência com que se examine a ortografia da epístola, e a sua redacção de *palafreneiro*, cremos bem que não haverá opinião que ouse sustentar que o autor da

(1) Torre do Tombo. Corpo cronológico, Parte 1.^a, Maço 72, documento 124.

quarta poderia produzir a mais insignificante das redondilhas de Bernardim.

Mas, Cristovam Falcão, se não possuía estudos e conhecimentos literários que lhe permitissem grangear um nome como escritor, procurava servir o seu país e o seu príncipe consoante lh'o permitiam as suas aptidões e o seu tacanho engenho; e que el rei estava contente com o seu servidor demonstra-o o facto de ter sido nomeado em 21 de março de 1545 feitor e capitão da fortaleza de Arguim, ⁽¹⁾ por três anos.

Não era uma grande posta, mas era, sem dúvida, uma situação honrosa para um fidalgo ainda moço, por isso que em 1545 devia contar Cristovam Falcão, *quando muito*, 35 anos.

Em 1548, conforme refere o snr. dr. Théophilo Braga, Cristovam Falcão frequentava a côrte, e «por essa circumstancia se defende da accusação de que é incriminado em uma devassa de ter mezes antes ferido o meirinho de Portalegre. Esteve preso, e foi julgado por este feito; sendo de novo envolvido em outra devassa, escusa-se de estar então na côrte, referindo-se *ao pouco que tem de seu e que o forçam gostar sem causa de culpa*. Refere se tambem a seus dois irmãos. O rei mandou passar lhe carta de perdão em Almeirim, a 16 de junho de 1551, etc.» ⁽²⁾

Sobre Cristovam Falcão de Sousa, a lenda,

(1) O snr. dr. Théophilo Braga encabeça esta nomeação no primeiro Cristovam (B. R. e o Bucolismo, pag. 332), certamente por lapso. O primo segundo do pseudo *Crisfal*, á data de 1545, não podia ter menos de 83 anos, se é que ainda pertencia ao numero dos vivos!

(2) B. R. e o Bucolismo, pag. 364/5.

Reprodução foto-zincográfica, reduzida, da carta de Cristovam Falcão de Sousa

[illegible]

finca, faler ao marques nele pedindo lhe q
lhe estronasse a quella viage ho marques ofez e
trabalha polo por e seruido do e peçador e
neo q ho poxa to algu co quixeto quito fazer
saber aros a por q se quito nsto leuar gofo
as ho faza ho marques as theas mais de b.a
legfo aque estado e vida ds prospere de roma p
outubro de 1542 //



Depois não fazeão de seu

que o fazia namorado de Maria Brandôa, bordou também a fantasia de «*que não casara, e fora para a India, onde morreria.*»

Se sim ou não faleceu na India, nada está apurado; mas que, ao contrário da fábula, casou, parece certo, porque não é lícito duvidar das asseverações contidas n'um artigo publicado na «Revista Litteraria, Scientifica e Artistica» do jornal «O Seculo» de 11 de Dezembro de 1905, em que o snr. Antonio Sardinha, que nos dizem ser discípulo do snr. dr. Theóphilo Braga, declarava ter encontrado n'um nobiliário a noticia de ter Cristovam Falcão de Sousa casado com uma Isabel Caldeira, filha de mestre Mendo Caldeira e de Mór Dias, de Alter do Chão. O snr. Antonio Sardinha, n'esse artigo, dava também a data do falecimento da mulher de Cristovam Falcão: — 7 de maio de 1553.

Que morresse na India, que morresse tranquilamente em Alter do Chão, nada nos interessa.

A uma lenda estúpida deveu esse rebento inglorio de John Falconet a celebridade que durante séculos usufruiu, em prejuizo do renome literário do verdadeiro *Crisfal*, o doce, o inimitavel e inegualado Bernardim Ribeiro, predecessor e mestre do genial cantor dos *Lusiadas*, e como este igualmente infortunado.

A' memória de Camões já prestou a pátria portugueza o seu tributo, erigindo-lhe uma estatua, e guardando preciosamente as suas cinzas queridas no panteão dos Jerónimos.

A' memória de Bernardim Ribeiro, a Camara Municipal de Lisboa consagrou uma ruella, ao passo que dava o nome de um empregado do município a uma das mais belas avenidas da

cidade nova. Não admira... A Camillo, falecido ha poucos anos, e filho da capital portu-guêsa, tambem foi concedida a homenagem de um bêco sem saída, quando a vários vereado-res, desconhecidos illustres, eram consagradas avenidas esplendorosas!

E as cinzas de Bernardim?

Perderam-se?

— Não se perderam, não ; pulverizadas, fosforecentes, pairam sobre a nossa querida terra, pousando de longe em longe sobre a cabeça privilegiada de algum poeta, com brilhos de estrelas, com fulgurações de lava,— o brilho da sua peregrina intelligência, o fogo do seu coração apaixonado!

XX

O snr. dr. Theóphilo Braga reconhecendo o verdadeiro autor da écloga de Crisfal

A verdade é como o azeite :
anda ao de cima da ágoa.

Aforismo popular.

A pagina 358 da sua obra sobre Bernardim Ribeiro, escreveu o snr. dr. Th. Braga :

«No *Chrisfal*, estancia 71 vem a allusão a uma cantiga de Bernardim Ribeiro :

Dando uns mui doridos brados,
saídos do coração,
a cantiga vinha entam :
Em meus olhos aggravados
vereis se tenho razam.»

Involuntariamente, o illustre professor do Curso Superior de Letras deixou assinalada no seu estudo referente a *Cristovão Falcão* a afirmativa de que a paternidade da écloga de *Crisfal* pertencia a Bernardim Ribeiro, e não ao supposto poeta.

E se o snr. dr. Th. Braga tem lido com attenção a écloga, primeiro do que ninguem poderia ter feito a descoberta de que o poeta Cristovam Falcão nunca existira.

Reconheceu o sr. dr. Braga que o *Crisfal* nos versos da estancia 71.^a aludia a uma cantiga de Bernardim Ribeiro :

*Em meus olhos agravados
vereis se tenho rezão.*

Ora essa cantiga de Bernardim Ribeiro é precisamente uma das que constituem a écloga de *Crisfal*, e que o poeta faz cantar á personagem que figura com o nome de *Maria*.

São as estrofes 63 a 66 da écloga :

Como dormirão meus olhos?
Não sei como dormirão,
pois que vela o coração.

Toda esta noite passada
que eu passei em sentir,
nunca a eu pude dormir,
de ser muito acordada ;
dos meus olhos foi velada ;
mas como não velarão,
pois que vela o coração?

As oras d'ella cuidei
dormi-las ; foram choradas ;
pois, tam bem as empreguei,
dou-as por bem empregadas.
Todas as noites passadas
n'este pensamento vão,
pois que vela o coração !

Passaros, que namorados
pareceis no que contaís,
não ameís, que, se amais,
de vós sereis desamados.
*Em meus olhos agravados
vereis se tenho rezão,*
pois que vela o coração.

Na estrofe 71, Bernardim, aludindo á cantiga

que os lábios da sua amada já tinham desferido,
diz que *Maria*, após

... uns mui doces brados
saídos do coração,
á cantiga vinha então :
Em meus ólhos agravados
vereis se tenho rezão.

Isto é, *Maria* voltava a repetir a cantiga que já havia garganteado.

Compreende-se que um poeta faça alusão a uma cantiga estranha, mas o que não é racional é admitir se que alguém digno do nome de escritor se aproprie de uma composição alheia, reproduzindo-a integralmente, sem dizer : *agou vae !*

Bernardim, na écloga *Crisfal*, cita uma poesia alheia, na estrofe 42, que réza :

Tendo parecer devino,
pera que melhor lhe quadre,
cantar cantou d'elle dino :
• *Yo me yba, la mi Madre,*
a santa Maria del pino.»
O vestido lhe olhei
e vi que era um brial,
de seda e não de saial ;
a qual eu afigurei
a Menga, la del Bustal.

Se Cristovam Falcão houvesse sido poeta, e tivesse produzido a écloga de *Crisfal*, procederia em relação a uma cantiga de Bernardim Ribeiro como este procedeu em relação á cantiga *Menga la del Bustar*, transcrevendo alguns versos apenas, e não a cantiga por inteiro.

XXI

Três poesias ignoradas de Bernardim

E' possível que esteja em erro, mas estou-o de boa fé,

J. Pereira Sampaio (Bruno).

Para o trabalho que apresentamos ao público, entendemos que era conveniente percorrer varias miscelâneas literárias dos seculos XVI e XVII, e não podemos considerar inglória a tarefa que nos imposemos, por isso que lográmos descobrir três poesias que julgamos poder reivindicar para o autor da *Menina e moça*.

N'um *p'iego-suelto* de 1656, da Biblioteca Nacional de Lisboa, depararam se-nos três poesias, cuja leitura fizemos, enlevados, porque, logo desde as primeiras estrofes, começámos a notar a sua semelhança absoluta com a maneira inconfundivel de Bernardim, semelhança tam palpavel que, a nossos olhos, a origem das três composições logo resultou nítida: — tratava se de três cantigas de Bernardim Ribeiro.

Mandamos de pronto tirar uma cópia do *p'iego suelto* referido, para com mais vagar procedermos ao seu estudo.

Com toda a atenção, relemos as três com-

posições, estabelecendo os necessários confrontos, e mais se radicou o nosso juízo de que a sua paternidade devia caber ao poeta da *Menina e moça*.

Mas como se explicaria que só n'um pliego-suelto de 1656 se encontrassem essas poesias de Bernardim?

Pelas deturpações visíveis que os versos salientavam, fomos levados a concluir que o folheto de 1656 era reprodução de outra edição ou edições mais antigas.

O folheto constitue o n.º 219, 2.ª série (vermelho) dos *Reservados* da Biblioteca Nacional de Lisboa:

Trovas da menina formosa; Trovas feitas á cantiga da menina formosa, á maneira de Diulego, & no cabo outra cantiga que diz Na fonte está Lianor, & outra que diz Izabel, & mais Francisca. Em Lisboa, Com todas as licenças necessarias. Na Officina de Domingos Carneiro. Anno de 1656. Entre duas figuras de mulher, a divisa do impressor Manoel de Lyra, com a legenda: «Non vi, sed ingenio et arte.»

Quando descobrimos estas poesias, já estávamos scientes de que o poeta Cristovam Falcão era produto de uma lenda, e assim não admitimos a probabilidade de pertencerem a esse supposto bardo as três cantigas do folheto.

Mas como poderíamos atrever-nos a disputar para Bernardim Ribeiro a autoria d'essas composições, tendo apenas a favor da nossa opinião o convencimento resultante do estudo comparativo d'essas cantigas com as poesias de Bernardim?

Mas não seria uma cobardia deixar de reclamar para o poeta da *Menina e moça* a paterni-

dade d'essas trovas só pelo facto de não podermos justificar o nosso juizo com qualquer documento de indiscutivel peso?

Com franqueza, hesitavamos em fazê-lo, quando n'uma nova leitura da terceira cantiga do *pliego suelto* reconhecemos que esta era, nada mais — nada menos, do que de uma das cantigas de Bernardim Ribeiro das edições de Ferrara e de Colónia, sensivelmente ampliada:

*Isabel e mais Francisca
ambas vão lavar ao mar...*

Desde esse momento, cessaram as nossas hesitações, e logo alimentámos o propósito de dar á estampa n'este volume uma reprodução, quanto possível fiel, sem ser servil, das três cantigas do *pliego suelto* de 1656

Damos essas poesias no fim d'este livro, convencidos de que se trata de composições de Bernardim. Que a terceira lhe pertence, demonstra o, a nosso ver, a variante das edições de Ferrara e Colónia.

O nosso juizo é de que as três composições são dos primeiros trabalhos poéticos do autor da *Menina e moça*.

Se nos demonstrarem que as duas primeiras não pertencem ao poeta bucolista, de bom grado receberemos a correcção, porque errar é próprio dos homens, e não temos a esculta vaidade de nos considerar infalíveis.

Alem da edição d'estas cantigas, de que se conhece o exemplar da Biblioteca de Lisboa, Salvá deu noticia de uma edição de 1640, e a snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos possui um exemplar de uma edição feita em

Lisboa em 1761. A Biblioteca Municipal do Porto possui também um exemplar de uma edição de 1718, de Lisboa.

Estas edições do século XVII e XVIII provam á evidência a notoriedade que tiveram essas cantigas quinhentistas, que conseguiram prender o interesse dos amadores da literatura das folhas volantes, iniciada no século XVI, e que se veio arrastando até aos nossos dias.

XXII

A amada de Sá de Miranda

Cuidando em vós, senhora, no alto engenho,
Delicado saber, na tanta estima...

Sá de Miranda

Na sua écloga II, escreveu Bernardim Ribeiro, referindo-se ao seu amigo Sá de Miranda, representado no zagal *Franco de Sandori* :

Este era aquelle pastor
a quem *Celia* muito amou,
nimpha de grande primor
que em Mondego se banhou,
e que cantava milhor.

Celia era um nome pastoril usado pelos poetas quinhentistas, e que Bernardim empregou para velar a individualidade da mulher amada por Sá de Miranda. Na écloga *Crisfal*, dará Ribeiro á mesma dama o nome pastoril de *Guiomar*, e, talvez, o de *Elena*.

O illustre professor snr. dr. Theóphilo Braga viu no nome *Celia* um anagrama de Isabel, e escreveu: «... no serão do paço estava D. Isabel Freire, a quem Sá de Miranda amava e idealisava com o anagrama de *Celia*» ⁽¹⁾.

(1) Sá de Miranda e a Eschola Italiana, pag. 48.

Sá de Miranda não empregou em toda a sua obra um único anagrama; velava as personagens das suas poesias com nomes pastoris. E tanto isto assim é que, não encontrando no poeta filósofo um exemplo de criptograma, o snr. dr. Theóphilo Braga, para justificar a sua interpretação, foi levado a confessar: «... considerando, segundo o systema empregado por Bernardim Ribeiro de anagrammatisar os nomes, este nome de *Celia* como anagramma de *Elisa*, vamos encontral-o na *Ecloga Nemoroso* designando D Isabel Freire, que tambem fôra muito amada e celebrada na sua morte pelo poeta Garcilasso, que subseqüentemente morrera em 1536⁽¹⁾.»

Francisco de Sá, na écloga *Nemoroso*, não se serve do nome pastoril de *Celia*, como afirma o snr. dr. Theóphilo, mas sim do nome de *Delia*.

De que a dama pranteada nas composições bucólicas de Miranda, sob os nomes pastoris de *Celia* e *Delia*, é uma só, não pôde restar dúvida, porque uma tal dedução resulta nítida da leitura das duas éclogas: «*Nemoroso*» e «*Celia*».

Mas que essa dama fosse a mesma que Bernardim alvejou dando-lhe o nome de *Celia*, não crêmos, como egualmente não acreditamos, até prova concludente, que houvesse sido Isabel Freire a mulher que Francisco de Sá amou na sua mocidade.

Se Ribeiro na sua obra poética houvesse empregado apenas nomes anagramatizados, teria

(1) Sá de Miranda e a *Eschola Italiana*, pag. 55.

justificação a exegese do snr. dr. Theóphilo Braga, vendo em *Celia* um criptónimo; mas o que é certo é que Bernardim, tendo sido o introdutor na poesia portugueza da *cabalistica*, não empregou sómente anagramas: na sua obra, são mais os simples nomes pastoris que os anagramatizados.

Admitindo porém, por um momento, que o nome de *Celia* envolvia um anagrama, poderia este, porventura, ser deduzido de *Isabel*?

Em nosso fraco juizo, respondemos negativamente.

Como anagrama, *Celia* poderia corresponder a *Alice* e *Cecília*; nunca a *Isabel*.

Quando, na écloga *Nemoroso*, Francisco de Sá alude á amada de Garcilaso, que nada tem que vêr com a *Celia* e *Delia* que os pastores do Douro e do Neiva pranteiam, dá-lhe claramente o nome de *Elisa*; não a designa por outro nome pastoril.

Nos versos que reproduzimos de Bernardim Ribeiro, ha uma referência a *Celia*, que, a nosso vêr, é um tanto elucidativa, e que justifica uma interrogação, que nos permitiremos formular. Segundo Ribeiro, a amada do seu amigo era: a **que cantava melhor**.

Pela edição das obras de Sá de Miranda, devida á illustre escritora snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, é sabido que Francisco de Sá e Bernardim Ribeiro colaboraram em dois *dialogos* em verso: *ás damas, estando ahí dona Lianor Mascarenhas* ⁽¹⁾

(1) Poesias de Francisco de Sá de Miranda. Edição Michaëlis, pag. 39 a 41.

A essa senhora atribue Miranda as seguintes estrofes :

I

Ua cousa vos digo eu :
Que não são pera essas cousas !
Rezão fora não cuidar
Em tam sem rezão cuidado,
Pois hei de sofrer a outrem
Culpas que não têm perdão ?

II

— Outro mal ha muito grande
N'este mundo e n'esta terra
Em que não vejo caminho
Pera me n'ela perder.
Desejos meus e cuidados
Não são postos n'esta vida.

N'um dos manuscritos explorados pela erudita editora de Francisco de Sá, para a sua edição da obra do poeta, encontrou a snr.^a D. Carolina Michaëlis uma interessantissima nota respeitante a D. Leonor Mascarenhas :

A poetisa que versejou de camaradagem com Francisco de Sá e Bernardim é cognominada de *marquêsa de Pescara* portugêsa.

N'uma poesia de Sá de Miranda a *ũa senhora muito lida em nome de certo servidor seu*, encontram-se estes versos :

Cuidando em vós, senhora, *no alto engenho*,
Delicado saber, na tanta estima,
Não sei com que ousadia ante vós venho.

Por dom da natureza, posta acima
De tudo o que aqui vemos descoberto,
A que é tam necessaria a vossa lima (1)

(1) Poesias de S. de Miranda. Ed 1614 f.º 125 v.

Parece-nos ver alvejada n'estas estrofes a mesma dama, cujo engenho poético está assinalado pela colaboração com Bernardim e Sá de Miranda, e que foi galardoada com o epíteto de «Marquêsa de Pescara» lusitana.

Não seria esta senhora a musa inspiradora de Miranda, a creatura a quem B Ribeiro deu o nome poético de *Celia*, classificando-a como a *ninfa que cantava melhor*?

Temos por mais razoavel esta hipótese do que a conclusão a que chegou o snr. dr. Theóphilo.

Corroborando, nos parece, o juizo que formulâmos, ha um soneto de Miranda, que vamos transcrever:

Queriendo la pintora dar pintura
Que fuese de la suia entera muestra,
El divino pinzel tomó em la diestra
I en la siniestra mano su figura.

Despues de haver juntado hermosura,
Virtud, gracia, valor, la gran maestra
Una pintura hizo que nos muestra
Ser casi soberana su hechura.

La obra fue tan alta que vencida
Quedó de amores d'ella la pintora,
De haver la hecho casi arrepentida.

I para que lo entienda quien lo ignora,
En estas cinco letras esculpidas
Verá la que del mundo es vencedora. (1)

A snr.^a D. Carolina Michaëlis anotou, criteriosamente, este soneto pela seguinte maneira:

(1) Poesias de Sá de Miranda, Edição Michaëlis, pag. 590.

«E' evidente que neste Soneto (l.^{as} 12 e 13) se esconde um nome feminino, de cinco letras. Qual? *Lionora* ou *Lianor* de *lo inora* (por *lo ignora*) tem sette ou seis letras. Será a leitura *cinco* transcrição errada de de uma cifra romana?»

Somos inclinados a julgar que a lição original do 1.^o verso do segundo terceto seria:

I para que lo entienda quien lo *inora*

e que Francisco de Sá aludia, efectivamente, ao nome de *Lionora*, resultante da combinação do artigo *lo* com as cinco letras da palavra *inora*.

Será errada esta interpretação? Pode muito bem ser.

Não seria D. Leonor Mascarenhas, a *marquêsa de Pescara lusitana*, a dama que *cantava me'hor*? E' possível que não fosse.

Mas que a *Celia-Delia* pranteada por Sá de Miranda não foi Isabel Freire, provam-no as seguintes deduções que apresentamos ao exame dos que nos lêem:

Se a égloga *Celia* foi elaborada entre os anos de 1535 a 1537, a égloga *Nemoroso*, como o snr. dr. Theóphilo Braga o reconhece, não podia ser facturada por Sá de Miranda em data anterior a 1537, *primeiro aniversario da morte de Garcilaso*.

Ora, á data de 1537, Francisco de Sá era casado com D. Briolanja de Azevedo, de quem se enamorara no caminho da velhice, e a quem votou uma afeição duradoira.

Segundo o snr. dr. Theóphilo Braga, o casamento do poeta teve lugar em 1536, cálculo baseado na idade com que morreu o primogénito de Francisco de Sá.

Como admitir que o poeta-filósofo, *apaixonado* por D. Briolanja d'Azevedo, casado havia um ano, fosse cantar a mulher que o havia desdenhado vinte anos antes? O pudor natural do noivo, já na velhice, impedia certamente um escritor douto, como Francisco de Sá, de melindrar a esposa com o alarde de um fundo sentimento de pesar pela morte da creatura que primeiro possuira o coração do poeta, e que já era falecida ha alguns anos (1531?).

O pastor *Amaro* da écloga «Celia», como o pastor *Serrano* da écloga «Nemoroso» não podem, segundo o nosso critério, abrigar a individualidade de Sá de Miranda.

A *Amaro*, chama Francisco de Sá:

tan preciado y gran pastor

e condizem com estes qualificativos os elogios que o poeta dirige ao pastor *Serrano*:

Que sampona, que voz, que suelta mano!

E' crível que, a tratar-se da sua própria individualidade, Francisco de Sá, o douto, o ponderado, o *homem ás direitas*, se adornasse com os epítetos de *preciado* e *gran pastor*!

O pastor *Amaro* da écloga «Celia», que é o mesmo *Serrano* da ecloga «Nemoroso», pranteia a morte da mulher amada em versos em que transparece um coração viuvo pela segunda vez:

*A que parte se es ido esta alma mia?
Quien me la enseñara? yo que hago aquí
Sin alguna de dos que antes tenía,
Que entre ambas se ajuntáran contra mí?
Solo dejado me han, ciego y sin guía!
Parece-os esto Amor? dejar-me así?*

Consigo no quisieran allá llevar-me,
Ni buelto me han a ver, ni a consolar-me ! (1)

(*Écloga Celia*)

Hermosa Delia, alta seña y guia,
Apparece a los tuyos que desmayan,
Amenazados ya de muerte fria:

Los ojos tuyos socorriendo vayan
A quien d'otro no bive, ni otro espera,
A todos dá remedio antes que cayan !

.....

O Delia, mientras los aveso y ensayo
A tanta claridad, que no sostengo,
Detente que me muero y me desmayo:

Ah! paz, paz, con tus ojos, que no tengo
Aliento yá, que todo desbaratan!
Si no te vengo a ver, triste, a que vengo ? (2)

(*Écloga Nemoroso*).

Poderia, porventura, um noivo apaixonado
personificar-se por esta fôrma n'um homem
desiludido, *triste e solo* ?

O pastor *Aurelio*, em que vemos a personifi-
cação de Francisco de Sá, aludindo á situação
de *Amaro* pelo falecimento de *Celia*, clama :

D'Amaro que será ? *solo dejado*
Por raro exemplo de una triste vida ? ...

A dama pranteada não podia tampouco ser
Isabel Freire, que falecera em terras de Espa-
nha, mas sim uma dama que residisse ao norte
de Portugal,

(1) Poesias de Sá de Miranda. Edição 1614. f.º 33, v.

(2) Idem " " " 1.ºs 59 v. e 60.

donde entra por la mar turbado el Duero.

A noticia do falecimento da senhora que Miranda vela com os nomes pastoris de *Celia* e *Delia* é lhe transmitida pelo pastor *Mauricio* (Francisco de Sá e Menezes?) nas seguintes estrofes:

Agora, Aurelio, entiendo que tu solo
Eres el que no sabe *el grave daño*
Deste nuestro consejo, que assololo
Como por tierra un caso duro y extraño:
Aquel todo su bien muerte llerolo:
Quien pensó ver tan presto un mal tamaño?
La nuestra Celia es muerta, ay breve cuento,
Mas digno de infinito sentimiento! ⁽¹⁾

Que teria Isabel Freire que ver com *este nuestro consejo*, ou seja a região onde residiam os pastores amigos de Sá de Miranda?

Pois não será lógico admitir que *Celia* fosse a esposa, talvez a segunda, de um poeta amigo de Francisco de Sá?

Para comnosco, alimentamos essa crença, e embora nos apodem de fantasiar um tanto, alvitraremos, até prova em contrário, que a *Celia* e *Delia* das poesias de Sá de Miranda fosse D. Catarina de Noronha, segunda esposa do parente, amigo e colega de Francisco de Sá, João Rodrigues de Sá e Menezes, *preciado e gran pastor*.

Foram improficuos todos os esforços que empregámos, e aqueles que a nosso pedido se dignou empregar o illustre escritor snr. Braamcamp Freire, para conseguir apurar a data do

(1) Poesias de Sá de Miranda. Edição de 1614, f.º 25.

falecimento da segunda esposa de João Rodrigues de Sá.

Quanto a D. Leonor Mascarenhas, a *marquesa de Pescara* lusitana, não conseguimos desvendar quem fosse esta senhora.

Ainda sobre este assunto, recorremos á comprovada competência do senhor Braamcamp Freire, que, com a fidalga gentileza que o caracteriza, nos facultou vários apontamentos sobre diversas Leonores Mascarenhas, mas sem que, com segurança, pudéssemos optar por qualquer d'elas, apresentando-a como a *ninfa que cantava melhor*, amada de Francisco de Sá.

Estaria, porventura, errada a anotação do manuscrito examinado pela senhora D. Carolina Michaëlis? Não seria Mascarenhas, mas sim *Menezes*, a poetisa contemporânea de Bernardim e Miranda?

Serão talvez demasiadas as interrogações que formulâmos, mas em estudos d'esta natureza é mais prudente interrogar que afirmar, evitando quanto possível retratações futuras.

Poesias

DE

Bernardim Ribeiro

QUE FORAM ATRIBUIDAS A

CRISTOVAM FALCÃO

EDIÇÃO NORMAL, anotada, com o confronto entre algumas passagens das poesias que foram atribuidas ao suposto *Crisfal* e diversas passagens das obras de Bernardim, que nunca lhe foram contestadas.

I

Carta

Os presos contam os dias
mil annos por cada dia ;
mas os meus sem alegria
como os contarei eu.

5. verdadeiro amor meu,
a quem por meu bem conheço ?
pois como preso padeço,
e como a quem vos não vê,
mal, cuja dor se não crê,
10. de prisão e de ausencia ;
pois, sem pecar, penitencia
faço de trás de ùa grade.

- 8 - *como a quem* : em vez de *como quem*
Esta maneira de dizer tambem se encontra em
Sá de Miranda :
Como a quem os dados lança.

- 10 — Vi-me já preso ; contente.
a meu mal queria bem.

- Meus olhos, de escuridade
já não vêm, já estão mortais ;
15. mas pera que era ver mais
des que vos elles não viram.
des que de vós se despediram ?
Bem se enxerga nos danos
que estou preso ha cinco annos,
20. afora os que ei de estar,
passando em desejar
o tempo que vos não vejo.
Vêde que fé de desejo
em que lugar m'acompanha !
25. Nunca se vio fé tamanha
nem tam mal agradecida !
Não quis Deos que a minha vida
fosse pera mais que isto ;
ainda que em vos ter visto
30. não nasci em vão, senhora,
que a vida é de ãa ora,
e este bem será eterno ;
que quer estê no inferno,
quer estê no paraíso,
35. nunca me verão deviso
d'aqueste tamanho bem.
E não vos diga ninguem

- 18 — Refere-se o poeta a haver ficado sepulto em trevas
desde que perdeu da vista a sua bem amada.

*Pôs-se-me ãa escura noite
Sobre a lembrança de um dia ..*

Sextina: «Ontem pôs-se o sol, e a noite»

- 17 — *espediram* = *despediram*.
33 — *estê* = *esteja*
35 — *d'aqueste* = *de este*

- que o mal que me tendes feito
me faz ter outro respeito,
40. inda que fora rezão ;
mas não quer o coração
pelo muito que vos quer,
e sempre isto ha de ser
em quanto eu vivo for.
45. Que verdade e que amor
pera se não ter em muito !
e pouco bom é o fruto
que d'elle tenho tirado !
Quem lançasse o meu cuidado
50. onde o não visse mais !
pois lembranças tam mortais
traz á minha fantasia,
que basta ãa de um dia
pera me os meus tirar !
55. Nelle vos vi eu chorar
e nelle chorei tambem,
derradeiro do meu bem
e primeiro do meu mal.
Nada, senhora, me val,
60. não sei em que me sustenho :
pois que vos escrito tenho,

39 — *respeito* == aqui, no sentido de : *pensar, opinião*.
43-44 — Lembre-vos que nem por isto
minha fé vereis mudada,

Trovas : «A uma mulher que servia»

49-50 — porque o melhor de meu mal
está todo no cuidado.

Trovas : «A senhora Maria Coresma»

por ver se enfado um cuidado
que me não pode enfadar.

Esperça : «Chegam a tanto meu mal»

- porque não vejo resposta ?
Quem vos pôs no que estais posta ?
Que palavras vos disseram,
65. que mais que a rezão podéram
que já entre nós posemos ?
Cuidai quanto nos quisemos,
e não vos possa mudar
dizer que vos podem dar
70. outrem que tenha mais que eu.
Poder ser, não nego eu ;
mas bem vos posso afirmar
que não podereis achar
outrem que vos tanto queira.
75. Olhai que, á derradeira,
riqueza não tira dor,
pois, antre ella e o amor,
qual é mais pera estimar
deve ser bem de julgar.
80. Mas, com quanto eu isto digo,
mal acabarei comigo,
senhora, que possa crer
mudar-se vosso querer
por nenhuns outros quereres,
85. esquecendo os prazeres
do nosso tempo passado,
que me fez tam esforçado
que em quanto (a meu cuidar)
a terra me não gosar

75 — á derradeira = por ultimo, em fim de contas.

79 — *bem* de julgar = *bom* de julgar.

Bem em vez de *bom*. como *mal* em vez de *mau*, é frequente no português antigo.

86 — Lembre-vos tempo passado

90. ninguém gosará de vós
senão meus cuidados sós,
que em vossa contemplação
os tempos gastando vão,
como se fôsseis presente,
95. com ãa fé tam contente
como no tempo melhor.
E se isto ante vós for
que me pus a escrever,
querei, senhora, entender
100. que tinha que dizer mais ;
mas lembraram-me os sinais
vossos, e olhos fermosos,
e os meus, de saudosos,
lembrando-se que vos viram,
105. com lagrimas me impediram
poder pôr mais por escrito.
Baste o que tenho dito
pera aver, por galardão,
tres regras de vossa mão,
110. pera resposta das quais,
senhora, fique o mais
que aqui escrever devera,
se o escrever podera

95-96 — que com quanto desespero
 não menos aSSI vos quero
 que no dia em que vos vi !

Trovas : « A uma molher . . . »

II

Écloga de Crisfal

AUTOR :

1. Antre Sintra, a mui prezada,
e serra de Ribatejo
que Arrábida é chamada,
perto d'onde o rio Tejo
se mete nagoa salgada,
ouve um pastor e pastora,
que com tanto amor se amaram
como males lhe causaram
este bem, que nunca fora,
pois foi o que não cuidaram.

1-IV-V — Nas selvas junto do mar

Ecloga 1.^a

ribeira, mór das ribeiras,
que leva as agoas ao mar.

Ecloga 2.^a

VIII — como males *lhe* causaram

No português antigo, *the* empregava-se sempre na fôrma singular.

IX — ... lembrança de algum tempo, que foi,
e que nunca fora...

M. e moço = Cap. II.

Transparece nos primeiros versos da écloga a referência á ribeira de Lisboa, onde decorreram os amores do poeta.

2. Ella chamavam Maria,
e a o pastor Crisfal,
ao qual, de dia em dia,
o bem se tornou em mal,
que elle mal merecia.
Sendo de pouca idade,
não se ver tanto sentiam
que o dia, que se não viam,
se via na saudade
o que se ambos queriam.
3. Algũas oras falavam
andando o gado pascendo,
e então apascentavam
os olhos, que, em se vendo,
mais famintos lhe ficavam.
E com quanto era Maria
piquena, tinha cuidado
de guardar, melhor que o gado,
o que lhe Crisfal dizia;
mas, em fim, foi mal guardado.
4. Que depois de assi viver
nesta vida e neste amor,
depois de alcançado ter
maior bem pera mor dor,
se ouve em fim de saber
por Joana, outra pastora
que a Crisfal queria bem.
Mas o bem, que a tal vem,
não ser bem maior bem fora,
por não ser mal a ninguem.

2- 1- *Ella* = a *ella*

IV --- o meu bem em mal mudado

Ecloge 5.^a

5. A qual, logo aquelle dia
 que soube de seus amores,
 aos parentes de Maria
 fez certos e sabedores
 de tudo quanto sabia.
 Crisfal não era então
 dos bens do mundo abastado
 tanto como de cuidado,
 que, por curar da paixão,
 não curava do seu gado.

6. E como em a baixeza
 de sangue e pensamento
 é certa esta certeza :
 cuidar que o merecimento
 está só em ter riqueza,
 enquerirão que teria,
 e do amor não curaram,
 em que bem se descontaram
 riquezas, que falecia,
 por males que sobejaram.

7. Então, descontentes d'isto,
 levaram-na a longes terras,

5-VII dos bens do mundo abastado

Ecloga 2.^a

X — logo então começou
 seu gado a emmagrecer ;
 nunca mais d'elle curou ;
 foi-se-lhe todo a perder
 co'o cuidado que cobrou.

Ecloga 1.^a

6-IX --*que falecia* *que faleciam.* recurso obrigado pela
 rima.

7- II - «Menina e moça me levaram de casa de
 meu pai pera longes terras...»

M. e moça — Cap. I

esconderam-na antre serras
 onde o sol nunca era visto,
 e a Crisfal deixaram guerras.
 Alem da dor principal,
 pera mor pena lhe dar,
 puseram-na em lugar
 máo pera dizer seu mal,
 mas bom pera o chorar.

8. Alli os dias passava
 em magoas da alma saídas,
 de ser a quam longe estava,
 e chorava por perdidas
 as oras que não chorava!

-
- 7- V -- guerras = sofrimentos, mágoas, tribulações

Longe em estranhas terras
 e de esperança alongado,
 antre mi e o meu cuidado
 são apregoadas guerras.

Ecloga 4.^a

sotro, andando, longas guerras

Ecloga 4.^a

Levada pera outra terra,
 vendo-se Persio sem ella,
 vencido de nova guerra.

Ecloga 1.^a

- 8- IV-V — A estas palavras se me arrasaram os olhos
 d'agoa, e tui com as mãos a elles.—«Isto,
 senhora fazia quando vós appareceste, e
 o faço as mais das vezes; porque sem-
 pre eu choro ou estou pera chorar».

Em valle mui solitario,
sombrio e saudoso,
sendo monte temeroso,
pera o choro necessario,
pera a vida mui danoso,

9. Dizer o que elle sentia,
que queira, não me atrevo,
nem o chorar que fazia,
mas as palavras que escrevo
são as que elle dizia.
Alli, sobre ãa ribeira
de mui alta penedia,
d'onde a agoa d'alto corria,
dizendo d'esta maneira
estava a noite e o dia.

8-VI-VII - ... em tempo foram estes valles muito
povoados, e agora muito desertos. .
Tudo quanto é neste valle é cheio de uma
lembrança triste...

M. e moça — Cap. IV

- 9-VI-VIII — sentava-se em um penedo
que no meio da agoa estava

Ecloga 1.^a

- VI-X - a o longo da ribeira
onde eu soía andar...

Ecloga 3.^a

... porque não se podia ir alem sem se
passar a agoa, que corria alli mansa e
mais alta...

M. e moça — Cap. II

FALA CRISFAL :

10. Os tempos mudam ventura,
bem o sei pelos passar,
mas, por minha gram tristura,
nenhuns podéram mudar
a minha desventura.
Não mudam dias nem annos
a o triste a tristeza,
antes tenho por certeza
que o longo uso dos danos
se converte em natureza.
11. Coitado de mim, coitado,
pois meu mal não se amansa
com choro nem com cuidado ;
quem diz que chorar descansa
é de ter pouco chorado.
Quando as lagrimas são
por egual da causa d'ellas,
virá descanso por ellas,
mas como descansarão
quando são mais as querelas?

10-V-X -- Mas parece que em desaventuras ha mudan-
ças pera outras desaventuras...

M. e moça - Cap. I

11- X - *querelas* = magoas, pesares, querevas, dores.

12. Com tudo, olhos de quem
 não vive fazendo al,
 chorai mais que os de ninguém,
 que o que é pera mor mal
 tenho eu pera mor bem.
 Lagrimas, manso e manso,
 prosigam em seu officio ;
 que não façam beneficio,
 não servindo de descanso,
 servirão de sacrificio.

13 Minhas lagrimas cansadas,
 sem descanso nem folgança,
 a minha triste lembrança
 vos tem tam aviventadas
 como mortas da esperança.
 Correi de toda vontade,
 que esta não faltará ;
 mas isto como será ?
 pedi-la-ei á saudade,
 a saudade m'a dará.

14. Todos os contentamentos
 da minha vida passaram,

12- I-II — Seus olhos tornados fontes

Ecloga 5.^a

II- *al* = outra coisa.

IV-V — . . porque a longa dor, que ha já muito
 tempo que eu passo, tem o cansado d'este
 meu corpo tam acostumado a sofrê-la, que
 já agora vive nella.

e em fim não me ficaram
 senão descontentamentos
 que de mim se contentaram.
 D'estes, pelo meu pecado,
 inda que nunca pequei
 a quem amo e amarei,
 nunca desacompanhado
 me vejo nem me verei.

- 15 Faz-me esta desconfiança
 ver meu remedio tardar,
 e já agora esperar
 não ousa minha esperança
 por se mais não magoar.
 Se por isto desmereço,
 dê-se-me a culpa assim,
 e seja já com a fim,
 que ha muito que me conheço
 aborrecido de mim.

16. Meu coração, vós abristes
 caminho a meus cuidados
 pera virem ser banhados

14-III-IV — meus males só me ficaram

Ecloga 3.^a

Pesar nunca me deixou
 depois que, por meu pecado,
 tudo me desempareou.

Ecloga 4.^a

- 15- VIII! a *fim* = aqui, no sentido de *morte*. No português antigo a palavra *fim* era geralmente usada como feminina.

X -- desconsolado de mim.

Ecloga 2.^a

na agoa de meus olhos tristes,
tristes mal galardoados.
Necessario é que vamos
algum remedio buscar
pera se a vida acabar;
este o bem que desejamos,
este o nosso desejar.

17. Iremos pela estrada
por onde os tristes vão,
porque nesta, de razão,
deve ser de nós achada
algũa consolação.
Sobir me-ei ao pensamento,
que é alto; de ahi verei,
verei eu se poderei
ver algum contentamento
de quanto perdido ei.

18. Mas o que poderá ver
quem já da vista cegou?
porque quem me a mim levou
meu alongado prazer
nenhum bem ver me deixou!
Deixou me em escuridade,
— um mal sobre outro sobejo,

17- X - - *quanto* não está empregado por *quantos*.
Refere-se o poeta a tudo *quanto* havia perdido, e não apenas aos contentamentos que perdera.

18-VI-VII — porem tenho mal sobejo,
O meu mal é tam sobejo
que d'este mal tam sobejo

Ecloga 5.^a

pelo que, triste, me vejo
 tam longe da liberdade
 como do bem que desejo.

19. Verei a vida que em vida,
 bem vista, tanto aborrece,
 aborrece a quem padece
 tristeza mal merecida,
 que minha fé mal merece.
 Levaram-me toda a gloria
 com quanto bem desejei,
 desejei e alcancei;
 ficou-me só a memoria
 por dor de quanto passei.

18- IX --- e perdida a liberdade

Ecloga 5.^a

vejo-te sem liberdade

Ecloga 2.^a

que me tem levado o engano
 toda a minha liberdade,

Ecloga 4.^a

Pois aquella liberdade,
 aquelle livre sentido,
 aquella livre vontade,
 pago cá com saudade

Ecloga 5.^a

Eu a vós a liberdade
 vos dei, e o pensamento...

Trovas: «Nã. sam casado, senhora»

20. Lembrança do bem passado,
 que não devera passar,
 esta me ha de acabar.
 Dá-me tam duro cuidado,
 qual se não pode cuidar.
 Nada, se não for a morte,
 me dará contentamento,
 segundo sei do que sento,
 nem sento prazer tam forte
 que conforto meu tormento.
21. Não devo eu mal querer
 a quem me aqui deixou ;
 que ouvido não possa ser,
 já me algum bem ficou :
 — que é meu mal poder dizer.
 Mas, triste, não sei que digo,
 isto é falar a esmo,
 que assás me foi de enemigo
 quem se vingou de mim mesmo
 com me só deixar comigo.

20- I-II — com saudade
 que tenho do bem perdido

cuidado do bem passado,
 passado porque o passei

Ecloga 5.^a

VIII - *sento* — *sinto*.

21- VI — Cuidado, não sei que diga,

Ecloga 4.^a

21-VIII — *de enemigo* = no sentido de *como inimigo* ou *inimigo*. Era locução vulgar no século XVI.

22. Que me queira consolar,
já meu mal não tem conforto,
nem eu lh'o posso buscar;
pera o prazer sou morto,
e vivo pera o pesar.
Quanto mal tam desvairado,
e todos pera dar fim!
Tudo me é contrairo! Assim:
descuido matou meu gado,
cuidado matou a mim.
23. Como não cansas de ser,
vida de tam longos males,
que eu canso já de viver
e o eco d'estes valles
cansa de me responder?
As ribeiras, em eu vê-las,
correm mais do que é seu foro,
entrando meu chorar nellas,

- 22- I que me queira consolar
Ecloga 5.^a
- IV-V levou-me tudo a ventura;
deixou-me só o pesar
Ecloga 4.^a
- IX-X — Amador, quem te atadiga,
que vens sem ti e sem gado?
Ecloga 3.^a
- 23-VI-VII — e com lagrimas agoadas,
d'ellas nascem outros ribeiros,
— tanto em abastança são,
saídas do coração
que pelos pés dos outeiros
roído fazendo vão.
Ecloga 5.^a

e, pois ajudam meu choro,
quero só falar com ellas :

24. Companheiras de meu mal,
agoas que d'alto correis,
onde cahis, desigual,
parece que me dizeis :
— «Porque não choras, Crisfal ?» —
Contar-vos quero, amigas,
o que esta noite passei,
com o qual tal dor tomei,
que as minhas muitas fadigas
em mais fadigas dobrei.

25. Depois de ontem deixar
de vos contar os meus males,
fui-me cá baixo deitar
no mais baixo d'estes valles,
antre pesar e pesar.
Onde, depois que aos ventos
descobri minhas paixões,
gastadas muitas rezões,
mudei os meus pensamentos,
as minhas contemplanções.

26. Contento de descontente,
a noite sendo calada,

24-IX-X — as minhas tristes fadigas
com que sempre viverei
Ecloga 3.^a

25-V — antre cuidado e cuidado
Ecloga 4.^a
antre tormento e tormento
Ecloga 3.^a

como não é a quem sente,
não ficou cousa passada
que me não fosse presente.
Vindo-me á memoria dar
quando andava com o gado
ter com Maria sonhado,
fez-me o dormir desejar,
de mim pouco desejado ;

27. Crendo que aproveitasse,
pera meu contentamento,
se eu com ella sonhasse,
e de lugar meu tormento
algum pouco repousasse.
E como cansado estava
do que nò dia passei
em dormir pouco tardei,
e, adormecido, sonhava
o que vos ora direi :

28. Sonhava, em meu sonhar,
onde dormindo estava
ali velando estar,
quando, da parte do mar,
gram vento se alevantava,
o qual com tal sobresalto
chegava onde eu jazia,
que da terra me erguia
em tanto extremo alto
que a vista me fallecia.

27-IV — e de lugar = ao mesmo tempo ou de caminho.

E' locução ainda hoje corrente na provincia
do Minho.

29. Vendo-me em lugar tal,
baixei os olhos á terra
onde estava o meu mal,
e os valles e a serra
tudo julguei por igual;
mas, como aborrecido
tanto da vida andasse,
que meu mal já desejasse,
temor tam pouco temido
eu não crêo que se achasse.
30. Depois de ser já passado
este perigo de morte,
da terra mais abaixado,
contra a parte do norte
sonhei que era levado.
Antre Tejo e Odiana
era o meu caminhar,
d'onde poderei contar,
se o que notei não me engana,
cousas bem pera notar.
31. Porque vi muitos pastores
andar guardando seus gados,
vestidos d'alegres cores,
bem fóra dos meus cuidados,
mas não dos de seus amores;
não querendo mais averes,
nem querendo mais riqueza,
— que amor tudo despreza;
mas todos os seus prazeres
foram pera mim tristeza.

32. Em um valle, descontente,
 estar Antonio vi,
 este assás deferente,
 que casi o não conheci,
 sendo bem meu conhecente.
 Aqueste é o pastor
 que aqui vêo buscar-me,
 não mais que por consolar-me,
 e vêo com tanta dor,
 que me dá dor o lembrar-me.

33. Chorando lagrimas mil,
 estava consigo só,
 a o modo pastoril,
 de dó, bem pera aver dó,
 tinto o ábito vil.
 Em ãa frauta tangendo
 ao pé de ãa arvore estava;
 des que da boca a tirava,
 de dentro d'alma, gemendo,
 em vez de cantar, chorava.

32-VI-X — Veo Fauno, outro pastor
 que pera al vinha buscá-lo,
 seu criado e servidor,
 começou a consolá-lo,

Ecloga 1.^a

aqueste = este.

Este era aquelle pastor

Ecloga 2.^a

33-IV-V -- *tinto de dó = de negro, de luto.*

*ábito vil = trajo de pastor; vil no sentido de
 grosseiro, miseravel.*

34. Quisera-o consolar,
mas em cujo poder ia
não me deu a mais lugar
que ouvir-lhe que dizia:
—« O' Guiomar, Guiomar!
« em ti pus minha esperança,
« e quanto ella encobre
« agora em dor se descobre!
« perigos, desconfiança,
« fizeram do rico pobre.»
35. Assi, por elle passando:
—« Antonio, tenhas prazer!»
lhe disse, gram brado dando,
até da vista o perder,
os olhos nelle deixando.
Deos lhe dê contentamento,
pois que nos fez a ventura
companheiros na tristura,
e que seu e meu tormento
cada vez tem menos cura.
36. D'aqui fomos descorrendo
até o Tejo passar,
a ágoa de quem eu vendo
me foi dor sobre dor dar,
indo já dor padecendo.
Chorando a lembrança d'ella,
virada foi minha face
pera onde o gado paze,
da grande serra da Estrella
da qual o Zézare nasce.
37. Posto no seu alto cume,
deixaram-me alli estar,
e meu coração presume

que foi por me magoar
como tinham por costume.
D'alli os pães semeados
ver a meus olhos deixaram,
que pães não grados julgaram,
mas, posto que foram grados,
eu sei que não me agradaram.

38. Já o sol se encobria
a este tempo, e, mais
ficando a terra sombria,
o gado a os currais
já então se recolhia.
Ouvi cães longe ladrar,
e os chocalhos do gado
com um tom tam concertado,
que me fizeram lembrar
de quanto tinha passado.

39. Por serem as queixas vâas,
vi berrar o gado mocho
cuberto de finas lãas,
e assoviar o mocho,
e o triste cantar das rãas.
Já serranas ao abrigo

37-VI — pães = *trigos*.

38-VI — Ouvirei cantar os galos
na aldêa, e ladrar os cães

Ecloga 3.^a

39-II — gado *mocho* = gado *lanigero*

IV — um mocho me acompanhava

Ecloga 2.^a

se iam, prados deixando,
as mais d'ellas sospirando:
ũa dizia:—«Ai, Rodrigo!»,
outra dizia:—«Ai, Fernando!»

40. Ña ciumes temia,
outra de si tem recôo;
ũa ouvi que dizia:
—«Quam asinha a noite vêo!»
outra:—«Já tarda o dia!»
E por este experimento
foi amor de mim julgado
por não menos ocupado
do que é o pensamento,
que nunca está descansado.

41. Alli, triste, só, saudosa,
vi, antre duas ribeiras,
ũa serrana queixosa,
carreando ñas cordeiras,
— sendo cordeira fermosa.
E, como alli tem por uso
em ãa roca fiando,
mas, com o que ia cuidando,
cahia-se-lhe o fuso
da mão de quando em quando.

42. Tendo parecer devino,
pera que melhor lhe quadre,
cantar cantou d'elle dino:
Yo me yba, la mi madre,
a Santa Maria del pino.
O vestido lhe olhei,

e vi que era um brial
de seda, e não de saial;
a qual eu afigurei
a *Menga, la del Bustal*.

43. Depois de acabar seu canto,
dezia :— « Ninguém me crea
« por me ver alegre tanto;
« visto-me á vontade alhea,
« e o meu cantar é pranto;
« anda a dor dessimulada,
« mas ella dará seu fruto;
« a minha alma traz o luito;
« de pouco são desposada,
« mas descontente de muito.
44. « Troquei amor por riqueza,
« porque m'ó trocar fizeram;
« mas bem pago esta crueza,
« que, em que cem contos me deram,
« descontaram-se em tristeza.
« A meu esposo aborreço
« quando lembrança me vem
« do primeiro querer bem;
« ninguém venda amor por preço,
« pois elle preço não tem.
45. « Não tenho que lhe falar,
« se não são cousas passadas;
« se lhe estas quero contar,
« vão ser todas namoradas
« pera o pouco namorar.

42- VII — *brial* = vestido de dama.

VIII — *saial* — tecido grosseiro.

43- IX — *são* = sou.

« Fôra elle o meu amor,
« e vivera eu pobremente!
« Que grande engano de gente!
« Que pobreza ha hi maior
« que a vida descontente?!

46. « Quando com elle me assento,
« mil vezes cáio em mingoa,
« porque, por esquecimento,
« falando, descobre a lingoa
« o que jaz no pensamento.
« Faz-nos isto então ficar,
« eu muda, elle mudado;
« ama-me como é amado;
« pera me d'isto guardar,
« por bem ei o guardar gado.

47. « Maria perdi, mesquinha;
« logo, em sermos apartadas,
« de meu mal fui adevinha.
« Melhor sejam suas fadas
« do que foi a fada minha!
« Deos a dê ao seu Crisfal
« por ambos contentes ser;
« e mais não lhe quero ver,
« mas já sei, pelo meu mal,
« o bem d'outrem escolher.»

48. Quando a eu assi ouvi
doer-se de minha pena,
com novos olhos a vi,
e então que era Elena,
minha amiga, conheci.
Esta pastora e dama
certo que melhor lhe ia
quando a cantar ouvia,

dando fé que em sua cama
o velho não dormiria.

49. Pena me deu não querer
vê-la em tal tristeza posta ;
quisera-lhe eu responder,
mas trespôs ãa trespоста,
pelo qual não pôde ser.
Depois de ver-me sem vê-la,
os meus olhos me choraram ;
quantas cousas lhe lembraram
que antre mim, Maria, e ella
em outros tempos passaram !

50. Des que isto meu cuidado
me esteve fazendo guerra,
sendo o dia já passado,
vi-me levado da terra,
contra as nuvens alçado.
Então, como ave voante
de quem me ali trouxera,
sonhei que levado era
contra onde a tarde ante
o sol vi que se posera.

51. Indo com não menos dor,
inda que com mais socego,
os ventos me foram pôr
depois de passar Mondego
sobre as serras de Lor.
Vão alli grandes montanhas
de alguns valles abertas,
todas de soutos cubertas,

aos naturais estranhas,
mas á saudade certas.

52. Junto de ãa fonte era
o lugar onde fui posto,
onde, certo, não quisera,
sendo bem lugar de gosto
pera quem gosto tivera;
mas, a mim, nem o passado
nem o que era presente
nada me não fez contente,
que, nisto, o magoado
é como o muito doente.

53. Cuberta era a fonte
de tam fresco arvoredos,
que não sei como o conte,
mui quieto e mui quedo,
por ser antre monte e monte.
A noite de ventos muda.
Como saudade se colha,
e porque mais prazer tolha,
chovia agoa meuda
por cima da verde folha.

54. Depois que alli chegava,
ou depois que alli cheguei,
sonhava que acordava,
e do que atrás passei
de ser sonho me lembrava.
O que então me era mostrado

52-VIII — No português antigo, são frequentes duas
negativas a preceder o verbo.

53-VIII — *porque* = *para que*.

tendo só por verdadeiro,
ao pé de um castanheiro
me pus, triste, assentado,
ouvindo o tom d'um ribeiro.

55. Meus olhos e eu passámos
alli a noite em amores
até que ao tempo chegámos
a que nós outros, pastores,
o dilúculo chamâmos.
Naqueste tempo corrompe
a ave que chamam leal
o silencio do seu mal,
que é quando a alva rompe
e ao dia faz sinal.

56. E então porque tudo fale,
contando minhas paixões,
que rezão é que não cale,
ouvi gritar uns pavões
lá no mais baixo do valle,
trás d'isto, pouco tardando,
um doce cantar ouvia,
que na minha alma cahia,
o qual eu, bem escutando,
entendi que assi dizia :

55- VI — *corrompe* = interrompe, quebra

VII — *a ave que chamam leal* : diz-se do rouxinol,
que é ave que não engana.

Esta ave tem seus amores
Co'as flores
Dous meses, não mais, no anno,
Porém ama *sem engano*.

Gil Vicente — Auto das Fadas.

57. *Não sei pera que vos quero,
— pois me d'olhos não servis,
olhos a que tanto quis !*
58. *Pera ver me fostes dados,
e vós a chorar vos destes,
e, se eu tenho cuidados,
meus olhos, vós m'os fizestes ;
des que nelles me pusestes,
do descanso me fogis,
olhos a que tanto quis !*
59. *Meus olhos, por muitas vias,
usais comigo cruezas ;
tomais as minhas tristezas
pera vossas alegrias ;
entram noites, entram dias,
olhos, nunca me dormis,
olhos a que tanto quis !*
60. *Quando vós primeiro vistes,
que não me era bom sabieis ;
mas, por gosar do que vieis,
em meu dano consentistes ;
o que então me encobristes
agora m'ó descobris,
olhos a que tanto quis !*
61. *Ando-vos a vós buscando
cousas que vos dem prazer,
e vós, quanto podeis ver,
tristezas me andais tornando ;
agora vou-vos cantando,
vós a mim chorando me is,
olhos a que tanto quis !*

62. Quem o que digo cantava,
des que o cantado teve,
não sei o que o causava,
mas espaço se deteve,
assi como que cuidava ;
depois de cuidado ter,
a voz de novo alçou,
e este cantar começou,
o qual devia de ser
aquillo em que cuidou :

63 *Como dormirão meus olhos ?
Não sei como dormirão,
pois que vela o coração.*

64. *Toda esta noite passada,
que eu passei em sentir,
nunca a eu pude dormir,
de ser muito acordada ;
dos meus olhos foi velada ;
mas como não velarão,
pois que vela o coração ?*

65. *As oras d'ella cuidei
dormi-las ; foram choradas ;
pois, tam bem as empreguei,
dou-as por bem empregadas.
Todas as noites passadas
neste pensamento vão,
pois que vela o coração !*

66. *Passaros, que namorados
pareceis no que cantais,*

*não ameis, que, se amais,
de vós sereis desamados.
Em meus olhos agravados
vereis se tenho razão,
pois que vela o coração.*

67. Como a cantiga mostrava,
femenil, a meu cuidar,
era a voz de quem cantava,
que, por mais de bem cantar,
em ouvir me contentava;
porque, de quem ser podia,
então suspeita me deu,
que todo o cantar seu
era o da minha Maria
ou a do desejo meu.

68. Com um temeroso prazer
que soe ter quem deseja,
esperava eu de ver
a quem eu ainda veja
antes da vida perder.
Neste desejo, de cima
estando-a eu ouvindo,
a Deos por ella pedindo,
vi-a vir o valle acima,
em seu cantar proseguindo.

69. Muito a vi eu mudada,
mas comtudo conheci
ser a minha desejada
a que, assi vendo, vi,
a vista no chão pregada,
com o seu cantar pensoso,

e passadas esquecidas
a o tom d'elle medidas,
vestida vir de arenoso,
as mãos nas mangas metidas.

70. Ua coifa não lavrada,
antes sem nenhum lavor,
e em cima, por mais dor,
ũa talhinha pedrada,
ou um pedrado atamor.
Quisera-a ir receber
vendo-a ante mim presente,
mas não pude, de contente,
que, indo pera o fazer,
de prazer me achei doente.

71. Vendo então que me forçava
o prazer fazer demora,
olhei o que mais passava,
e vi que áquella ora
comigo emparelhava;
dando uns mui doces brados
saidos do coração,
á cantiga vinha então:
Em meus olhos agravados
vereis se tenho rezão.

69-VII — *de arenoso* = *côr de areia*: amarelo, *côr* simbólica do pesar ou desespero.

Vestida toda amarella,
Porque desesperem d'ella

Gil Vicente — Côrtes de Jupiter.

70- V — *atamor* = *bilha*.

71-VII — saidas do coração

Ecloga 5.^a

72. A o que eu responder
me lembra : — « São agravados ?
« Podem logo os meus dizer
« que são bem-aventurados,
« pois que vos podéram ver ! »
Como ella em me ouvir
gram sobresalto sentisse,
quis fogir, mas quem lhe disse
que se posesse a fogir
lhe fez com que não foggisse.

73. Nas molheres o temor
tanto o poder empede
quanto o medo maior for,
e contra d'onde procede
os olhos costumam pôr.
Ella, fazendo assim,
vendo-me, ficou mudada ;
depois, já em si tornada,
se chegou mais pera mim,
a ser bem certificada.

74. Depois de me visto ter,
e já que me conhecia,
lagrimas lhe vi correr
dos olhos, que não movia
de mim, sem nada dizer.
Eu lhe disse : — « Meu desejo »,
vendo a tal com assás dor,
« desejo do meu amor,
« crerei eu a o que vejo,
« ou crerei ao meu temor ? »

75. A isto, bem sem prazer,
me tornou então assim,
com voz de pouco poder :

— « Crisfal, que vês tu em mim
« que não seja pera crer? »
Eu lhe respondi: — « Perder-vos
« de vos ver por tanto anno
« faz-me assim temer meu dano,
« que vejo meus olhos ver-vos,
« e temo que me engano! »

76. -- « Pois crê, certo, que esta são »,
deu a isto por reposta,
ainda que alegre não,
« e quem em tal dor é posta
« o que d'ella não crerão?
« Bem é de crer o meu choro
« a que tu causa me déste;
« não te espante o que fizeste,
« que quem me pôs neste foro
« tu és o que me poseste.

77. « Por ti me vi desterrada
« em estas estranhas terras
« de d'onde eu fui criada,
« e, por ti, antre estas serras,
« em vida, são sepultada:
« onde a se me perderem
« a frol dos annos se vão;
« ora julga se é rezão
« das minhas lagrimas serem
« menos d'aquestas que são! »

78. Depois que isto falou,
como quem a si respeita,

as mãos ambas ajuntou,
e, postas na face direita,
dizer assi me tornou :
— « Sobre o muito que perdi,
« nenhũa cousa duvido
« em ter o saber perdido,
« pois tam mal me defendi
« do que me era defendido. »

79. Eu lhe perguntei a-ora,
mui triste de assi a ver :
— « Quem teve tanto poder
« que tenha poder, senhora,
« de nada vos defender? »
Respondeo por antre dentes,
como fala quem se peja :
— « Dir t'o ei, em que erro seja :
« defendem-me meus parentes
« que te não fale nem veja.

80. « E, Crisfal, é-me forçado
« fazer a vontade sua,
« porque lh'o tenho jurado,
« e tambem porque da tua
« o certo me tem mostrado ;
« que me dão certa certeza,
« porque fazem conhecer-me

78-VII — nenhua cousa duvido

Menina e moça — Versos do Cap. XVIII

79- I — *a-ora* = *então*, *a essa hora*.

IX — *defendem-me* = *proíbem-me*.

« o que eu ei por gram crueza :
« o amor que mostras ter-me
« ser só por minha riqueza. »

81. Ouvir lhe eu isto me era
passar o trago mortal,
que não ha cousa tam fera
como é achar-se o mal
onde o bem achar se espera.
Vendo já que estava posta
em o que eu não esperei,
com minha dor trabalhei
por lhe dar esta reposta,
que me lembra que lhe dei :

82. — « O` Maria, ó Maria,
« brando acharia meu mal,
« se, pera minha alegria,
« vos vira a vontade tal
« como ella ser devia.
« Mas não é nova usança
« quem grande bem esperou
« não ver o que desejou ;
« muito pode a mudança,
« pois que tanto vos mudou !

83. « Quem podéra sospeitar
« que no amor e na fé
« me avíeis de faltar !
« Mas, pois isto assi é,
« tudo é pera cuidar,
« pois, por mais mal que se guarde,
« sempre será meu amor
« como a sombra, em quanto eu for :
« — quanto vai sendo mais tarde,
« tanto vai sendo maior.

84. « Quando vos dei a vontade,
 « inda vós ereis menina,
 « e eu de pouca idade;
 « mas cahio minha mofina
 « sobre a minha verdade.
 « Muito vos quis bem primeiro
 « que de riqueza soubesse,
 « pois meu amor verdadeiro,
 « de quem só sois interesse,
 « é quem me faz interesseiro.

85. « Sobre a terra anda o gado,
 « sobre ella ouro e riqueza,
 « mas pera que é desejado,
 « que em fim não tira tristeza
 « e acrescenta o cuidado?
 « Não sei em que se encerra
 « ser esquecida e estranha
 « esta verdade tamanha:
 « que fica o aver na terra,
 « o amor a alma acompanha.

86. « Nus neste mundo nascemos
 « e nus sairemos d'elle;

81-II-III - ... a senhora Aonia, que ainda então era don-
 zella d'antre treze ou quatorze annos...

M. e moça — Cap. XVIII

... a barba, um pouco espessa e um pouco
 crescida, que a elle traz, parece que é
 aquella a primeira ainda...

M. e moça — Cap. XVIII

85-IX-X — mandou a alma trás ella
 e o corpo ficou na serra

Eclôga 1.^a

— *aver = riqueza*

« neste meio que vivemos
« só o rico é aquelle
« que ser contente sabemos.
« E que grandes bens vos dessem
« aquelles que vo-los deram,
« eu sei bem que nus nasceram,
« e antes que os tivessem
« é certo que não tiveram.

87. « Pois se isto é assim,
« e o eu tambem conheço,
« como se crerá de mim
« que sofrer o que padeço,
« pode ser a essa fim?
« Cuidar que cuidado tinha
« das vossas riquezas grossas?!
« Das cousas passadas, nossas,
« vereis ser riqueza minha
« vós, que não riquezas vossas!

88. « Mas que fosse assi, e mais,
« que remedio vos dão,
« com quem conselho tomais
« á grande obrigação
« em que a Deos me estais?
« que não são casos pequenos
« pera que a alma não doa.»
Respondeo:—«Essa é boa!
« Dizem que isso é o menos,
« que Deos que tudo perdoa.

88-IV-V—O poeta alude ás juras de amor da sua namorada, que talvez tivesse protestado ser sua esposa.

89. « E dizem que eu moça era
« ao tempo que isso foi ser;
« como tempo de crescer
« tinha, que assi justo me era
« tê-lo de me arrepender.
« Isto, e mais se me diz,
« — crê que te falo verdade,
« que não tinha liberdade
« pera fazer o que fiz,
« por minha pouca idade.
90. « Então me mandam que meça
« amor com quam longe estamos,
« pera que mais não me empeça,
« e, se prazeres passamos,
« os dessimule e esqueça;
« e que então me buscarão
« um mui grande casamento,
« tam de meu contentamento
« quanto meus olhos verão,
« e que o mais, crea, que é vento.
91. « E eu, de mi esquecida,
« vou-lhe fazer o contrario !
« A ser tal culpa sabida,
« sei certo que este desvairo
« pagarei com minha vida.
« E em isto ser assi
« assás de rezão seria,
« pois tam mal naqueste dia
« o seu mandado compri,
« como o que me a mi compria.

91- II — *contrairo* = *contrário*.
IV — *desvairo* = *desvario*.

92. « Não te veja aqui ninguem ;
« vai-te, Crisfal, d'esta terra ;
« não quero teu querer bem,
« porque me não dê mais guerra
« da que já dado me tem ! »

Em lhe eu isto ouvindo,
fui pera lhe responder,
mas, depois de o dizer,
contra d'onde tinha vindo
se me tornou a volver.

93. Dei-lhe ũa voz mui sentida :
— « Porque me negas conforto,
« alma desagradecida ? »

Então, cahi como morto ;
oxalá perdera a vida !
Não sei eu o que passou
em quanto isto passei,
mas junto comigo achei
quem me este mal causou,
depois já que em mim tornei.

94. E dizendo : — « O' mesquinha ! »
« como pude ser tam crua ! »

bem abraçado me tinha,
a minha boca na sua,
a sua face na minha.
Lgrimas tinha choradas,
que com a boca gostei,
mas, com quanto certo sei
que as lagrimas são salgadas.
aquellas doces achei.

95. Soltei as minhas então,
com muitas palavras tristes,
e tornei, por concrusão :
— « Alma, porque não partistes,
« que bem tinheis de rezão ? »
Então ella assi, chorosa,
de tam choroso me ver,
já pera me socorrer,
com ãa voz piadosa
começou me assi dizer :
96. — « Amor de minha vontade,
« ora não mais, Crisfal manso,
« bem sei tua lealdade ;
« Jesu, que grande descanso
« é falar com a verdade !
« Eu sei bem que não me mentes,
« que o mentir é deferente ;
« não fala d'alma quem mente ;
« Crisfal, não te descontentes,
« se me queres ver contente.
97. « Quando contigo falei
« aquella ultima vez,
« o choro que então chorei,
« que o teu chorar me fez,
« nunca o esquecerei.
« Foi esta a vez derradeira,
« mas começo de paixão,
« passando-me eu então
« pera o casal da Figueira
« do Val de Pantalião.

98. « Minha fé te é verdadeira ;
« no mal que te fiz o vi,
« porque em fim, á derradeira,
« não quero mal contra ti
« que o meu coração queira.
« Por me ver livre de dor,
« deixara eu de te querer,
« se o podéra fazer ;
« mas poder e mais amor
« não podem estar num poder. »
99. Neste passo, acordei eu,
e o meu contentamento,
que eu cuidava que era meu,
deu-me depois tal tormento
qual nunca cousa me deu.
Não sei que a Deos custava,
porque não me outorgara
que nesta gloria ficara,
ou, pois já me acordava,
que d'isto não me acordara.
100. Assi como nos lugares,
em morte e enterramento,
os sinos dobram a pares,
morreo meu contentamento,
dobraram-se meus pesares.
Por quam gram dita tivera
se, por dar fim á tristura,
eu neste tempo morrera !
Sabe Deos que bem quisera,
mas não quis minha ventura.

98- III — á derradeira == por ultimo, em fim de contas.
100-VII — por = para.

101. Não vos posso mais contar,
agoas minhas, minhas agoas,
que me não deixa o pesar.
Ora chorai minhas magoas,
que bem são pera chorar;
que em que cem olhos tivera,
como teve Argos pastor,
da vaca Io guardador,
mais olhos mister ouvera
pera chorar tanta dor.
102. Por me isto alembrar,
não vos pareça historia,
que as cousas de muita gloria,
como as de muito pesar,
recebe bem a memoria.
Por sonho, ante vós ponho
o que eu, velando, vi;
por meu mal foi todo assi;
mas seja pera vós sonho,
pois sonho foi pera mi.

AUTOR :

103. Isto que Crisfal dizia,
assi como o contava,
ũa ninfa o escrevia,
num álemo que alli estava,
que inda então crescia.
Dizem que foi seu intento
de escrevê-lo em tal lugar
pera, por tempo, se alçar

onde baixo pensamento
lhe não podesse chegar.

104. Eu o treladei d'alli
d'onde mais estava escrito
que aqui não escrevi,
porque em mal tam infinito
não se pode dar a fim.
O que se fez de Crisfal
não sabe, certo, ninguém;
muitos por morto o tem,
mas quem vive em tanto mal
nunca vê tamanho bem!

Poesias ignoradas

DE

Bernardim Ribeiro

Reproduzidas de um *pliego-suelto*
de 1656 existente na Biblioteca Na-
cional de Lisboa.

I

*Menina fermosa,
dezei do que vem
que sejais irosa
com quem vos quer bem.*

ELLE : Porque se concerta
rosto e condição,
dais por galardão
a pena mui certa.
Sendo tam fermosa,
dezei do que vem
que sejais irosa
com quem vos quer bem

ELLA : Que me dá a mim d'isso
que vós padeçais?
será por demais
o vosso serviço.
Não serei piadosa
nunca com ninguem,
senão sempre irosa
com quem me quer bem.

ELLE : Mostrai-vos sogeita,
menina tam bella,

pois vós sois aquella
que Deos fez direita.
Pois sois tam fermosa,
muito vos convem
seres piadosa
com quem vos quer bem.

Teres piadade
não vos custa nada,
que vos é taxada
tanta crueldade.
Cruel e fermosa
não no é ninguém...
porque sois irosa
com quem vos quer bem?

ELLA : Pois que perguntais,
dir-vos-ei porquê,
porque certo é
que vos enganais.
A molher fermosa
que virtude tem
ha de ser irosa
com quem lhe quer bem.

ELLE : Com quem vos quer bem
não deveis ter ira,
quem por vós sospira
de amor lhe vem.
Mostrar tal desdem
é cousa espantosa!
não sejais irosa
com quem vos quer bem!

ELLA : Quem me injuriasse
perdoar-lhe-ia,

o que não faria
a quem me amasse.
A tenção danosa
que os homens tem,
á que é virtuosa
sofrer não convem.

ELLE : Que quereis que queira
por vos contentar?
deixar-me-ei matar,
pois sois tam guerreira.
Morte mui famosa
sofrer me convem,
porque sois irosa
com quem vos quer bem !

ELLA : Se vós vos matais,
vós sois o culpado ;
vós mesmo, coitado,
a vós condenais.
Porque, em ser fermosa,
não mato ninguem,
nem por ser irosa
com quem me quer bem.

ELLE : Mostrai vossa graça,
pois sois generosa !
mas sois tam irosa
que não sei que faça...
Menina, meu bem,
pois sois tam fermosa,
sêde piadosa
com quem vos quer bem !

Menina fermosa
ũa só bastara,

e não me matara
com ser rigorosa.
Seres piadosa
muito vos convem ;
não sejais irosa
com quem vos quer bem !

Vencer o vencido
é o morto matar ;
não queirais tomar
tam fraco partido !
Morrer me convem
morte mui penosa,
porque sois irosa
com quem vos quer bem.

ELLA : De ouvir vossa fala
não sou desejosa,
porque a virtuosa
vence quando cala.
Falar me convem *
assim desdenhosa,
porque sou irosa
com quem me quer bem.

Se usar piadade,
com ser amorosa,
serei suspeitosa
de minha bondade.
Não cuide ninguém
que por ser formosa
que seja piadosa
com quem me quer bem.

* No pliego suelto : Falar não convem

Eu sou mui menina,
de mui pouca idade ;
minha mocidade
a amores me inclina.
A tenção danosa
que os homens tem
me faz ser irosa
com quem me quer bem.

ELLE : Vossa fermosura,
com serdes menina,
a todos inclina
pedir sepultura.
Morte mui danosa
sofrer me convem,
porque sois irosa
com quem vos quer bem.

ELLA : Olhai cá, meu amo,
sois mui despejado ;
se sois avisado,
já vos desengano.
Sei que sou fermosa ;
se por tal me tem,
ei de ser irosa
com quem me quer bem.

Não quero mensagem ;
que quereis de mim ?
deixai o latim,
e falai lingoagem.
Eu não sei pôr grossa
ao mal que vos vem ;
e se sou irosa
faço muito bem.

ELLE : Eu sei português,
 não falo latim ;
 espero a fim
 que vós me dareis.
 E, pois sois fermosa,
 morrer me convem,
 porque sois irosa
 com quem vos quer bem.

ELLA : Sempre portugueses
 tem louca ousadia ;
 minha fantasia
 é a dos Menezes.
 Se sou tam fermosa.
 e por tal me tem,
 e se sou teimosa,
 sei que faço bem.

 Prometi ser freira,
 e fiz profissão,
 com vontade inteira,
 no meu coração.
 E' mui virtuosa
 quem tal tenção tem,
 e se sou irosa
 não me culpe alguem.

ELLE : Mais sois vós perfeita
 pera casamento,
 que pera convento
 serdes tam sogeita.
 Sois mui enganosa,
 e d'aqui vos vem
 que sejais irosa
 com quem vos quer bem.

ELLA : A molher guarida, *
em que seja boa,
de toda a pessoa
é favorecida.
E muito danosa
quem virtude tem
se for amorosa
com quem lhe quer bem.

Quem me vir falar
com tanto despejo,
cuida que desejo
de vos agradar.
E, se sou fermosa,
não cuide ninguem
que ei de ser piadosa
com quem me quer bem.

Não quero agora
falar com meu pai;
o dia se vai...
ficei muito embora !

ELLE : Não se vá, minha rosa,
que morto me tem...
por ser tam irosa
com quem lhe quer bem !

* guarida = no sentido de *recatada* ?

II

*Na fonte está Lianor
lavando a talha, e chorando,
às amigas perguntando:
vistes lá o meu amor?*

Lianor na fonte estava
onde a talha encher queria;
com a agoa que corria
de seus olhos a lavava.
Fortemente lamentando,
chorava com grande dor,
às amigas perguntando:
—« vistes lá o meu amor? »

Seus olhos tornados fontes
todas as faces cobriam;
as lamentações enchiam
do eco valles e montes.
Mui fortemente clamando
dezia com grande dor:
—« valles que estais retumbando,
« vistes lá o meu amor? »

Tinha ãa amiga sua
que se chamava Luzia,

a qual muito a reprimia
porque era consigo crua.
Dezia-lhe : — « Lianor,
« se andasses como eu ando,
« não andarias chorando
« em busca do teu amor!

« Tu segues a quem te foge,
« eu fujo a quem me segue;
« nunca busques quem se negue,
« nem queiras a quem te enoje.
« Pesa-me de tua dor;
« por certo mui triste ando
« de te ver andar chorando
« em busca de teu amor.

« Tu és fermosa e galante;
« se eu parecesse tam bem,
« não amaria ninguém,
« nem que fosse o nosso Infante!
« Olha cá, mana Lianor,
« não sei porque andas chorando,
« que assi fêa como ando
« não me falta servidor... » —

— Quem não tem necessidade,
não sente a de ninguém;
tu respondes como quem
tem inteira liberdade.
Se te eu visse estar queimando
em vivo fogo de amor,
andarias como eu ando:
chorando com tanta dor... —

— « Eu nasci em Fevereiro,
« temo a calma de Agosto;

« em que não tenha bom rosto,
« Deos me dará bom parceiro.
« Arrenega do amor,
« pois te faz andar penando,
« pelos valles lamentando
« a quem é teu servidor.» —

— Falas como quem não sente;
não sente quem bem não quer. .
dize como pode ser
penada viver contente? —

— « Se eu não ando chorando *
« em busca do meu amor,
« andam-me a mim buscando,
« porque não sou Lianor.» —

— Penada, viver contente,
isso é contrario effeito,
que quem rezão não consente
isso é ser contra direito.—

— « Olha, mana Lianor,
« não estês filosofando,
« que se viveres chorando
« rir-me-ei do teu amor.

« Amor quer dizer que ama,
« este é o nome d'elle;
« e se elle te desama
« dá-lhe tu ao demo a pelle!
« Amor chamas tu, Lianor,
« o que faz andar penando,

* No pliego-suelto: *E se eu ando chorando.*

« e de contino chorando..
« dá ao demo tal amor! »

— Meu pesar eu te confesso
que o tomo por prazer,
e folgo de padecer
esta pena que padeço.
Inda que seja maior
o trabalho em que ando;
quando seja mais penando,
então sinto menos dor —

— « Se és contente, porque choras?
« se choras, como és contente?
« se és sãa, como és doente?
« pois cada dia empioras!
« Andas de mal em pior,
« por ti só te estás matando...
« se alguém te está preguntando
« dizes que não sentes dor!

« Sómente por não parir
« não quero ser namorada,
« que se eu fosse casada
« não me avíeis de arguir.
« Quando vejo aquella dor
« do parto estar-se finando,
« estou antre mim jurando
« de nunca tomar amor.»

— Dor é bem pera doer
a do parto, se lembrasse,
porém quando o filho nace
tudo lhe faz esquecer...
Grande cousa é o amor
a quem o tem do seu bando,

e por isso anda chorando
a triste da Lianor! —

— « Ua molher vi morrer
« de parto de ãa criança;
« jurei ante a visinhança
« de nunca casada ser.
« Bem posso eu, Lianor,
« andar sempre como ando,
« mas nunca ei de andar chorando
« em busca do meu amor.»

— Eu, Luzia, ei de casar,
em que padeça tormento,
que do parir e criar
nasce o merecimento.
Em que agora ande chorando,
buscando com grande dor,
ei de viver descansando,
contente de meu amor. —

Da fonte fez a ventura;
não devera isso assim ser.
que sua graça e fermosura
tinha outro merecer...
Mas não chora Lianor
por servir, nem estar lavando...
era sua morte quando
lhe tardava seu amor...

Trazia as almas contadas,
a conta nalma trazia...
olhava... via as pisadas...
seu amor não parecia!
Não via o seu amor,
mas parece, em as olhando,

a fermosura chorando
nos olhos de Lianor.

Da fonte se despedia
com amigas que ahi estavam...
todas, as talhas levavam
enramadas de alegria.
Não levava Lianor
mais que dos seus olhos agoa .
a talha cheia de magoa,
por não ver o seu amor!

III *

*Isabel e mais Francisca
ambas vão lavar ao mar;
se bem lavam, melhor torcem;
namorou-me o seu lavar. * **

Lavam com grande socego,
sem fazer nenhum roído;
inda que o mar ande vivo,
por ellas quer abrandar.
Ambas postas a um penedo,
cantando este cantar;
se bem lavam, melhor torcem;
namorou-me o seu lavar.

Vão-se ao longo da praia
apartadas do lugar;
a roupa vem a lavar
á sombra de ãa faia.

* Veja-se a composição XXXI da nossa edição das *Trovas de Crisfal*.

* * No pliego-suelto, este verso, como todas as glosas, em vez de : *namorou-me o seu...* tem: *namorei-me do seu...*

Isabel levanta a saia,
Francisca deixa-a molhar ;
se bem lavam, melhor torcem ;
namorou-me o seu lavar.

Na agoa se descalçando
estas meninas tam bellas
camisas de olanda lavam,
e as mãos mais alvas que ellas.
Que mil cuidados vão dando,
isto não posso negar !
se bem lavam, melhor torcem ;
namorou-me o seu lavar.

Seus olhos resplandecentes
mais que pedra cristalina ;
a agoa que das mãos corre
era como prata fina
O amor cego me inclina
a por ellas sospirar ;
se bem lavam, melhor torcem ;
namorou-me o seu lavar.

Veio assim tambem Maria,
amiga d'ambas de duas,
com quatro amigas suas
que lhe tinham companhia.
Meteram-se na agoa fria
que corre junto do mar ;
se bem lavam, melhor torcem ;
namorou-me o seu lavar.

Lavavam em ãa fonte
junto d'onde o mar batia ;
d'agoa que desce de um monte
ũa ribeira corria.

Não ha quem tenha ousadia
de tais ninfas requestar ;
se bem lavam, melhor torcem ;
namorou-me o seu lavar.

Eu estava escondido
dentro de úas verdes ramas,
que em ver tam lindas damas
fiquei de todo vencido.
Tirou me o cego Cupido
com seta por me matar ;
se bem lavam, melhor torcem ;
namorou-me o seu lavar.

— Pois já que todas estamos
neste lugar escondido,
bem será que nos dispamos,
e lavemos o vestido . —
Estas não tinham sabido
que as iam espreitar ;
se bem lavam, melhor torcem ;
namorou-me o seu lavar.

Alli lavava Guiomar,
Joana, e tambem Luzia, *
que vieram com Maria,
que estava pera casar.
Nunca se quis descalçar
nem despir, por mais que a forcem ;
se bem lavam, melhor torcem ;
namorou-me o seu lavar.

Não me pude então sofrer
que não dissesse a Maria :

* No *pliego-suelto* lê-se : Maria.

onde está tal companhia
vos ouvéreis de despir.
Ella deitou a fogir
com a roupa por lavar;
se bem lavam, melhor torcem;
namorou me o seu lavar.

E as que estavam despidas,
sem saias e sem sapatas,
meteram se antre as matas,
mui tristes e mui corridas.
Deixam as roupas torcidas
que estavam por enxugar;
se bem lavam, melhor torcem;
namorou-me o seu lavar.

Indice

	Pag.
<i>Prologo</i>	5
 BERNARDIM RIBEIRO (<i>O Poeta Crisfal</i>)	
I. A vida do poeta em face dos documentos históricos ..	27
II. Os amores do poeta..	37
III. A estada de Bernardim na Itália.....	49
IV. Bernardim Ribeiro ao serviço do paço....	59
V. Bernardim, afastado da côrte, no Minho (?)	63
VI. As éclogas de Jano	69
VII. A «Menina e moça»	89
VIII. A parte apócrifa da «Menina e moça»	95
IX. A primeira edição das obras de Bernardim	103
X. Bernardim Ribeiro e a Escola Italiana ...	109
XI. Algumas notas sobre as primeiras edições conhecidas de obras do poeta.....	117
XII. Os pastores da Estremadura.....	121
XIII. Um romance apócrifo	125
XIV. Uma poesia de Camões attribuida a Ber- nardim.....	129
XV. As trovas de Bernardim.....	133
XVI. O Cancioneiro de Evora.....	145
XVII. A «prisão» de Crisfal	151
XVIII. Maria Brandão, a suposta amada de Crisfal	157
XIX. Cristovam Falcão, o suposto poeta.....	165
XX. O sr. dr. Theóphilo Braga reconhecendo o verdadeiro autor da écloga de Crisfal.	187

	Pág.
XXI. Três poesias ignoradas de Bernardim....	191
XXII. A amada de Sá de Miranda.....	195

Poesias de Bernardim Ribeiro que foram atribuídas a Cristovam Falcão:

I. Carta.....	207
II. Ecloga de Crisfal	213

Poesias ignoradas de Bernardim Ribeiro:

I. Menina fermosa.....	255
II. Na fonte está Lianor.....	263
III. Isabel e mais Francisca	269

Quadro genealógico dos Falcões.

D. Maria de Sousa, casada
com Pero Gomes da Silva,
alcaide mór de Campo Maior
e Ouguella.

niomar, casada com
pes de Almada.

D. Isabel de Sousa, casada
com Heitor do Carvalhal.

al D. Braçaida de Sousa, casada, 1.^o, com Antonio
ho Vaz Mergulhão, de quem houve dois filhos, tendo
m. o mais velho 6 annos em 1542. Casou, 2.^a vez, com
 Heitor de Figueiredo.

QUADRO GENEALÓGICO DOS FALCÕES

Mosen John Falconet casou com D. Catarina de Abreu, filha de Gonçalo Aires de Abreu, senhor do Castelo de Vide e Mortofo.

João Falcão, alcaide-mór de Mourão, casado com D. Branca de Sousa, filha de D. Lopo Dias de Sousa, Mestre de Castro.

D. Alvaro de Abreu bispo de Évora

Fernão Falcão, antecedido de um parente destartaria morde Murão. Foi casado com D. Violante de Vera, dama castelhana.

Gonçalo Falcão sucedeu por morte ao seu irmão na alcaidaria-mór de Mourão, que lhe foi concedida em 1477, sendo-lhe dada a vila de Pereira no termo de Coimbra. Foi casado com D. Margarida da Cunha, filha de Fernão Gomes de Lemos, senhor de Góes.

João de Sousa Falcão, filho de D. Afonso V, casou com D. Maria d'Almada, filha de D. Afonso V.

D. Leonor de Sousa, casada com Alvaro de Moura.

Maria de Sousa, casada com Fernão de Sousa, filho de D. João I, e com D. João de Sousa, filho de D. João I.

D. Edg. casado com D. Val. de Sousa, senhor de Lousa.

contra D. João

Christovam Falcão, senhor de Pereira, casou a 1ª vez com D. Isabel de Albuquerque, filha de Rui Pereira, senhor de Lousa, e a 2ª vez com D. Maria de Sousa, filha de D. João de Sousa, e a 3ª vez com D. Maria de Sousa, filha de D. João de Sousa.

João Falcão casado com D. Cecilia de Mendonça, filha de D. Rui Pereira, senhor de Lousa, e a 2ª vez com D. Maria de Sousa, filha de D. João de Sousa.

Sanches de Sousa Falcão

Uma filha, que morreu moço e se casou com D. João de Sousa.

D. João de Sousa casado com D. Cecilia de Mendonça, filha de D. Rui Pereira, senhor de Lousa, e a 2ª vez com D. Maria de Sousa, filha de D. João de Sousa.

João de Sousa casado com D. Cecilia de Mendonça, filha de D. Rui Pereira, senhor de Lousa, e a 2ª vez com D. Maria de Sousa, filha de D. João de Sousa.

Brasão de Sousa casado com D. Cecilia de Mendonça, filha de D. Rui Pereira, senhor de Lousa, e a 2ª vez com D. Maria de Sousa, filha de D. João de Sousa.

D. Leonor de Sousa casada com Alvaro de Moura.

D. João de Sousa casado com D. Cecilia de Mendonça, filha de D. Rui Pereira, senhor de Lousa, e a 2ª vez com D. Maria de Sousa, filha de D. João de Sousa.

D. João de Sousa casado com D. Cecilia de Mendonça, filha de D. Rui Pereira, senhor de Lousa, e a 2ª vez com D. Maria de Sousa, filha de D. João de Sousa.

D. João de Sousa casado com D. Cecilia de Mendonça, filha de D. Rui Pereira, senhor de Lousa, e a 2ª vez com D. Maria de Sousa, filha de D. João de Sousa.

D. João de Sousa casado com D. Cecilia de Mendonça, filha de D. Rui Pereira, senhor de Lousa, e a 2ª vez com D. Maria de Sousa, filha de D. João de Sousa.

Maria de Sousa casada com D. João de Sousa.

Conceição de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Isabel de Sousa casada com D. João de Sousa.

Luís Falcão casado com D. Cecilia de Mendonça, filha de D. Rui Pereira, senhor de Lousa, e a 2ª vez com D. Maria de Sousa, filha de D. João de Sousa.

Gonçalo Falcão, morto em D. João I, 1540.

D. Catarina de Moura, dama da Inf. casou com D. João de Sousa.

D. João de Sousa casado com D. Cecilia de Mendonça, filha de D. Rui Pereira, senhor de Lousa, e a 2ª vez com D. Maria de Sousa, filha de D. João de Sousa.

Christovam Falcão casado com D. Cecilia de Mendonça, filha de D. Rui Pereira, senhor de Lousa, e a 2ª vez com D. Maria de Sousa, filha de D. João de Sousa.

Fernão de Sousa casado com D. Cecilia de Mendonça, filha de D. Rui Pereira, senhor de Lousa, e a 2ª vez com D. Maria de Sousa, filha de D. João de Sousa.

Brasão de Sousa casado com D. Cecilia de Mendonça, filha de D. Rui Pereira, senhor de Lousa, e a 2ª vez com D. Maria de Sousa, filha de D. João de Sousa.

D. Leonor de Sousa casada com Alvaro de Moura.

D. João de Sousa casado com D. Cecilia de Mendonça, filha de D. Rui Pereira, senhor de Lousa, e a 2ª vez com D. Maria de Sousa, filha de D. João de Sousa.

Alvaro Falcão casado com D. Maria de Sousa.

Gonçalo Falcão casado com D. Maria de Sousa.

Christovam Falcão casado com D. Cecilia de Mendonça, filha de D. Rui Pereira, senhor de Lousa, e a 2ª vez com D. Maria de Sousa, filha de D. João de Sousa.

Fernão de Sousa casado com D. Cecilia de Mendonça, filha de D. Rui Pereira, senhor de Lousa, e a 2ª vez com D. Maria de Sousa, filha de D. João de Sousa.

D. João de Sousa

Alvaro de Sousa Falcão

D. Jeronima

Principaes erratas

A pag.	onde se lê:	emende-se para:
93	anagrama Inês	anagrama de Inês
166	D. Maria de Almada	D. Mecia de Almada
171	tença de 98\$734	tença de 97\$734

LIVRARIA EDITORA GUIMARÃES & C.^a

BERNARDIM RIBEIRO

Trovas de Crisfal

(Carta e Ecloga de Crisfal, Sextinas, Esparsas e Cantigas)

EDIÇÃO REVISTA POR

Delfim Guimarães

1.º volume da Biblioteca Clássica Popular: 300 rs.

BERNARDIM RIBEIRO

SAUDADES

(Historia de Menina e moça)

EDIÇÃO POPULAR REVISTA POR

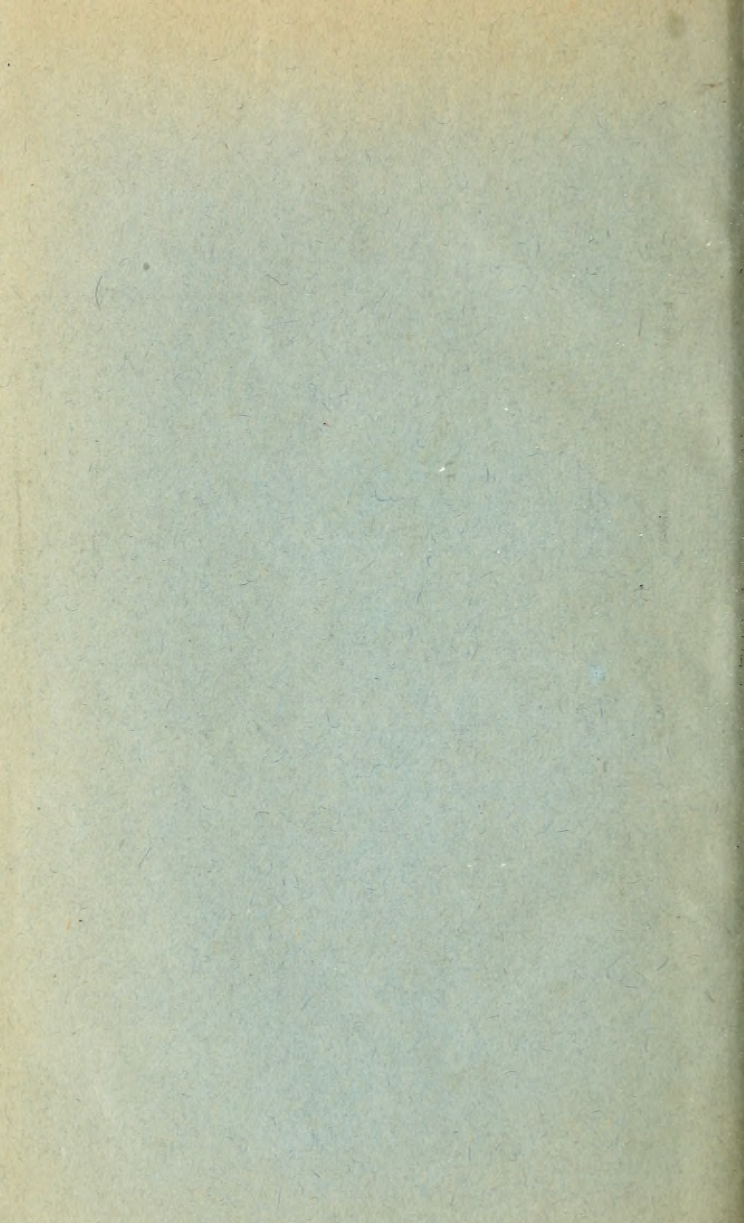
Delfim Guimarães

Vol. n.º 29 da Colecção Horas de Leitura: 200 rs.

No prélo:

SÁ DE MIRANDA

Versos portuguezes



PQ
9231
R46Z65

Brito Monteiro Guimarães,
Delfim de
Bernadim Ribeiro

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

